

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: IMAGEM E SOM  
NÍVEL: MESTRADO**

**Josaías Cardoso Ribeiro Júnior**

**CALVIN E HOBBS CONTRA O MUNDO**

Reflexões sobre a obra de Bill Waterson

**Brasília-DF**

**2011**

Josaiás Cardoso Ribeiro Júnior

## CALVIN E HOBBS CONTRA O MUNDO

Reflexões sobre a obra de Bill Waterson

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação – Universidade de Brasília, Linha Imagem e Som

Orientadora: Profa. Dra. Selma Regina Nunes de Oliveira

Brasília-DF

2011

Josaías Cardoso Ribeiro Júnior

## CALVIN E HOBBS CONTRA O MUNDO

Reflexões sobre a obra de Bill Waterson

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação – Universidade de Brasília, Linha Imagem e Som

### BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Selma Regina Nunes de Oliveira (presidente)  
Faculdade de Comunicação – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Maria Thereza Ferras Negrão de Mello  
Departamento de História – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Gustavo de Castro  
Faculdade de Comunicação – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Wagner Antônio Rizzo (suplente)  
Faculdade de Comunicação – Universidade de Brasília

*Dedico este trabalho àqueles que são as minhas constantes:  
Mãe, pai, Carla e Josie.*

## AGRADECIMENTOS

Ao Senhor, por tudo e por ser um amigo real.

Aos meus pais, pelo apoio, paciência e inspiração.

À Josie, pelo amor, carinho, por acreditar em mim e, claro, pela maravilhosa caixa *The Complete Calvin and Hobbes* (o melhor presente do mundo).

À Carla Teresa, pela inspiração, pelas dicas acadêmicas e pelo exemplo de esforço e dedicação.

À Selma, pelo tempo dedicado, pelas ajudas, correções, por todo incentivo, e por uma orientação que começou já na graduação e se seguiu na pós. Ah, e por dedicar tanto tempo a essas coisas tão legais que são os quadrinhos. Valeu!

Aos professores Thereza Negrão e Gustavo de Castro, pela disponibilidade, pelo suporte e pelas sugestões e conselhos que deram a este trabalho mais profundidade.

Ao Wagner, por estar sempre por perto, desde o primeiro semestre de FAC, lá em 2003, seja rasgando trabalhos, seja com elogios que valem ouro. Obrigado por tudo, mestre!

Ao Felipe, Schulz, Bello, Gustavo e Daniel, pela comunhão e por suportarem bem meus atrasos e períodos de recesso devido ao mestrado. Ao Schulz em especial, pela tradução do resumo.

Àqueles que me apoiaram, de uma forma ou outra, nesse período de mestrado. Queria citar todos, mas já me lembrei de uns cinquenta nomes e a página está acabando... a todos vocês, obrigado!



- Bill Waterson

## RESUMO

Este trabalho analisa a tira em quadrinhos *Calvin e Haroldo* usando como base os estudos sobre o imaginário, e fazendo uso de outras ferramentas como a análise do discurso, estudos sobre representações sociais e psicologia infantil. Identificou-se sentidos do discurso de Bill Waterson em cada um dos personagens de sua tira, tanto os protagonistas Calvin e seu tigre, quanto dos coadjuvantes. Analisa-se como Waterson trata de questões existenciais (Deus, homem, autoridade, ética) usando o cotidiano de um garoto de seis anos para tratar dessas questões. É estudado também o relacionamento entre o garoto e os outros personagens, mostrando como esse diálogo entre o menino e o mundo ao seu redor revela a visão de mundo de Waterson, além de construções e representações sociais reproduzidas e reelaboradas pelo cartunista. Por fim, tendo em vista que a escolha dos nomes dos protagonistas Calvin e Haroldo (Hobbes, originalmente) vem dos pensadores João Calvino e Thomas Hobbes, usa-se o que foi constatado nessa pesquisa inicial para comparar o discurso de Bill Waterson com o pensamento de Thomas Hobbes e João Calvino.

Palavras-chaves: Comunicação. Histórias em Quadrinhos. Imaginário. João Calvino. Thomas Hobbes. Bill Waterson. Educação. História. Psicologia. História cultural.

## **ABSTRACT**

This research analyzes the Calvin and Hobbes comic strip using as base the studies on the imaginary, and using other tools as well, such as the discourse analysis, studies on social representations and child psychology. It was identified meanings in the discourse of Bill Waterson in each of the comic characters, from the main ones, Calvin and his tiger, to the secondary characters. It is analyzed how Waterson treats existential issues (God, man, authority, ethics) using the daily life of a six-year-old boy to deal with these issues. It is also studied the relationship of the boy with the other characters, showing how this dialog between the boy and the world around him reveals Waterson's worldview, and social constructions and representations reproduced and reworked by the cartoonist. Finally, bearing in mind that the choosing of the characters names, Calvin and Hobbes, came from thinkers John Calvin and Thomas Hobbes, it is used what was found in this initial research to compare the discourse of Bill Waterson with the thought of Thomas Hobbes and John Calvin.

Key-words: Communication. Comic books. Imaginary. John Calvin. Thomas Hobbes. Bill Waterson. Education. History. Psychology. Cultural history.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>11</b>
<b>1 “Academia, aí vou eu!”</b> .....	<b>13</b>
<b>2 Objetivos</b> .....	<b>20</b>
<b>3 Referencial Teórico</b> .....	<b>20</b>
3.1 Histórias em quadrinhos.....	21
3.2 O imaginário.....	28
3.3 O humor .....	32
3.4 Outras ferramentas .....	35
<b>4 Corpus</b> .....	<b>37</b>
<b>5 Metodologia</b> .....	<b>39</b>
5.1 Pesquisa bibliográfica .....	40
5.2 Pesquisa descritiva .....	40
5.3 Pesquisa histórica .....	41
5.4 Pesquisa explicativa.....	41
5.5 Pesquisa comparativa .....	41
5.6 Estudo de caso .....	42
<b>6 Um cartunista, um teólogo e um filósofo</b> .....	<b>43</b>
6.1 “Meus quadrinhos são uma espécie de autorretrato” .....	43
6.2 Chinês, estranho e mitológico .....	52
6.3 Poderás tirar com um anzol o Leviatã? .....	58
<b>7 Um menino e um tigre contra o mundo</b> .....	<b>65</b>
7.1 “A realidade continua a arruinar minha vida” .....	65
7.2 “Tigre, tigre!” .....	74
7.3 “Sonhamos para não termos que ficar longe por tanto tempo.” ....	79
7.4 “É espantoso o que fazem com papelão hoje em dia.” .....	85

7.5 “Não está arrependido de nós termos o Calvin, está?” .....	90
7.6 Abaixo as meninas sebosas!.....	98
7.7 Aprendiz de demônio .....	101
7.8 A vingança da babá .....	106
<b>8 Calvino e Hobbes.....</b>	<b>111</b>
8.1 A condição humana .....	112
8.2 Meninos e meninas .....	120
8.3 A autoridade.....	123
8.4 Uma teologia calvinista .....	126
8.5 O bom velhinho e o mau menino .....	131
<b>Conclusão .....</b>	<b>136</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>139</b>

## Introdução

Apesar do crescente reconhecimento da importância das histórias em quadrinhos tanto no meio acadêmico quanto no noticiário popular e nos lançamentos das editoras, ainda hoje é comum a noção de que “quadrinhos são coisa para criança”. Assim, quando encontra em seu jornal uma tira estrelada por um menino de 6 anos e um tigre falante, o leitor mais desatento verá entre aqueles quadros, no máximo, anedotas engraçadas, com a mera intenção de fazer rir. E elas farão rir. Porém, debaixo do enredo aparentemente singelo e da simples estrutura “criança e amigo imaginário”, Calvin & Hobbes (conhecida no Brasil como Calvin & Haroldo) apresenta significações e reflexões complexas, algumas vezes mais intrigantes que aquelas que povoam os cadernos principais de um jornal.

A seção de tiras em quadrinhos atrairá a criança? Sim. E certamente ela fará ótimo proveito dessas páginas. Porém, o adulto que relega obras como Calvin & Hobbes à categoria de diversão infantil provavelmente se esquece de que outro adulto a desenhou e escreveu. Bill Waterson, criador da tira, apresenta em cada história curta sua visão de mundo, sua personalidade, suas certezas e, mais frequentemente, suas dúvidas. A história em quadrinhos, não raro, é um convite do criador a seu leitor, chamando-o: “venha, vamos imaginar juntos”. Diferente de um debate formal, a tira é uma simpática abertura em que o autor sugere algo à mente do leitor – e vice-versa. É um espaço em que pensamos sobre assuntos às vezes esquecidos no cotidiano e passeamos por fantasias de infância perdidas na rotina da vida adulta.

É certo dizer que um dos fatores de sucesso da série são essas reflexões sobre a própria vida, apresentadas de uma maneira bem-humorada e descontraída. Calvin e Hobbes agem como porta-vozes de Waterson, apresentando muitas vezes o que pensa seu autor ou, pelo menos, algo em que ele gostaria de pensar e expressar. Calvin & Hobbes também nos mostra o contexto em que o cartunista estava inserido – em que construções sociais Waterson habitava, e como elas deram rumo a suas histórias. O leitor de hoje

verá de modo diferente as provocações do autor, mas algo não muda – o debate mediado pelo menino e seu tigre está sempre pronto a acolher aquele que folhear suas tiras.

De fato, a própria origem do nome dos personagens demonstra a vocação filosófica e debatedora da tira de Waterson. É geralmente aceito que Calvin e Hobbes tiveram respectivamente seus nomes inspirados no reformador protestante João Calvino e no filósofo Thomas Hobbes.

Como Waterson, esses dois homens também apresentaram sua visão de mundo e seu contexto social aos seus leitores, com seus discursos recebidos em especial no mundo ocidental. Calvin & Hobbes, como fruto de uma sociedade amplamente moldada por esses pensadores, pode apresentar em suas histórias muito mais que apenas a “coincidência” de nomes. É sobre essa conversa entre Waterson, seus precursores e os desdobramentos das palavras de Calvino e Hobbes que desejamos, também, conversar.

## 1 “Academia, aí vou eu!”

Em uma das primeiras tiras, Bill Waterson inicia um mecanismo narrativo que será usado muitas vezes pelos próximos anos na série, sem cansar ou se repetir. Vemos Calvin e Hobbes, em um carrinho, descendo uma ladeira e terminando sua viagem em um lago. Seria uma piada simples, se não estivesse ali um diferencial quase perturbador. Enquanto o veículo move-se para o que parece ser seu inevitável destino, um questionamento que paira sobre teólogos e filósofos há milênios é levantado pelo garoto – será que caminhamos mesmo para esse inevitável destino?



*Bill Waterson, 1985*

Aquele que, mesmo em uma conversa informal no bar ou no ônibus já pensou sobre esse assunto, sabe que um assunto assim pode levar alguém a inúmeros questionamentos. Os debates prolongados (e às vezes, até furiosos) dentro de academias e igrejas nos mostram que essa é uma questão que sempre assombrou aqueles que decidiram tratá-la seriamente.

No entanto, ali a predestinação, tema popularmente associado a João Calvino, é tratada de maneira divertida e bem-humorada em apenas quatro quadros. Evidentemente, há nessa historinha um desejo de responder ou, pelo menos, levantar perguntas que dizem respeito aos grandes temas da humanidade. Waterson, como ser pensante, também está interessado

nessas questões – ainda que pareça não ter grandes pretensões além de expor a si mesmo por meio de seus personagens.

Os pensadores João Calvino e Thomas Hobbes foram homens diferentes, mas têm em comum entre si, e com Bill Waterson, o fato de dedicarem boa parte de suas vidas escrevendo e pregando sobre temas universais, como Deus, a vida, o Estado, a moralidade e, em especial, a condição humana. A produção dos dois autores é vasta e os temas de suas obras abrangem a totalidade de nossas vidas. Distantes deles estão os personagens Calvin e Hobbes, protagonistas de uma história em quadrinhos, que não têm, portanto, tratados como *As Institutas da Religião Cristã* do reformador francês ou *Leviatã* do filósofo inglês em suas curtas tiras diárias.

Porém, talvez a distância seja apenas aparente. Além dos temas tratados, a coincidência de nomes entre o garoto, o tigre e esses homens do passado mostra uma pequena ligação entre os personagens históricos e os personagens das tiras. Esse vínculo deu início a essa pesquisa.

No processo de escolha de um nome para algo ou alguém, seja este inominado um produto, um personagem, um local, ou mesmo uma pessoa, não tomamos decisões de maneira despropositada. Nomes associam-se a eventos ou situações por que passamos (ou até que esperamos passar), a pessoas que conhecemos, a histórias que vivemos. O nome que escolhemos remeterá a algo. Um jogador batiza seu cavalo de Veloz sonhando com as habilidades e vitórias dele, um pai evita um nome ridículo para a filha a fim de que ela não se sinta rebaixada pelos colegas no futuro, uma praça recebe a alcunha de um vulto memorável de uma nação justamente para ele continuar a ser memorável.

O próprio Thomas Hobbes nos diz o seguinte, a respeito da escolha de nomes:

Um nome é uma palavra escolhida ao arbítrio dos homens como marcas que podem fazer surgir na mente pensamentos similares aos pensamentos passados e que, quando dispostas numa oração e pronunciadas aos outros,

podem ser signos dos pensamentos que os precederam ou não na mente de quem os profere.<sup>1</sup>

A questão da escolha dos nomes para o garoto e seu tigre sempre atiçou a curiosidade dos leitores. É certo que existem motivos (ainda que muitas vezes o autor até já tenha esquecido) para as decisões tomadas por Waterson. Isso não quer dizer que encontraremos uma intenção de homenagear ou copiar a personalidade de Calvino e Hobbes em seus homônimos, nem uma ligação total entre eles. Mas é certo que, em algum momento, existiu uma escolha e, como propôs o filósofo inglês, pensamentos e eventos anteriores foram invocados.

Nenhuma obra artística surge do nada. Bill Waterson diz, a respeito de Calvin & Hobbes, que “tudo o que tem a ver com Calvin e Hobbes expressou minhas próprias ideias, meus próprios valores, meu próprio jeito. Escrevi cada palavra, desenhei cada linha e pinteí cada cor... tentei mostrar meu apreço pela tira dando tudo o que tinha”<sup>2</sup>. Com isso, vemos que estamos diante de uma obra original, mas que ao mesmo tempo está impregnada por todo tipo de referência que Waterson guardou em sua caminhada até (e depois de) chegar à publicação diária em jornais.

É possível que, em suas reflexões, Bill Waterson desejasse, propositalmente, questionar ou confirmar muitas estruturas sociais e pessoais que foram forjadas por Calvino e Hobbes. A convicção que os dois pensadores tinham sobre a existência de Deus, por exemplo, não é a mesma que Calvin tem. Estaria ali Waterson tentando fugir do pensamento protestante que moldou a cultura norte-americana? Por outro lado, símbolos e imagens que a tira apresenta são comuns a João Calvino e Thomas Hobbes: por exemplo, a ideia de vida além da morte, da importância da família e do emprego, entre outros. O pai de Calvin muitas vezes defende valores que o reformador de Genebra aprovaria com louvor. Estaria Waterson ratificando esse pensamento?

---

<sup>1</sup> HOBBS, Thomas. apud. LIMONGI, Isabel Maria. *Hobbes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p.63.

<sup>2</sup> WATERSON, Bill. *The Complete Calvin and Hobbes*. Kansas City, KS: Andrews and McMeel, 2005, livro 1, p. 13. Tradução do autor.

Embora tenhamos poucas informações a respeito do autor, é sabido que Bill Waterson é bacharel em ciência política pelo Kenyon College. Certamente, em seus estudos, o cartunista entrou em contato com as filosofias que fundaram os Estados Unidos. Sabemos também que, antes de desenhar Calvin & Hobbes, Waterson criou cartuns políticos para o *Cincinnati Post* e outros jornais locais<sup>3</sup>. Em uma entrevista, ele nos diz que a escolha dos nomes “é uma piada interna para estudantes de ciência política”<sup>4</sup>.



*John Calvin & Thomas Hobbes - Ilustração de Nina Matsumoto, 2007*

Com efeito, o mais provável é que tenhamos realmente uma referência que alguns iniciados entenderão. O livro *The American Political Tradition and the Men who Made It*, clássico das Ciências Políticas no EUA, inicia com uma afirmação, considerada célebre por alguns:

---

<sup>3</sup> MARTELL, Nevin. *Looking for Calvin and Hobbes: The Unconventional Story of Bill Watterson and His Revolutionary Comic Strip*. Maiden Lane, NY: Continuum International Publishing Group, 2009, p.15-44.

<sup>4</sup> WATERSON, Bill. *Calvin and Hobbes Creator Draws On the Simple Life*, Los Angeles: Los Angeles Times. 01. abr.1987. Entrevista concedida a Paul Dean. Disponível em < <http://ignatz.brinkster.net/csimple.html> >. Tradução do autor.

Há muito tempo, Horace White observou que a Constituição dos Estados Unidos "é baseada na filosofia de Hobbes e na religião de Calvino. Ela assume que o estado natural da humanidade é um estado de guerra, e que a mente carnal está em inimizade com Deus"... Os homens que produziram a Constituição na Filadélfia, durante o verão de 1787, tinham um vívido entendimento calvinista do mal humano e da condenação, e criam com Hobbes que os homens são egoístas e contenciosos.<sup>5</sup>

Vemos que existe uma ligação entre os nomes, e podemos supor também que a ligação da série com os personagens históricos não parou aqui. Waterson, como percebemos, entrou em contato e parece dialogar com o discurso desses pensadores. O questionamento inicial desta pesquisa surgiu dessa constatação. Pretendia-se examinar e analisar os quadrinhos de Waterson para tentar entender ou responder à seguinte questão: nas tiras em quadrinhos Calvin & Hobbes, de Bill Waterson, qual a relação entre o pensamento dos protagonistas e dos filósofos Calvin e Hobbes?

No entanto, embora essa pergunta continue a fazer parte de nosso trabalho, uma leitura mais atenta nos mostrará que, apesar de existir um relacionamento entre os personagens históricos, o menino e o tigre, as histórias de Waterson envolvem bem mais uma interação com as construções sociais calvinistas e hobbesianas que o rodeiam. Muito mais que usar as ideias de Calvino e Hobbes em seus protagonistas, é dialogando com seu contexto histórico e social, apenas em parte moldado pelos discursos dos filósofos, que as histórias se desenvolvem e expressam o pensamento de seu autor. Assim, ganha-se uma questão mais ampla e aberta a novas possibilidades: na tira em quadrinhos Calvin & Hobbes, como Waterson trata de questões existenciais (Deus, homem, autoridade, ética, por exemplo) usando o cotidiano de um garoto de seis anos para tratar dessas questões?

Portanto, não procuramos aqui apenas tratar dos filósofos que deram nomes a Calvino e Hobbes. Deseja-se agora analisar o elemento filosófico nas tiras de Waterson, ou seja, desvelar os sentidos possíveis do discurso do autor. Como vimos, as histórias são expressões do próprio pensamento do

---

<sup>5</sup> HOFSTADTER, Richard. *The American Political Tradition and the Men who Made It*. Nova York, NY: Vintage Books Editions, 1948, p. 5. Tradução do autor.

autor sobre a vida, porém apresentadas de uma maneira leve e agradável ao público comum. Procuramos traçar o pensamento do autor por meio da agradável conversa proposta em Calvin & Hobbes.

Secundariamente, este trabalho procura também estimular o senso crítico, usando o trabalho de Waterson como instrumento de detecção do pensamento de Calvino e Hobbes sobre o pensamento ocidental. Considerando que o filósofo inglês e o teólogo francês são responsáveis por dois dos discursos fundadores da sociedade norte-americana (e, certamente, de outros países do mundo ocidental), buscamos ressonâncias e reelaborações dos discursos desses dois importantes personagens na tira.

Evidentemente, Calvin e Hobbes tomarão a maior parte de nosso estudo, uma vez que são os protagonistas da série. No entanto, as características dos personagens secundários da tira também serão importantes, pois frequentemente apresentam ideias contrárias às de Calvin.

Os pais do garoto, a presença adulta mais forte nas histórias, podem nos dar informações sobre uma sociedade moldada pelos pensamentos de João Calvino e Thomas Hobbes ou mesmo o contexto em que Waterson viveu ou estaria enfrentando. Sabemos, por exemplo, que Waterson usou algumas de suas tiras para expressar seus problemas com o licenciamento dos personagens. Esse tipo de reconstrução será importante para entendermos algumas das piadas e ideias que apareceram durante a publicação da tira.

Será útil também darmos atenção àqueles personagens que manifestam um quadro referencial de categorias de pensamento que se contrapõem a Calvin. Nas histórias de Waterson, os pais são aqueles que servem de reguladores da moral e dos costumes de Calvin, que funcionam como “voz da sabedoria” na vida do garoto, e procuram “fortalecer o caráter” do filho. Da galeria de secundários da tira, percebemos que a senhorita Wormwood (a professora do protagonista), Susie Derkins (sua vizinha, colega e rival) e a babá Rosalyn são personagens que cumprem esse papel, de questionar, limitar e contrariar Calvin. Assim, também nos dedicaremos a elas e a seu relacionamento do garoto.

A obra de Bill Waterson é uma das tiras de quadrinhos mais lidas e um produto de indústria cultural. Segundo a Andrews McMeel Universal, editora responsável pela publicação da tira atualmente<sup>6</sup>, o trabalho de Waterson chegou a circular em mais de 2.400 jornais, enquanto as vendas de livros com republicações das histórias alcançaram mais de 30 milhões de cópias em todo o mundo. Como tal, merece ser analisada e discutida na academia. Considerada por muitos como a última grande tira de quadrinhos, o trabalho de Waterson ainda inspira debates e discussões. É isso que este trabalho propõe.



<sup>6</sup> Dados disponíveis em < [http://www.andrewsmcmeel.com/calvinandhobbes/pr\\_calvin.html](http://www.andrewsmcmeel.com/calvinandhobbes/pr_calvin.html) >. Acesso em: 28.set.2010.

## 2 Objetivos

Este trabalho tem como objetivo principal analisar o elemento filosófico nas tiras de Waterson, ou seja, desvelar os sentidos possíveis do discurso do autor. Como vimos, as histórias são expressões do próprio pensamento do autor sobre a vida, porém apresentadas de uma maneira leve e agradável ao público comum. Procuramos traçar o pensamento do autor por meio da agradável conversa proposta em Calvin & Hobbes.

Como objetivos secundários, procura-se:

- Examinar o relacionamento entre Calvin e Hobbes e os outros personagens da tira. Boa parte das histórias nos mostram o choque entre o imaginário do garoto e daqueles que o rodeiam. Queremos observar os discursos contraditórios em tais confrontos, entendendo a dinâmica da série.
- Encontrar os temas principais na tira de Waterson. Sobre o que o cartunista falava em seus quadrinhos, e como ele usava o humor e satirizava esses temas?
- Estudar o pensamento de João Calvino e Thomas Hobbes com outro enfoque, ou seja, à luz das tiras de Bill Waterson, isto é, usar o trabalho de Waterson como instrumento de detecção dos discursos de Calvino e Hobbes no pensamento ocidental e mesmo de Waterson. Com isto, não se pretende renegar o trabalho dos dois filósofos, mas encontrar as reelaborações feitas por Bill Waterson dos trabalhos dos dois autores.

### 3 Referencial teórico

#### 3.1 Histórias em quadrinhos

O conceito de História em Quadrinhos sempre foi alvo de debates. Ainda que intuitivamente se entenda o que quer dizer com o termo, uma boa conceituação dessa expressão torna-se necessária. A famosa definição de Will Eisner como “arte sequencial” pode nos ajudar, pois vai além do estereótipo popular dos Quadrinhos como uma junção de texto e imagem com balões.

Scott McCloud, em seu livro *Desvendando os Quadrinhos*, desenvolve o conceito de Eisner e define História em Quadrinhos como “imagens pictóricas e outras justapostas em seqüência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”<sup>7</sup>. Com base nessa conceituação, o autor propõe que poderíamos considerar como quadrinhos ilustrações da Idade Média, ou mesmo representações dos povos pré-colombianos. Uma conclusão que se chega com o debate sugerido por McCloud é que não podemos saber quando surgiram as primeiras histórias, mas podemos perceber que este gênero de narrativa sempre exerceu fascínio sobre as pessoas. Já o livro *Literatura em quadrinhos no Brasil* vai além e os define como:

Uma narrativa gráfico-visual, com suas particularidades próprias, a partir do agenciamento de, no mínimo, duas imagens que se relacionam. Entre as imagens, um corte, que chamaremos de corte gráfico – de certo modo, o lugar que marca o espaço do impulso narrativo. Esse corte tanto será espacial quanto temporal (aqui, gerando elipses, pela imaginação do leitor).<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> McCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: Ed. M. Books, 2004., p.9.

<sup>8</sup> MOYA, Álvaro de(org.); CIRNE, Moacy; AIZEN, Naumim; d’ASSUNÇÃO, Otacílio. *Literatura em quadrinhos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002, p. 14.

O que essas definições têm em comum é que nos ajudam a entender os Quadrinhos por sua forma, e não por seu conteúdo, o que parece ser mais satisfatório. Essa conceituação, em particular a proposta por McCloud, também nos leva a questionar se não poderíamos considerar hieróglifos egípcios e ilustrações medievais como primeiras formas conhecidas de Quadrinhos<sup>9</sup>.

Assim, antes de se falar sobre as histórias em quadrinhos como conhecemos hoje, é preciso perceber que, desde a Antiguidade, o homem costumava se expressar por meio de “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”. Essa “arte sequencial” já se mostra nos povos antigos ou sociedades pré-modernas. Ainda que seja questionável chamarmos isso de quadrinhos, percebemos que essa forma de linguagem – imagens colocadas em sequência – já era conhecida.

Nas sociedades pré-modernas também vemos esse tipo de linguagem, por vezes com a adição da escrita. Temos, por exemplo, vitrais em igrejas, contando relatos religiosos, ou o trabalho de Katsushika Hokusai, no Japão. Aqui, essas artes sequenciais apresentam funções semelhantes aos outros meios de comunicação nesse tipo de organização social. Isto é, essas combinações de imagens são mais usadas para a guarda de tradições e possuem motivações religiosas e administrativas, servindo no máximo para manutenção de uma sociedade ou comunidade.

Sabe-se que as histórias em quadrinhos como conhecemos hoje só surgiram no século XIX, embora seu local de origem seja disputado. Para muitos, o Yellow Kid, de Richard Outcault, publicado no jornal New York World, é o marco inicial dos quadrinhos contemporâneos. Embora alguns discordem a informação<sup>10</sup>, podemos afirmar que são em jornais norte-americanos que os quadrinhos se desenvolvem a ponto de se tornarem frequentes nos periódicos e ganhar mais espaço. Um dos precursores das

---

<sup>9</sup> McCLOUD, *op. cit.*, p.10-17.

<sup>10</sup> Pesquisadores como Claude Moliterni, por exemplo, entendem que as primeiras narrativas gráficas surgem na Alemanha. Alguns pesquisadores brasileiros entendem que elas surgiram no Brasil, com a obra do italiano Angelo Agostini.

tiras em quadrinhos publicadas em jornal é *Krazy Kat*, de George Herriman, que alcançou considerável sucesso e influenciou o próprio Waterson. Logo surgem como consequência das tiras de jornais os *syndicates*<sup>11</sup>, agências que cuidam da distribuição das HQs em jornais, de maneira semelhante às agências de notícia. No caso de Calvin & Hobbes, a Universal Press Syndicate foi a responsável pela distribuição da tira, já na década de 80.

A partir da década de 40 as editoras americanas passam a lançar revistas semanalmente nas bancas, formato que dominará o mercado editorial de quadrinhos. Dentro do contexto da Segunda Guerra, muitas das histórias produzidas buscavam apresentar os valores norte-americanos a seus leitores, gerando naqueles que ficavam um sentimento forte de patriotismo, e nos soldados o desejo de assemelhar-se a personagens como o Capitão América e seus colaboradores.

Esse início da grande indústria americana de super-heróis acaba superando a temática anterior, dos exploradores como Flash Gordon, Mandrake, Doc Savage e outros. Como produção de seu tempo, as HQs acabam refletindo o clima cultural de seu tempo.

As mudanças históricas promovem alterações no papel das HQ. Os heróis dos quadrinhos viverão esta situação, pois a missão colonizadora foi substituída pela missão da guerra, com a passagem para o capitalismo de guerra. O envolvimento exagerado dos heróis com a Segunda Guerra Mundial apenas revela o que em período anterior não era tão facilmente visível. Neste período, além do surgimento dos super-heróis, tais como o Super-Homem e Capitão América, vemos os heróis se envolverem diretamente com a guerra, e a relação oculta se torna explícita.<sup>12</sup>

A partir daí, vemos uma diversificação de gêneros, editoras e publicações. Enquanto os super-heróis são associados quase automaticamente à produção norte-americana de HQs, é a comédia de

---

<sup>11</sup> O syndicate funciona como um agente de cartunistas e desenhistas de tiras em quadrinhos, procurando espaço nos jornais. O syndicate recebe centenas ou mesmo milhares de trabalhos por ano, mas apenas alguns são selecionados e apresentados às publicações. Normalmente, o syndicate acaba tendo os direitos sobre o trabalho, ao invés de seu autor.

<sup>12</sup> VIANA, Nildo. *A era da aventura no mundo dos quadrinhos*, *Revista Espaço Acadêmico*, N.35, abr- 2004.

costume que prevalece entre os quadrinhos dos Estados Unidos no século XX. Um dos gêneros favoritos entre os *syndicates*, por registrar e mesmo defender os valores tradicionais do conservadorismo<sup>13</sup>, a temática da comédia de costumes popularizou-se em jornais e outras publicações. Um dos motivos do sucesso desse gênero é a aproximação que sua linguagem menos elaborada promove junto ao público.

A chamada comédia de costumes ridiculariza os modos, costumes e aparências de um determinado grupo social ou de uma determinada sociedade. A visão satírica da sociedade muitas vezes impregna nestas obras um caráter ideológico de fácil acesso ao público, uma vez que o próprio gênero comédia já é tradicionalmente de fácil entendimento, para ser apreciado por um público cada vez mais abrangente<sup>14</sup>.

Como exemplos de quadrinhos que seguiram essa linha, temos Pafúncio e Marocas (no original, *Bringing up Father*) e Blondie como pioneiros. *Peanuts* de Charles Schulz é considerada um clássico do gênero, assim como Calvin & Hobbes.

De maneira semelhante ao cinema, as histórias em quadrinhos propõem divisão de gêneros e temáticas, além de classificação etária – selos apresentando a leitura que seria adequada à cada idade. Comum também é existir revistas voltadas para meninos e meninas, cada qual adaptada a seu público-alvo. Existem ainda livros luxuosos e encadernações caras, diferentes da revista mensal comum, que saem em bancas e *comic shops*, ainda que os dois tipos geralmente tenham o mesmo conteúdo.

Distinções enfáticas, como entre filmes de classe A e B, ou entre histórias em revistas a preços diversificados, não são tão fundadas na realidade, quanto, antes, servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los. (...) O fato de oferecer ao público uma hierarquia de qualidades em série serve somente à quantificação mais completa. Cada um deve-se portar, por assim dizer, espontaneamente, segundo o seu nível,

---

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias*. Brasília: Unb, 2007, p.43-45.

<sup>14</sup> SELIGMAN, Flávia. *A comédia de costumes e a sexualidade no cinema brasileiro: três ciclos de boa bilheteria*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009, Curitiba. *Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, p.2.

determinado a priori por índices estatísticos, e dirigir-se à categoria de produtos de massa que foi preparada para o seu tipo<sup>15</sup>.

As histórias em quadrinhos também passam a refletir o tipo de lazer e consumo cultural na era pós-industrial. Em outros tipos de organizações sociais, dificilmente as HQs como as conhecemos hoje poderiam ocupar o espaço que têm na vida diária do indivíduo. Embora o costume de contar e ouvir histórias seja uma prática comum entre os diversos grupos humanos, a criação e publicação de histórias em quadrinhos hoje pede um ritmo industrial que não existia em tempos passados.

Com isso em mente, existem várias questões levantadas que nos interessam nos quadrinhos – a produção em escala, as representações sociais, o público que consome e é cúmplice no entendimento de cada história<sup>16</sup>.

O segredo da vitalidade das histórias em quadrinhos pode ser desvendado na sacralização do lazer, pois, segundo Morin, o consumo da cultura de massa registra-se em grande parte no lazer moderno. A indústria do espírito organiza a cultura de massa para orientar o indivíduo durante o lazer, convertendo este mesmo lazer no tecido da vida pessoal do indivíduo<sup>17</sup>.

Embora haja relativa variedade de personagens e autores, o mercado não pode conter todos os cartunistas que surgem, desejosos de criarem uma nova tira de sucesso. A trajetória de Bill Waterson reflete isso, quando sabemos que, por muito tempo, o artista esteve desempregado ou seguindo outra profissão, enquanto o mercado não trazia uma oportunidade que o permitisse viver dos quadrinhos.

Para aqueles que obtêm grande distribuição, os personagens passam a ser licenciados e têm suas imagens reproduzidas em camisas, lancheiras, desenhos animados, e muito mais. Muitas vezes, porém, surge um efeito

---

<sup>15</sup> ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2002, p.12.

<sup>16</sup> Diferente do cinema, por exemplo, é o leitor pode guiar a história e seu ritmo.

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *op. cit.*, p.23.

colateral em toda essa superprodução. Dependendo das exigências comerciais, haverá pouco espaço para aperfeiçoar a própria tira ou para criar o novo – as histórias devem ser publicadas a cada dia no jornal, a revista deve estar mensalmente na banca e o protagonista da história precisa estar presente diariamente na mente de seus leitores, uma vez que será adaptado para filme, TV, ou *videogame*.



Durante a minha luta para impedir o sindicato de licenciar meu trabalho, eu, algumas vezes, desenhei tiras que tinham significados particulares adicionais para mim mesmo. A tira acima zombava da minha capacidade de argumentar com o sindicato e a tira abaixo é como eu interpretava a posição do sindicato. Eu não teria desenhado isto, se o material não se sustentasse sozinho ou se fosse de qualquer maneira incoerente com os personagens, mas cartuns como esses me ajudaram a rir do meu problema numa época em que muito pouco disso parecia engraçado.



Bill Waterson, 1991

Aqui, Calvin & Hobbes destacou-se pelo claro desprezo que Waterson tinha por esse tipo de licenciamento<sup>18</sup>. As tiras acima, por exemplo, manifestam o momento em que o cartunista enfrentava uma batalha entre continuar com seus princípios ou permitir que sua obra mais pessoal se tornasse mais uma opção de consumo nos *shopping centers*. O texto entre os quadrinhos diz o seguinte:

<sup>18</sup> WATERSON, Bill. *Os Dez Anos de Calvin e Haroldo*. São Paulo: Ed. Best News, 1996, p.8-10.

Durante a minha luta para impedir o sindicato de licenciar meu trabalho, eu, algumas vezes desenhei tiras que tinham significados particulares adicionais para mim mesmo. A tira acima zombava da minha capacidade de argumentar com o sindicato e a tira abaixo é como eu interpretava a posição do sindicato. Eu não teria desenhado isto, se o material não se sustentasse sozinho ou se fosse de qualquer maneira incoerente com os personagens, mas cartuns como esses me ajudaram a rir do meu problema numa época em que muito pouco disso parecia engraçado<sup>19</sup>.

Para análise da narrativa e estrutura de uma história em quadrinhos usamos, em especial, o clássico *Quadrinhos e arte sequencial*<sup>20</sup>, de Will Eisner e a produção de Scott McCloud sobre o tema. Embora voltados para o contexto brasileiro, também buscaremos auxílio nas obras de Moacyr Cirne<sup>21</sup> e Álvaro de Moya<sup>22</sup>. Outros livros foram tomados como referência visual e também teórica, mas principalmente para apoio e esclarecimento dos textos já citados. Demos consideração especial também o trabalho de outros autores, como aqueles que influenciaram diretamente Waterson<sup>23</sup> – *Peanuts*, *Pogo* e *Krazy Kat*<sup>24</sup>.



Nessa tira, o quadro que os pais de Calvin observam é uma paisagem de *Krazy Kat*<sup>25</sup>.

<sup>19</sup> 10 anos, p.51.

<sup>20</sup> EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.

<sup>21</sup> CIRNE, Moacyr. *História e crítica dos quadrinhos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. Europa: FUNARTE, 1990.

<sup>22</sup> MOYA, Álvaro de(org.); CIRNE, Moacyr; AIZEN, Naumim; d'ASSUNÇÃO, Otacílio. *Op.cit.*

<sup>23</sup> WATERSON, Bill. *op.cit.*, p.12.

<sup>24</sup> Curiosamente são as três primeiras colocadas na lista dos 100 maiores quadrinhos do século no *The Comics Journal*, n.210, fev. 1999.

<sup>25</sup> WATERSON, Bill. *op.cit.*, p.45.

### 3.2 O imaginário

O ser humano é um ser simbólico. Para muitos pensadores, aquilo que nos diferencia dos animais é a capacidade de produzir cultura, de utilizar símbolos, mitos, imagens, entre outros, como estruturas que nos levam a compreender e interagir com a realidade e com o outro. Diferente de outros seres, não se pode pensar a humanidade sem esta habilidade prodigiosa em superar o seu ambiente e expressar-se por meio de símbolos.

Leslie White, antropólogo norte-americano contemporâneo, considera que a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro do homem foi capaz de gerar símbolos. Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos... Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas um animal, não um ser humano... O comportamento humano é o comportamento simbólico.<sup>26</sup>

Uma das manifestações dessa capacidade humana de criar e manusear símbolos é aquilo que conhecemos como o imaginário, certa coleção de imagens, símbolos e mitos que ajudam o indivíduo a compreender e lidar com o mundo à sua volta. O imaginário coloca-se acima mesmo das ideologias e filosofias de determinada era ou lugar, utilizando-se do simbólico, e vice-versa. Castoriadis, por exemplo, expressa bem a profunda ligação entre imaginário e simbólico, uma vez que se trata de um deslocamento de sentido. Isto é, damos a um símbolo um significado diferente daquele que lhe é comum, expressando assim uma “criação”, que se diferencia do que chamamos de “real”.

Falamos de imaginário quando queremos falar de alguma coisa “inventada” – quer se trate de uma invenção “absoluta” (“uma história imaginada em todas as suas partes”) ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentido,

---

<sup>26</sup> LARRAIA, Roque de Barros. *Cultura – Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 2001, 14ª Edição, p.55.

onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações “normais” ou “canônicas”.<sup>27</sup>

Com isso em mente, podemos entender a produção cultural de determinada época como uma representação dessas construções sociais<sup>28</sup>. Os quadrinhos, como manifestação artística e cultural, também carregam em si essa função mediatória, de expressar o pensamento coletivo de uma sociedade, algo que Waterson não pôde escapar.

Assim, entre vários aspectos que podemos abordar (sua narrativa, seus temas, estilo de arte, as visões de mundo de Calvin, Hobbes e/ou Waterson, por exemplo), um dos mais importantes é aquele que confere à tira seu ponto de partida – a realidade fantástica que envolve as histórias do garoto e seu tigre de pelúcia. Quando foi lançada em 1985, a premissa da série era descrita desta forma pela Universal Press Syndicate, distribuidora da tira de Waterson: “Para Calvin, Hobbes é tudo que uma criança poderia pedir para um amigo: companheiro, conspirador, audiência... para todos os outros, Hobbes é um tigre de pelúcia”<sup>29</sup>. Vemos, portanto, que existem elementos fantásticos no enredo básico da trama de Calvin e Hobbes, um brinquedo de pelúcia ou um animal selvagem assumindo um papel diferente – o de verdadeiro amigo de uma criança. Mesmo que aceitemos a ideia de Waterson, de que Hobbes não é um personagem imaginário, ainda assim devemos lidar com a natureza especial do tigre. O autor nos diz:

Eu não penso em Hobbes como um boneco que milagrosamente ganha vida quando Calvin está por perto. Nem penso em Hobbes como um produto da imaginação de Calvin. A natureza da realidade de Hobbes não me interessa... Mostro duas versões da realidade, e cada uma tem sentido completo ao participante que a enxerga<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 1982, 2ª Edição, p. 154.

<sup>28</sup> LEGROS, Patrick, MONNEYRON, Frédéric, RENARD, Jean-Bruno, TACUSSEL, Patrick. *Sociologia do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2007, p.85-87.

<sup>29</sup> MARTELL, *op.cit.*, p.84. Tradução do autor.

<sup>30</sup> WATERSON, Bill. *The Calvin and Hobbes Tenth Anniversary Book*. Kansas City, KS: Andrews McMeel, 1995. Tradução do autor.

Ainda que aceitássemos esta definição de Waterson, certamente trata-se de uma criatura fantástica em meio à realidade de uma pacata cidade norte-americana, onde vivem Calvin, seus familiares e outros personagens da história.

No tigre, Calvin encontra a possibilidade de não se responsabilizar por seus atos (esteja ele ciente disso ou não), uma das premissas da série. Logo na terceira tira, por exemplo, vemos o pai de Calvin reclamar do barulho que o filho está fazendo, tarde da noite. O garoto responde que a culpa não é dele, mas de Hobbes, que estava pulando na cama. Evidentemente, seu pai não acredita na história. Mas para Calvin, isso não é importante. A tira termina com o garoto acusando seu tigre de ser o responsável pela barulheira, enquanto Hobbes o acusa de ser quem batia os pratos. Esse tipo de situação é tratado por Jacqueline Held, em sua obra sobre o imaginário infantil: “o que a criança encontra no animal? A irresponsabilidade numa idade em que crescer certamente a atrai, mas também a apavora? Certamente”<sup>31</sup>.



Bill Waterson, 1985

Além disso, a tira não se deteve apenas no relacionamento entre os dois protagonistas, mas desenvolveu, ao longo de seus dez anos, diversas situações que envolvem a interação de Calvin com diferentes mundos irrealis, desde bonecos de neve e bicicletas que ganham vida, passando por uma

<sup>31</sup> HELD, Jacqueline. *O Imaginário no Poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus Editorial, 1980, 2ª edição, p.107.

viagem até Marte, chegando a paradoxos temporais provocados por viagens no tempo e a tiranossauros pilotando caças F-14. Temos na tira uma forte presença do fantástico, tudo proveniente da mente de Calvin.

Essas fantasias refletem de maneira lúdica o desejo humano por poderes, sua vontade de ir além, de superar o natural e viver o extraordinário. “Todo poder é sempre, sob alguns aspectos, ‘transgressão de normas impostas pela sociedade’”<sup>32</sup>. Em uma escola que detém sua criatividade, numa família que valoriza os ideais de moderação e bons modos, as fantasias de Calvin são sua libertação. É por isso que outra de suas fantasias mais populares quase sempre se manifesta à mesa, junto da família: o tiranossauro, que devora a comida sem garfo e faca, mas destruindo tudo o que encontra no caminho. “Não seriam, em muitos casos, os poderes que desejaria possuir diante das pressões de uma natureza e sociedade que o limitam e asfixiam?”<sup>33</sup>. Não seria Waterson, em meio à controvérsia de produzir ou não produtos baseados em suas tiras, tentando escapar das pressões de um mundo consumista, que explora sua obra e sua criatividade?



Bill Waterson, 1986

As situações extraordinárias em que Calvin se envolve são tema comum na obra de Waterson. O fantástico é algo sempre presente na série. Mais que um refúgio, muitas vezes é ali que as coisas fazem sentido e tem

<sup>32</sup> Ibid., p.127.

<sup>33</sup> Ibid.

lógica, e não na realidade “normal” – pelo menos para os dois heróis da tira. Tal atitude é comum em crianças que, levadas pela imaginação, deixam-se transformar em outra coisa, que lhe garante liberdade e poderes maiores, algo que sempre fascinou a humanidade.

### 3.3 O humor

Ao longo do tempo, o riso foi tema de vários debates e análises. Grandes filósofos e pensadores, como Aristóteles, Cícero, Quintiliano, Descartes e Hobbes estudaram seus efeitos e razões. Sempre guiados pelo desejo em descobrir que emoções expressa o fenômeno do riso, elaboraram várias teorias.

No livro *Hobbes e a Teoria Clássica do Riso*, há uma análise histórica da discussão através de citações de pensadores e questionamentos próprios do autor. Existe um consenso, apesar de várias outras opiniões e pontos de vista, de que o riso se relaciona diretamente com a zombaria e o desprezo. Skinner, ao analisar o pensamento de Aristóteles, afirma: “A sugestão básica de Aristóteles é, portanto que a alegria induzida pela zombaria é sempre uma expressão de desprezo...<sup>34</sup>”.

Em seguida, Skinner complementa: “Quando rimos, estamos freqüentemente nos gabando ou glorificando diante de outra pessoa, por termos constatado que, comparadas conosco, elas sofrem de alguma fraqueza ou defeito desprezível<sup>35</sup>”. Mais à frente, o autor apresenta uma série de citações de Joubert na mesma linha das anteriores:

[rimos] de tudo que é ridículo, quer tenha sido feito ou dito. (...) [ridículo] é algo que nos surpreenderá por ser feio, deformado, desonesto, indecente, malicioso e muito pouco conveniente <sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> SKINNER, Quentin. *Hobbes e a Teoria Clássica do Riso*. Rio Grande do Sul: Ed. Unisinos, 2002, p.16.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p.29.

O riso foi considerado tamanho símbolo de zombaria e escárnio que, no século XVII, passou a ser considerado falta de educação. Integrantes da sociedade eram incentivados a evitar o sorriso, pois poderiam ser tomadas como pretensiosos. No tratado *O Estado Sagrado*, de 1642, Thomas Fuller, um pregador monarquista, adverte: “Não escarneça dos defeitos naturais de qualquer um que não esteja em condições de se corrigir (...) como pode um objeto da tua piedade ser objeto do teu divertimento?”<sup>37</sup>.

Entretanto, em uma sociedade como a nossa, que dá menos valor a cerimônias e cortesia, o riso encontra menos barreiras e se torna costume. Freud, falando sobre o chiste, um subgênero do cômico, nos lembra que “mesmo homens eminentes (...) não se envergonham de inserir em suas autobiografias o relato de algum excelente chiste que acaso ouviram”<sup>38</sup>. O psicanalista alemão faz uma diferenciação entre o chiste inocente, que tem apenas um fim em si mesmo, isto é, a intenção de fazer rir, e do chiste tendencioso, cujo propósito é criticar e atacar algum tipo de instituição, e que nem todos gostariam de ouvir.

Um dos mecanismos que trabalhariam no riso seria a supressão ou inibição de barreiras, aproximando o interlocutor de seus ouvintes<sup>39</sup>. “O riso está entre as expressões de estados psíquicos mais contagiosas. Quando faço uma pessoa rir, contado-lhe meu chiste, estou de fato utilizando-a para suscitar meu próprio riso”, afirma Freud<sup>40</sup>.

A publicidade se utiliza bastante do humor para atrair a atenção e cativar públicos específicos. Não somente para divertir, mas para convencer. Há tempos o humor é utilizado como ferramenta da retórica. John Hegarty (um dos fundadores da TBWA e diretor de criação mundial da BBH<sup>41</sup>) ilustra a afirmação anterior contando uma história de um famoso vendedor de rua (Petticoat Lane) que, segundo ele, “podia literalmente vender qualquer

---

<sup>37</sup> Ibid, p. 70.

<sup>38</sup> FREUD, Sigmund (1905). *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.8), p.28.

<sup>39</sup> Ibid, p. 140.

<sup>40</sup> Ibid, p.180.

<sup>41</sup> TBWA e BBH são duas agências de publicidade de alcance global, com sedes em diferentes cidades pelo mundo.

coisa<sup>42</sup>”. Ao notarem que Petticoat vivia fazendo piadas e contando fatos engraçados, perguntaram a ele porque ele adotava tal procedimento. O vendedor respondeu: “Quando eles não estão sorrindo, eles não estão comprando<sup>43</sup>”.

Essa pequena história nos apresenta de maneira resumida a força que o humor possui no processo de persuasão. Ele age sobre os indivíduos, aproximando-os. Uma vez cúmplices, ambos passam a dialogar com mais entusiasmo, o que influencia diretamente na discussão.

Para Alfredo Fedrizzi “o humor é uma válvula de escape para as angústias cotidianas e nos coloca criticamente frente à realidade, preservando o aspecto lúdico<sup>44</sup>” Já o psicanalista Abrão Slavutzky afirma: “O humor abre portas, corações e mentes<sup>45</sup>”.

Waterson, comentando sobre tiras de humor vê a possibilidade de usá-las para falar sobre si mesmo e sobre a natureza humana.

Os melhores quadrinhos expõem a natureza humana e nos ajudam a rir da nossa própria estupidez e hipocrisia. Eles se permitem exagero e absurdo, ajudando-nos a ver o mundo com olhos novos e recordando-nos de como é importante brincar e ser ridículo.(...) A surpresa é a essência do humor e nada é mais surpreendente do que a verdade.<sup>46</sup>

Ele entende o humor não como algo que serve para diminuir o outro e nos fazer sentirmos melhores que os demais, mas como algo que nos diminui e que, ao mesmo tempo, nos dá uma perspectiva mais clara da vida.

---

<sup>42</sup> FEDRIZZI, Alfredo et al. *O Humor Abre Corações e Bolsos*. Rio de Janeiro: Ed. Campus Ltda., 2003, p.72.

<sup>43</sup> *Ibid*, p.72.

<sup>44</sup> *Ibid*, p.17.

<sup>45</sup> *Ibid*, p.63.

<sup>46</sup> WATERSON, Bill. *op. cit.*, p.111.

### 3.4 Outras ferramentas

Os estudos em Análise do Discurso são de extremo valor, uma vez que desejamos desvelar os sentidos possíveis do discurso do autor. Foram usados primeiramente textos de Eni Pulcinelli Orlandi, *Análise do Discurso e A Linguagem e seu Funcionamento*<sup>47</sup>, e *A Ordem do Discurso*, de Michel Foucault<sup>48</sup>.

Tendo em vista que “a identidade de um discurso depende de sua relação com outros”<sup>49</sup>, não apenas precisaremos encontrar dimensões textuais e uma coerência nos enunciados de Waterson, mas devemos captar também o interdiscurso ali, a relação entre o que foi escrito e desenhado pelo cartunista com os signos já comuns em outras histórias em quadrinhos, com eventos de sua vida. Um discurso “não se constitui independentemente de outros discursos, para, em seguida, pôr-se em relação com eles, mas se constrói, de maneira regrada, no interior dessa oposição”<sup>50</sup>. Assim, é importante também relacionar o texto de Waterson com os discursos dos personagens históricos que deram nomes a Calvin e Hobbes.

Além desses trabalhos, leituras complementares sobre o assunto nos foram usadas para a pesquisa. Usou-se obras sobre a análise da narrativa, como *O Foco Narrativo*<sup>51</sup>, de Lígia Chiappini Leite, e *A Análise da Narrativa*, uma vez que este é um trabalho autoral e analisamos a questão da presença deste autor na narrativa.

Sobre a construção de personagens, lemos as obras de Doc Comparato<sup>52</sup> e Beth Brait<sup>53</sup>, entre outros<sup>54</sup>, para entender melhor como Bill

---

<sup>47</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento*. Campinas: Pontes, 2003 e *Análise do Discurso: princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.

<sup>48</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996

<sup>49</sup> FIORIN, José Luiz. In: *Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos*. p.42.

<sup>50</sup> Ibid.

<sup>51</sup> LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Atica, 1985. Série Princípios.

<sup>52</sup> COMPARATO, Doc. *Da Criação ao Roteiro*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1995.

<sup>53</sup> BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

<sup>54</sup> Por exemplo, CANDIDO, A. e outros. *A personagem de ficção*. São Paulo, Perspectiva, 1971

Waterson trabalhou para “dar vida” a Calvin, Hobbes e os personagens secundários.

Aproveitando pesquisa da psicologia, trabalhos de Freud, sobre a figura do pai, da mãe e das autoridades, além de Jung, com *O Homem e seus símbolos*, foram de auxílio. Especificamente sobre Calvin, a obra de Jean Piaget também auxiliou, pela ênfase do autor sobre a psique e o imaginário infantil, uma vez que o garoto, como criança, vive em um mundo de imaginação e curiosidade.

## 4 Corpus

As tirinhas de Calvin & Hobbes compõem a principal parte de nosso corpus. Toda a produção de Waterson já foi lançada em coletâneas, inclusive em uma edição completa com os dez anos de tiras publicadas. A leitura de todas as tiras foi feita algumas vezes durante o período anterior à escrita deste texto. Evidentemente, nem todas as 3.160 tiras puderam ser analisadas, o que torna necessário definir um critério de seleção. Em relação a isto, a melhor opção foi usar as tiras escolhidas pelo próprio Waterson na edição especial *Os Dez Anos de Calvin e Haroldo*. Embora seja necessário fazer referência a outras tiras que não foram coletadas nesse livro, podemos nos concentrar nessa seleção feita pelo próprio autor e consideradas por ele e pelos fãs algumas das mais emblemáticas da série. A maioria delas é comentada por Waterson, o que nos garante uma chave para entendermos melhor as histórias ali publicadas.

Levaremos em consideração também as primeiras tiras da série e as últimas tiras. As primeiras representam o início dos trabalhos de Waterson, em que ele ainda estava experimentando situações para seus personagens, entendendo quem era cada um deles e introduzindo os coadjuvantes. As últimas nos dão um “final da história”. Isso não quer dizer que encontraremos uma resolução para todas as tramas da tira, e sim que seremos informados sobre como se encerraram os relacionamentos entre Calvin e a escola, sua babá, com os pais, e mesmo com Hobbes.

As outras coletâneas de Calvin & Hobbes têm prefácios escritos pelo próprio Bill Waterson, onde o autor revela um pouco mais do processo de criação das histórias, comentando alguns aspectos que os fãs consideram mais importantes. Além disso, embora não seja conhecido por aparições e manifestações públicas, encontramos algumas entrevistas antigas de Waterson em *sítes* da internet. Esses dois materiais auxiliares também foram muito úteis, a fim de conhecermos Waterson melhor.

Nem todos os personagens que aparecem nas tiras de Waterson puderam ser analisados. Foi preciso um critério para decidir quais são úteis para essa pesquisa. Evidentemente, Calvin e Hobbes tomaram a maior parte de nosso estudo, uma vez que são os protagonistas da série. As características dos personagens secundários da tira também foram importantes, pois frequentemente apresentam ideias contrárias às de Calvin. Os pais do garoto, a presença adulta mais forte nas histórias, podem nos dar informações sobre uma sociedade moldada pelos pensamentos de João Calvino e Thomas Hobbes. Damos atenção também à senhorita Wormwood (a professora), Susie Derkins (vizinha) e a babá Rosalyn. São eles que – à exceção de Susie – receberam o papel de educar Calvin e, para isso, precisam muitas vezes servir de limite a ele.

## 5 Metodologia

Entende-se como pesquisa qualitativa aquela que se preocupa com a compreensão do objeto, ao invés de algum tipo de mensuração. No decorrer deste trabalho, lidamos com seres humanos, ideias e significados, dados que não podem ser reduzidos a valores matemáticos ou estatísticos<sup>55</sup>. Também não analisamos valores objetivos ou dados neutros, mas conceitos e interpretações. É necessário ter em mente a natureza e as características do objeto estudado. Por isso, a pesquisa qualitativa foi o modelo mais apropriado, por privilegiar “a interpretação dos dados, em lugar de sua mensuração”<sup>56</sup>.

Usamos também o método abduutivo. Como nos lembra Santaella, a abdução “é o resultado das conjecturas produzidas por nossa razão criativa. Ela é instintiva e racional ao mesmo tempo”<sup>57</sup>. Por ter como corpus dessa pesquisa uma coletânea de tiras em quadrinhos, e apenas a hipótese de que há semelhanças entre os personagens dessa tira e dois autores históricos, entende-se que tal método foi necessário à pesquisa. Não usamos no projeto dados mensuráveis e exatos, mas o pensamento de um teólogo, um filósofo político e um artista de quadrinhos. Foi necessário analisar os textos e as tiras reconhecendo a subjetividade do assunto, e utilizando a criatividade para lidar com o tema tratado. O fato de esta pesquisa ter se iniciado com a possibilidade de Hobbes e Calvino serem reelaborados pela tira de Bill Waterson o encaixa a pesquisa na descrição apresentada pela autora:

Quando nos confrontamos com algo que nos surpreende, para qual não temos resposta ou explicação, a abdução é o processo através do qual uma hipótese ou conjectura aparece como uma possível resposta ao fato surpreendente. (...) a abdução segue alguns passos: (1) a observação criativa de um fato; (2) uma inferência que tem a natureza de uma adivinhação; (3) a avaliação da inferência reconstruída. Em síntese, trata-se

---

<sup>55</sup> SANTAELLA, L. *Comunicação e Pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado*. São Paulo: Hacker, 2001, p.142.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p.144.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p.120.

de um tipo de raciocínio que, sem deixar de ter forma lógica, tem caráter instintivo e é, antes de tudo, um processo vivo de pensamento.<sup>58</sup>

### *5.1 Pesquisa bibliográfica*

Segundo Gil, chamamos de bibliográfica o tipo de pesquisa realizada “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”<sup>59</sup>. O estudo se desenvolveu a partir da leitura de obras dos três principais autores, João Calvino, Thomas Hobbes e Bill Waterson, caracterizando uma pesquisa bibliográfica. Complementando o trabalho, livros, artigos e textos que tratavam do pensamento desses autores também foram lidos. Também foram lidas as obras citadas no capítulo sobre o referencial teórico, que nos deram ferramentas de trabalho para melhor compreendermos os sentidos possíveis do discurso de Waterson.

### *5.2 Pesquisa descritiva*

Temos como objetivo principal descrever as características dos personagens de Waterson. Para isso, foi importante não apenas ler os quadrinhos, mas descrever de que maneira cada personagem se comporta, é representado, suas atividades, de onde surge a inspiração para eles, entre outras informações. Além disso, buscamos achar e relacionar semelhanças e diferenças nas entre os personagens da tira e os personagens históricos, similaridades em assuntos que definem a visão de cada pessoa: o que é a humanidade, a religião, relacionamento com família, o Estado, a ética, etc.

---

<sup>58</sup> Ibid., p.120-121.

<sup>59</sup> GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002, p.44.

### *5.3 Pesquisa histórica*

Também caracterizamos esse estudo como uma pesquisa histórica, uma vez que precisaremos reconstruir o contexto em que algumas das tiras foram produzidas. Vimos que Waterson usou algumas de suas tiras para expressar, por exemplo, seus problemas com o licenciamento dos personagens. Esse tipo de reconstrução será importante para entendermos algumas das piadas e ideias que apareceram durante a publicação da tira.

### *5.4 Pesquisa explicativa*

Considerado por Gil, o tipo de pesquisa mais complexo, trata-se da identificação e explicação dos fatores que determinam ou geram determinado fenômeno<sup>60</sup>. No caso desta pesquisa, tentamos encontrar a causa dos possíveis sentidos do discurso de Waterson nas obras de João Calvino e Thomas Hobbes.

### *5.5 Pesquisa comparativa*

O método comparativo consiste em analisar coisas ou fatos e tentar explicá-los tendo em vistas suas semelhanças e diferenças. Isso foi útil enquanto lidamos com as diferenças entre a visão de mundo de Calvin e dos outros personagens da série. Temos um garoto convivendo com personagens totalmente diferentes dele, como um tigre imaginário, adultos, uma adolescente e uma menina.

Além disso, de posse do arcabouço dos pensamentos de Calvino, Hobbes e dos personagens de Waterson, procuramos semelhanças e formações discursivas em comum entre cada filósofo e as situações da

---

<sup>60</sup> Ibid., p.42.

tirinha, o que também caracterizou parte deste estudo como uma pesquisa comparativa.

### *5.6 Estudo de caso*

Fizemos uma análise intensiva das obras de Waterson e dos personagens históricos, tentando obter os dados da forma mais detalhada possível<sup>61</sup>. Foi necessário fazer isso; procuramos relações que só podem ser descobertas por meio de uma análise mais exaustiva. Muitas tiras ou sequências de histórias nos abrem possibilidades de diferentes entendimentos. Assim, foi necessário dedicar-se de maneira mais detalhada a cada uma delas. Além disso, não existe algum tipo de material que relacione Calvin & Hobbes com Calvino e Hobbes da maneira como desejamos. Portanto, será necessária uma atenção maior durante as leituras das obras e, também, da bibliografia relacionada a esta pesquisa.

---

<sup>61</sup> FACHIN, Odília. *Fundamentos de metodologia*. São Paulo: Saraiva, 2001, p.42.

## 6 Um cartunista, um teólogo e um filósofo

Nesse capítulo, conheceremos um pouco dos três personagens que deram nome e vida ao menino e seu tigre. Os principais eventos na vida de Bill Waterson, João Calvino e Thomas Hobbes serão listados, dando destaque a fatos que podem ter moldado o pensamento de cada um deles e às principais ideias que cada um expõe em suas obras.

### 6.1 “*Meus quadrinhos são uma espécie de autorretrato*”

Às vezes, antes de falar da obra, é importante gastar algum tempo com seu autor. Pode-se aprender sobre Calvin & Hobbes tanto entendendo quem é Bill Waterson quanto lendo as tiras – diferente de *Garfield*, por exemplo, cujo sucesso levou a uma produção quase industrial de histórias diárias, gerando repetição e falta de boas ideias. Ao contrário das histórias do gato de Jim Davis, desde o início até o final da produção de Calvin & Hobbes, Waterson foi o único a escrever, desenhar e colorir suas histórias e ilustrações.

Quando os quadrinhos cavam além de piadas loquazes, sentimentalismo barato e histórias arrumadinhas para experiências mais profundas e verdadeiras, eles podem realmente tocar as pessoas e ligar a nós todos... Eu escrevi e desenhei mais de três mil tiras até agora, e na extensão que a tira reflete os meus interesses, valores e pensamentos, meus quadrinhos são uma espécie de autorretrato. Quanto mais eu trabalhei, mais eu usei a tira para explorar questões pessoais<sup>62</sup>.

Afinal, quem é Bill Waterson? Uma pergunta que já é difícil quando lidamos com uma pessoa comum torna-se um desafio ao lidarmos com o quadrinhista norte-americano. Diferente de muitas figuras públicas, William Boyd Watterson II preferiu afastar-se dos olhares do mundo. Avesso a

---

<sup>62</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p. 111.

entrevistas, ao assédio dos fãs e mesmo a aparições públicas, o pouco que sabemos sobre o criador de Calvin é aquilo que ele fala de si mesmo em prefácios de seus livros, algumas entrevistas realizadas antes de seu “desaparecimento” e poucas reportagens feitas após o fim de seu maior sucesso. Felizmente, com esses poucos dados, ainda é possível traçar um pequeno perfil do cartunista, que nos auxiliará mais adiante a entender melhor os símbolos e figuras de suas tiras.

Apesar de ter nascido em Washington DC, em 1952, é na pequena cidade de Chagrin Falls (Ohio), que Waterson passou os anos mais importantes de sua infância, vivendo ali a partir dos seis anos. Seu pai, James Waterson, era um advogado de patentes (como o pai de Calvin)<sup>63</sup> e, assim como sua esposa Kathryn, tornou-se membro do conselho da cidade. Diferente da estrela de sua tira, Bill não era um garoto totalmente solitário. Junto com seu irmão Tom ele pôde criar algumas histórias e desenhar personagens para filmes *stop-motion*<sup>64</sup>. “Ele era uma criança conservadora. Não é que ele não tinha imaginação, pois certamente ele tinha. Mas não de um jeito fantasioso”, diz seu pai. “Ele não era como Calvin. Não tinha um amigo imaginário como Hobbes e não era um Dennis, o pimentinha”<sup>65</sup>.

No entanto, apesar da companhia do irmão, Bill passou boa parte de sua juventude sozinho, desenhando e lendo seus cartuns. Em suas palavras, ele teve “uma infância ordinária”<sup>66</sup>, embora alguns de seus desenhos chegassem a aparecer em livros do ano e jornais da escola, além das portas de banheiro. Apesar de não parecer muito brilhante em seu cotidiano quase interiorano, é bem provável que o menino Waterson usou esses momentos de introspecção para cultivar as ideias que um dia viriam à tona com Calvin &

---

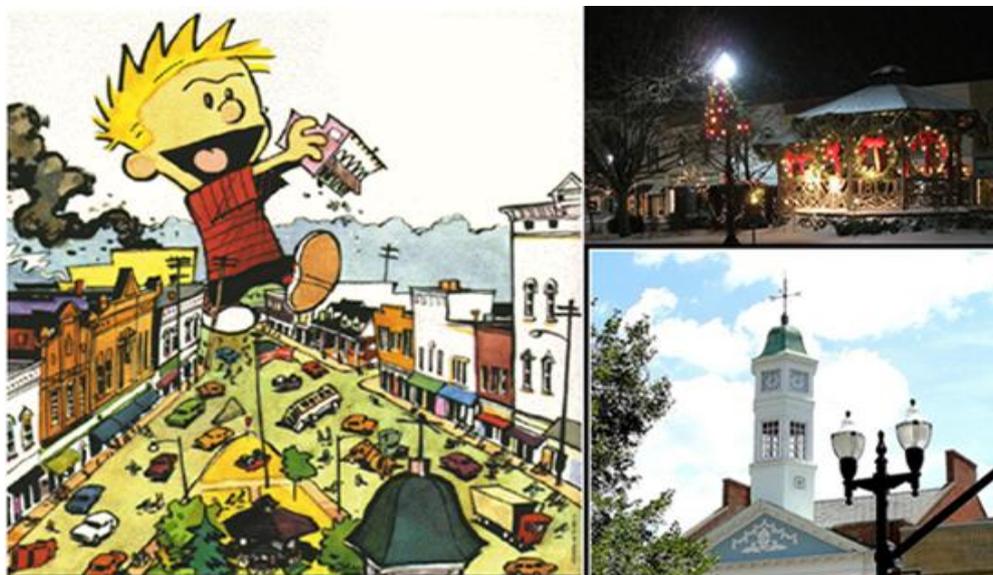
<sup>63</sup> HULSIZER, Tim. *A Short Biography Of Bill Watterson*. Disponível em < <http://ignatz.brinkster.net/csimple.html> >. Acesso em 12 de novembro de 2010. Tradução do autor.

<sup>64</sup> Literalmente: "movimento parado". Técnica de animação quadro a quadro. Em geral, utiliza-se fotos, que são montadas em sequência, o que traz a impressão de movimento.

<sup>65</sup> WILLIAMS, Gene. *Waterson: Calvin's Other Alter Ego*. Cleveland: The Plain Dealer. 30. ago. 1987. Disponível em < <http://ignatz.brinkster.net/calterego.html> >. Acesso em 12 de novembro de 2010. Tradução do autor.

<sup>66</sup> WATERSON, Bill. *The Short, Tongue-in-cheek Autobiography of Bill Watterson*. Disponível em < <http://ignatz.brinkster.net/cautobio.html> >. Acesso em 12 de novembro de 2010. Tradução do autor.

Hobbes. Alguns dos cenários usados nas tiras vêm de Chagrin Falls, e muitas das situações cotidianas são referências a momentos de sua infância.



A contracapa de *The Essential Calvin & Hobbes* mostra Calvin destruindo Chagrin Falls.

Por exemplo, algumas das ideias mais sombrias na série vieram do mesmo menino que é considerado (e se considera) diferente de Calvin. Comentando uma tira em que o Calvin fantasia bombardear sua escola, Waterson nos diz que recebeu algumas cartas criticando tal ideia. Sobre isso, o autor comenta: “aparentemente, alguns dos meus leitores nunca foram crianças”<sup>67</sup>. Em outra tira, com a temática “um dia na vida de Calvin”, em que todos os quadrinhos resumem-se em alguém oprimindo ou proibindo o pobre garoto, segue-se a fria declaração de Bill: “nunca entendi as pessoas que se lembram da infância como uma época idílica”<sup>68</sup>. Alguns cenários também são inspirados na paisagem de Ohio, assim como o relacionamento de Waterson com os esportes, trabalho, garotos, entre outros assuntos. Ele também estudou no Chagrin Falls High School, onde desenhou uma mascote para a escola – curiosamente, um tigre.

<sup>67</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p. 88.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p.78.

É possível que essa mascote tenha se tornado uma inspiração para Hobbes nos próximos anos. Outra fonte de inspiração vem dos anos de faculdade, no Kenyon College, entre 1976 e 1980. Ali Waterson fez seu curso de ciência política, e começou a desenvolver-se como desenhista. Nesse período, ele produziu alguns cartuns para a faculdade e passou a desenhar tiras políticas, que lhe renderam um emprego no *The Cincinnati Post*.



Publicado no *Kenyon Collegian*, jornal da faculdade, 1980<sup>69</sup>

No entanto, seu primeiro emprego durou pouco. Em questão de seis meses, foi demitido. Pat Oliphant, cartunista vencedor do Pulitzer não vê isso como algo ruim: “Já vi os cartuns editoriais de Waterson e estou feliz que ele tenha passado a fazer uma tira ao invés disso”. Na verdade, hoje nem mesmo o próprio Bill entende sua demissão como injusta. “Ser demitido me forçou a reexaminar quão comprometido eu estava com cartuns políticos... eu nunca fui muito bom nisso”<sup>70</sup>.

Sem emprego, Waterson não desistiu do sonho de ser cartunista, algo que cultivava desde a 7ª série e parecia mais realista que seu outro desejo – ser astronauta. Porém, conseguir espaço em meio às páginas de quadrinhos dos jornais não é tarefa das mais fáceis e, enquanto não conseguia ser

<sup>69</sup> Tradução: Bem, aqui estamos, vinte e um anos, no auge de nossas vidas, inteligentes, distintos, engraçados, educados... e completamente desempregados.

<sup>70</sup> MARTELL, Nevin. *op. cit.*, p.14-39.

licenciado, Bill passou por trabalhos frustrantes como fazer layouts de anúncios para revistas pequenas e alguns projetos *freelancers*<sup>71</sup> de ilustrador e desenhista.

Neste período entre o fim da faculdade e o início de Calvin & Hobbes, Waterson casou-se com Melissa Richmond, sua paixão desde o ensino médio. Missy, como era conhecida pelos amigos, acabou tornando-se uma inspiração para a rival e colega de Calvin – Susie Derkins. “Sincera, séria e inteligente – o tipo de garota por quem eu me atraía na escola e com quem acabei me casando”<sup>72</sup>.

O mercado de tiras nos Estados Unidos funciona com base nos *syndicates*, as agências responsáveis pela distribuição dos quadrinhos em jornais, de maneira semelhante às agências de notícia. A cada ano, os editores de cada *syndicate* recebem milhares de novas tiras, para avaliar e ver se alguma delas tem futuro nos jornais. Dificilmente alguém se destaca no meio de tanto material, e Waterson não foi exceção.

Antes de Calvin & Hobbes, Bill já havia enviado algumas sugestões. Uma delas foi *Spaceman Spiff*, um personagem que hoje é familiar aos leitores de Calvin. Criada para as aulas de alemão que teve no ensino médio (na época com o nome de *Raumfahrer Rolf*), a tira narrava as aventuras de um astronauta em mundos exóticos e distantes. No entanto, suas histórias iniciais não tinham o elemento que o tornou personagem recorrente nas histórias de Calvin & Hobbes – o confronto entre fantasia e realidade. No final de cada história, não havia a revelação do real perigo enfrentado pelo protagonista, às vezes a professora ou um teste da escola, às vezes a mãe ou o valentão do bairro.

Outra tira rejeitada foi chamada de *The Dog House*, sobre um jovem comum chamado Sam e seu amigo preguiçoso Fester. O interessante nessa tira é a participação do irmão mais novo de Sam, um garoto chamado Marvin, que carregava consigo um tigre de pelúcia chamado Hobbes. Apesar da

---

<sup>71</sup> Profissional autônomo, que trabalha por tarefa ou projeto para diferentes clientes ou empresa, sem se vincular a elas.

<sup>72</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.19.

rejeição, a Universal Features Syndicate demonstrou interesse em futuros projetos de Waterson. Outras respostas positivas levaram o quadrinhista a desenvolver melhor a tira, chamando-a de *Fernbusterville* e retirando personagens inúteis, o que a deixou apenas com Sam, Fester, Marvin, Hobbes e uma versão primária de Susie.

Novamente, a editora da Universal Features Syndicate, Sara Gillespie, continuou acreditando no potencial de Waterson, sugerindo que ele se concentrasse naqueles que ela considerava as estrelas da tira, Marvin e Hobbes. Bill seguiu o conselho e desenvolveu os personagens para além de dois clichês (em especial, o menino, que era apenas um garoto piadista), enfatizando a sempre debatida questão da natureza de Hobbes. Além disso, com o lançamento de uma outra tira na mesma época, chamada *Marvin*, o protagonista é batizado com o nome do teólogo João Calvino, completando a piada interna que compõe o título da série.

Infelizmente, mesmo com todas as alterações, a tira acabou sendo mal recebida nos testes da Universal Features e, embora Gillespie tenha lutado com seus superiores sobre o grande potencial dos personagens, novamente Waterson foi rejeitado.

Dessa vez, no entanto, o cartunista estava confiante quanto a Calvin & Hobbes e, em novembro de 1984, enviou a proposta da tira para outra agência, a Universal Press Syndicate (UPS). O editor Lee Salem empolgou-se com aquele trabalho e, em suas palavras, viu ali o “próximo Charles Schulz”. Um ano depois, a tira era publicada em aproximadamente 40 jornais, no dia 18 de novembro de 1985.



A primeira tira (1985)

O sucesso de Calvin & Hobbes foi rápido. Antes de completar 2 anos, a tira passou a ser publicada na maioria dos grandes jornais americanos e, pouco depois, era traduzida para outros países. Waterson recebeu 17 prêmios nos Estados Unidos durante os dez anos de publicação. Um deles é o Reuben Awards, o mais importante prêmio entre os cartunistas norte-americanos, conquistado por ele em 1986 e 1988. Já o Harvey Awards de “Melhor tira sindicada” foi vencido por sete anos seguidos (1990-1996). Inexplicavelmente para alguns, Bill não apareceu em nenhuma das premiações.

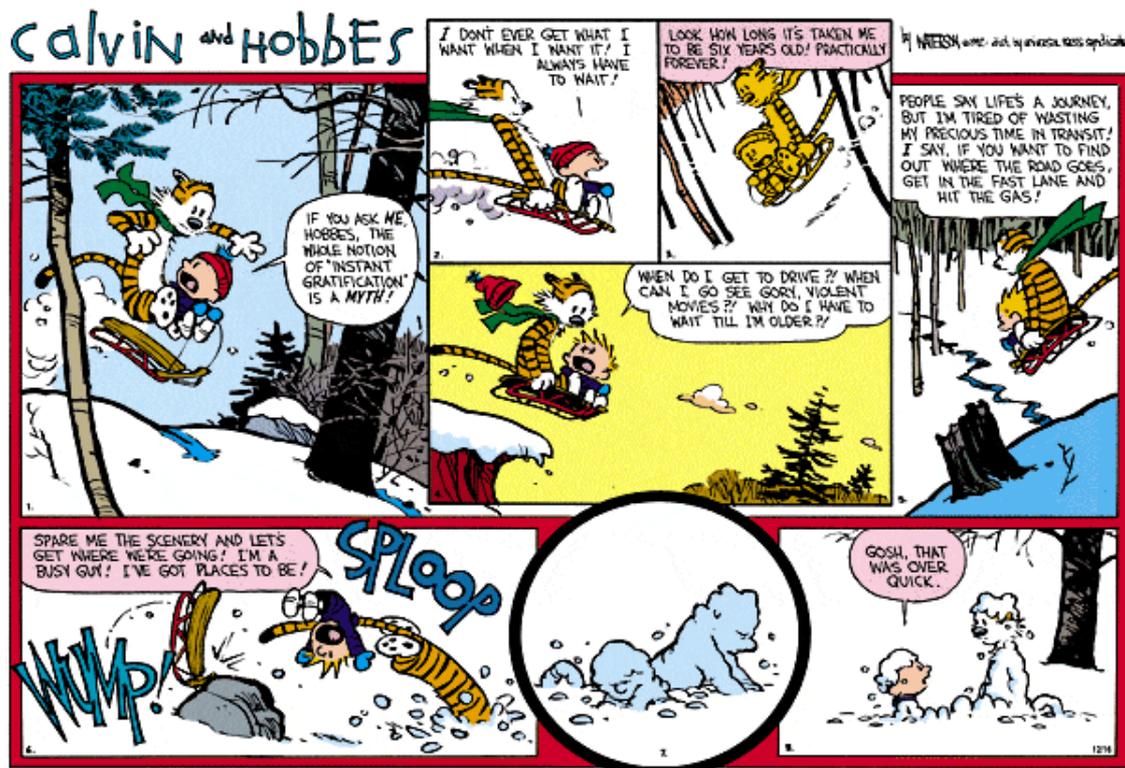
Dois características marcaram o quadrinhista nos anos que se seguiram: a aversão à fama, aos holofotes e à atenção da imprensa, e a proibição de qualquer produto relacionado à tira (com exceção dos livros de coletânea). Entrevistas com Waterson tornaram-se cada vez mais raras e sua última aparição pública foi em 1990, em uma colação de grau no Kenyon College. Enquanto a UPS procurava maneiras de lucrar mais com a tira, Bill esquivava-se, negando encontros com empresários, investidores, fabricantes de brinquedos e até diretores de cinema do calibre de George Lucas e Steven Spielberg. Em uma entrevista para o *The Comics Journal*, Waterson explica seus motivos:

Estou convencido de que licenciar seria vender a alma de *Calvin & Hobbes*. O mundo de uma tira em quadrinhos é muito mais frágil que muitas pessoas percebem. Uma vez que você abre mão de sua integridade, acabou. Quero

ter certeza de que isso nunca aconteça... a arte popular não tem que se vender até o nível mais baixo de gosto e inteligência<sup>73</sup>.

Em 1991, a Universal Press finalmente resolve entregar o controle total da tira a Bill Waterson. Com essa decisão – que poderia levar a UPS a perder milhões em potencial – o quadrinhista garante que nenhum de seus personagens será licenciado. Junto com o acordo, ele também recebeu um período sabático, entre maio de 1991 e janeiro de 1992, a fim de descansar de tantas brigas e recuperar um pouco de sua energia criativa.

Aparentemente, esse tempo de repouso foi frutífero e, em 1992, Waterson propõe um novo formato para as tiras de domingo, inovando no layout das histórias e ganhando o espaço de meia página nos jornais. A UPS anunciou a mudança de padrão em Calvin & Hobbes e sete jornais (em um universo de 1800) recusaram-se a publicar.



A primeira tira no novo formato de domingo, publicada originalmente em 02 de fevereiro de 1992.

<sup>73</sup> WEST, Richard Samuel; Interview: Bill Waterson, The Comics Journal. Ano. 12, N.127, fev.1989. Disponível em < <http://ignatz.brinkster.net/ccomicsjournal.html> >.

Em 1994, Waterson pede outro período de descanso, e retorna apenas em janeiro de 1995. Calvin & Hobbes reinicia com a célebre tira dos tiranossauros pilotando F-14s. Para muitos leitores, parecia ser o retorno triunfal de sua tira preferida. No entanto, aqueles últimos meses, na verdade, eram a despedida da série.



A melhor parte de ser um cartunista é a oportunidade sempre presente de ser ridículo. Esta é uma tira boba, mas eu certamente me diverti com ela.

*“A melhor parte de ser um cartunista é a oportunidade sempre presente de ser ridículo. Esta é uma tira boba, mas eu certamente me diverti com ela”<sup>74</sup>.*

Em 9 de novembro, Bill Waterson anuncia o fim da tira em uma carta publicada em praticamente todos os jornais que veiculavam Calvin & Hobbes. A última história foi publicada em 1995, mostrando os dois protagonistas diante de um mundo totalmente branco, coberto pela neve, com o garoto convidando o tigre a explorar aquele ambiente tão puro e novo. As próximas aventuras dos dois se passariam apenas na imaginação dos leitores.

Após o fim de sua obra maior, Waterson voltou a viver em Ohio, e raramente ouve-se alguma notícia sobre ele. Sabe-se que ele voltou a desenhar suas famosas criações apenas para ilustrar algumas páginas de *The Complete Calvin & Hobbes*, uma coleção em três volumes, de quase dez quilos, que permaneceu meses na lista de best-sellers do *The New York Times*. Segundo o prefácio dessa coletânea, escrita pelo próprio Waterson, ele dedica-se agora à pintura e a estudar a história da arte. Em 2005, todo o seu material produzido para a tira foi doado ao *Cartoon Research Library*.

<sup>74</sup> WATERSON, Bill. *op. cit.*, p.109.

Em fevereiro de 2010, comemorando 15 anos do fim de Calvin & Hobbes, Bill aceitou ser entrevistado mais uma vez, por e-mail. Provavelmente essa foi sua primeira entrevista em 20 anos. Nessa entrevista ele fala um pouco sobre o fim de Calvin & Hobbes<sup>75</sup>:

Após dez anos, eu disse muito do que gostaria de dizer. É sempre melhor deixar a festa cedo. Se tivesse continuado com a popularidade da tira e me repetido por mais cinco, dez ou 20 anos, as pessoas agora estariam de 'luto' por 'Calvin & Hobbes', desejando minha morte e amaldiçoando os jornais por veicularem tiras antigas e tediosas como as minhas, ao invés de adquirir talentos mais novos e joviais. E eu concordaria com elas.

Acho que um dos motivos para Calvin & Hobbes ainda encontrar audiência hoje é que não escolhi continuar indefinidamente com isso. Nunca me arrependi de terminar a tira no momento em que o fiz.<sup>76</sup>

Embora saiba que muitos desejariam o retorno do menino e do tigre, Waterson acredita que tomou a decisão correta ao não dar a suas histórias o temido fim de muitas obras populares – a repetição.

## 6.2 Chinês, estranho e mitológico

Mesmo lembrado erroneamente apenas como o teólogo que criou a doutrina cristã da predestinação, a importância de João Calvino sobre a sociedade ocidental vai além de mera curiosidade histórica e teológica. Karl Barth, considerado o maior teólogo do século XX (mesmo que o título seja discutível para alguns, sua notoriedade lhe tornou o único da área a ser capa

---

<sup>75</sup> WATERSON, Bill. *Bill Watterson, creator of beloved 'Calvin and Hobbes' comic strip looks back with no regrets*, Cleveland: The Plain Dealer. 01. fev. 2010. Entrevista concedida a John Campanelli. Disponível em <[http://www.cleveland.com/living/index.ssf/2010/02/bill\\_watterson\\_creator\\_of\\_belo.html](http://www.cleveland.com/living/index.ssf/2010/02/bill_watterson_creator_of_belo.html)>. Acesso em 14 de novembro de 2010. Tradução do autor.

<sup>76</sup> By the end of 10 years, I'd said pretty much everything I had come there to say. It's always better to leave the party early. If I had rolled along with the strip's popularity and repeated myself for another five, 10 or 20 years, the people now "grieving" for "Calvin and Hobbes" would be wishing me dead and cursing newspapers for running tedious, ancient strips like mine instead of acquiring fresher, livelier talent. And I'd be agreeing with them. I think some of the reason "Calvin and Hobbes" still finds an audience today is because I chose not to run the wheels off it. I've never regretted stopping when I did.

da revista *Time*), escreve em carta para amigo uma manifestação quase poética de sua admiração por Calvino:

Calvino é uma catarata, uma floresta primitiva, um poder demoníaco, algo vindo diretamente do Himalaia, absolutamente chinês, estranho, mitológico; perco completamente o meio, as ventosas, mesmo para assimilar esse fenômeno, sem falar para apresentá-lo satisfatoriamente. O que recebo é apenas um pequeno e tênue jorro e o que posso dar em retorno, então, é apenas uma porção ainda menor desse pequeno jorro. Eu poderia feliz e proveitosamente assentar-me e passar o resto de minha vida somente com Calvino.<sup>77</sup>

Apesar do exagero apaixonado nas declarações de Barth, limitar o reformador a uma doutrina somente seria uma injustiça. Mesmo Waterson, falando sobre o nome de Calvin, associa o garoto basicamente a “um teólogo protestante do século XVI que acreditava na predestinação”<sup>78</sup>. No entanto, a associação não é totalmente incorreta, uma vez que Calvino realmente sistematizou e defendeu essa doutrina de uma maneira que poucos haviam feito antes, e aqueles que o seguiram no assunto dependem bastante de seus escritos a ponto de serem chamados de calvinistas. Assim, ele não foi o único que creu ou aquele que criou a predestinação, mas provavelmente o maior expositor do assunto<sup>79</sup>. Por isso, há mais a se dizer do reformador que apenas uma doutrina. O escritor John W. Robbins nos dá, corretamente, um resumo da importância e força do reformador, tanto entre opositores quanto entre defensores:

Will Durant, o historiador americano do século vinte, pensava que Calvino 'obscureceu a alma humana com o mais absurdo e blasfemo conceito de Deus em toda a longa e honrosa história das tolices'. (...) O filósofo político francês do século dezoito, Montesquieu, pensava que as pessoas de Genebra 'deveriam abençoar o dia do nascimento de Calvino'. O historiador do século dezenove, Leopold von Ranke, pensava que Calvino era 'o fundador virtual da América'. (...) O sociólogo alemão Max Weber atribuiu o

---

<sup>77</sup> BARTH, Karl. apud. GEORGE, Timothy. *A Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.161.

<sup>78</sup> WATERSON, Bill. *op.cit.*, p.16.

<sup>79</sup> Calvino depende especialmente dos escritos de Agostinho em suas Institutas. Lutero também defendeu a predestinação em seu debate contra Erasmo.

surgimento do capitalismo a Calvino em seu livro de 1905, intitulado '*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*'.<sup>80</sup>

Nascido em 10 de julho de 1509, na cidade de Noyon, França, Jean Cauvin logo foi direcionado aos estudos pelo pai. Aos 12 anos foi enviado para a capital da França, a fim de preparar-se para o curso de direito na Universidade de Paris. Depois de adquirir o diploma de bacharel em Artes no Collège de Montaigu, por onde também passou Erasmo de Roterdã, iniciou sua vida acadêmica aos 19 anos, cursando Teologia. No entanto, a pedido do pai, e devido aos início dos conflitos provenientes da Reforma, Cauvin foi enviado à Universidade de Orleans, a fim de estudar Direito.

Os relatos dessa época são poucos, mas acredita-se que por volta de 1532, João Calvino aderiu ao movimento reformado, em algo que ele chama de “um ato súbito de conversão”, que “subjugou e trouxe minha mente a uma disposição suscetível, a qual era mais empedernida em tais matérias do que se poderia esperar de mim naquele período de minha vida”<sup>81</sup>. Não se sabe ao certo quais foram as razões mais fortes que o levaram a uma mudança de mente, mas alguns apontam uma conjunção de fatores, como uma Bíblia emprestada por seu primo Olivétan, as pregações do amigo Nicholas Cop, reitor da universidade de Paris, além de cursos e preleções que o reformador havia recebido nas escolas e faculdades, onde aprendeu a ler grego e hebraico, línguas originais das Escrituras judaico-cristãs.

Na época dessa experiência de conversão, seu pai já havia falecido e Calvino abandonou o curso de direito, para retornar à teologia. Ainda assim, por ter cursado tudo o que era necessário, inclusive produzindo um comentário sobre Sêneca como tese de doutorado (e que se tornou seu primeiro livro), o reformador recebe da Universidade de Orleans o título de doutor.

---

<sup>80</sup> ROBBINS, John W. *Quem foi João Calvino?* Disponível em [http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/quem-foi-calvino\\_robbins.pdf](http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/quem-foi-calvino_robbins.pdf) > . Acesso em: 30.out.2009.

<sup>81</sup> CALVINO, João. *O Livro de Salmos*. São Paulo, Paracletos, 1999. livro 1, p. 38.

Em 1534, uma forte perseguição aos protestantes em Paris leva Calvino e muitos de seus amigos e conhecidos a fugirem da cidade, refugiando-se em Basileia. Seus primeiros dias na Suíça dão-lhe um dos momentos mais frutíferos e importantes da Reforma Protestante. É ali, após 14 meses de trabalho, que Calvino publica a primeira versão de suas *Institutas da Religião Cristã*, obra em quatro volumes, considerada a mais importante da teologia protestante.

As intenções do jovem de 27 anos em escrever esse tratado eram das mais ambiciosas: “preparar e instruir de tal modo os candidatos à sagrada teologia, para a leitura da divina Palavra, que não só lhe tenham fácil acesso, mas ainda possam nesta escalada avançar sem tropeços”<sup>82</sup>. Mesmo reconhecendo sua pretensão, Calvino não deixa de afirmar que seu trabalho é “mais de Deus que de mim próprio. Portanto, se algum louvor houver ela de suscitar, a Deus se deve ele render”<sup>83</sup>.

Talvez aqui encontremos uma diferença entre Calvino e seus precursores escolásticos: apesar de toda sua erudição, não era a especulação, a curiosidade ou o “conhecimento pelo conhecimento” que motivava o reformador, mas um desejo de ensinar e proteger os menos instruídos naquilo que ele comumente chama de “piedade”. “Em todas as suas páginas aparece não tanto (como em Aquino) a soma de toda teologia (*summa theologiae*), mas uma soma de toda piedade (*summa pietatis*)”<sup>84</sup>.

Um outro propósito da obra é talvez mais ousado. Após a introdução das *Institutas*, há uma carta em que os livros são dedicados ao Rei da França Francisco I, na tentativa de persuadir o monarca de que a igreja protestante não se posiciona como inimiga da Igreja Católica, mas como um retorno à igreja como proposta pelo Novo Testamento<sup>85</sup>. Naqueles quatro livros estaria, portanto, uma explanação das doutrinas básicas do Cristianismo – embora, na verdade, o leitor mais atento descobrirá que encontramos também a visão

---

<sup>82</sup> CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*, São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 1985. Livro 1, p. 35.

<sup>83</sup> *Ibid.*, p.40

<sup>84</sup> THOMAS, Derek. *Blog 1: "To the Reader"*. Disponível em <<http://www.reformation21.org/calvin/2009/01/blog-1-to-the-reader.php>>. Acesso em 16. nov. 2010. Tradução do autor.

<sup>85</sup> CALVINO, João. *op. cit.*, livro 1, p.33-35.

calvinista do governo e da sociedade, algo que possivelmente era direcionado ao Rei Francisco.

Nas Institutas, encontraremos também uma visão das artes e das ciências, da Criação como “teatro da glória de Deus” e do valor do ser humano que, apesar de pecador e caído, para Calvino, ainda retém parte de sua glória. Essa abrangência do pensamento do reformador garantiu que seus seguidores não enfatizassem tanto uma natureza dualista do universo, em que o homem deve escolher entre atividades seculares e sagradas, pois apenas as últimas são agradáveis a Deus. Não era muito forte no reformador a idéia quase gnóstica de que a natureza material era essencialmente ruim, enquanto apenas o espiritual é bom, algo presente entre católicos medievais, anabatistas e pietistas. Para Calvino, tanto um sapateiro quanto um missionário executavam um trabalho digno e que glorificaria a Deus.

Terminada a estrutura básica das Institutas (que ainda passariam por várias revisões pelos anos), Calvino agora se preparava para mudar-se para Estrasburgo, onde prosseguiria em seus estudos. No entanto, seus planos seriam mudados radicalmente pela necessidade de alterar sua viagem, passando um dia em Genebra para escapar de uma guerra. Lá, Calvino conhece Guilherme Farel, líder protestante que lhe o amaldiçoa caso não se una à Reforma em Genebra. “Farel me deteve em Genebra... movido por uma fulminante imprecação, a qual me fez sentir como se Deus pessoalmente, lá do céu, houvera estendido sua poderosa mão sobre mim e me aprisionado”<sup>86</sup>.

A partir daí, a história de Calvino estaria ligada à cidade suíça. O reformador permaneceu lá até sua morte, em 1564, deixando Genebra apenas por três anos, devido a um exílio. Em seu novo lar, o reformador assumiu o papel de pastor e mestre, auxiliando o conselho dirigente da cidade, mas também envolvendo-se em situações difíceis, como a rebelião dos chamados “libertinos”, ou vergonhosas, como sua participação na condenação à fogueira de Miguel Serveto, teólogo antitrinitariano. Ele envolveu-se em polêmicas, devido ao uso excessivo da lei para diminuir a

---

<sup>86</sup> CALVINO, João. *O Livro de Salmos*. Livro 1, p. 40.

imoralidade na cidade, mas também foi querido por muitos na cidade, tornando-se um propagador da educação pública, da justiça social e do saneamento básico.

Em Genebra, Calvino casou-se com Idelette de Bure, em uma relação que durou apenas nove anos, com a morte dela em 1549. Sobre a perda precoce de sua esposa, o reformador diz:

É verdadeiramente minha essa fonte descomunal de pesar – fui destituído da melhor companheira de minha vida, de alguém que tinha sido de tal modo eleita para mim que, se isso tivesse sido ordenado, não apenas teria sido uma espontânea companhia na minha indigência, mas também na minha morte. Durante toda a minha vida ela foi uma auxiliadora fiel em meu ministério. Nunca tive por parte dela um mínimo estorvo. Ela nunca foi um problema para mim ao longo de toda a trajetória de sua doença.<sup>87</sup>

Após a morte de Idelette, o teólogo francês decide permanecer solteiro pelo resto da vida. Seus últimos anos foram mais tranquilos em seu relacionamento com Genebra e seus moradores, mas terríveis para sua saúde. No mesmo período em que concluiu a última versão das Institutas, o reformador estava cada vez mais debilitado por suas doenças. Por fim, seu corpo não mais resistiu e o reformador faleceu em 27 de maio de 1564, deixando um legado de 45 livros de comentários bíblicos, 2000 sermões e centenas de cartas escritas para conforto e aconselhamento de fieis e amigos.

Antes de morrer, não demonstrou a pretensão juvenil que mostrara na primeira publicação das Institutas. Diz ele que “tudo que fiz é indigno, e sou uma criatura miserável. Contudo, posso dizer isso: eu tencionava o melhor... se houve uma coisa boa, vocês podem firmar-se por meio dela e usá-la como

---

<sup>87</sup> CALVINO, João. apud. MATOS, Alderi Souza de. *Um Vaso de Barro: A Dimensão Humana de João Calvino*. Fides Reformata, São Paulo, São Paulo, vol. 14, nº 2, julho.2009. Disponível em < [http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides\\_Reformata/Um\\_Vaso\\_De\\_Barro\\_-\\_A\\_Dimensao\\_Humana\\_De\\_Joao\\_Calvino\\_Alder\\_i\\_.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides_Reformata/Um_Vaso_De_Barro_-_A_Dimensao_Humana_De_Joao_Calvino_Alder_i_.pdf) >. Acesso em: 01. nov. 2010.

exemplo”<sup>88</sup>. A seu pedido, foi enterrado em um túmulo anônimo, a fim de não atrair atenção para si.

A força do reformador é reconhecida por seguidores e antagonistas, e as conseqüências de sua passagem por Genebra permanecem até hoje. Recentemente, a cidade recebeu o título cidade com melhor qualidade de vida do mundo, o que, em parte, vem das reformas educacionais propostas por Calvino<sup>89</sup>. Jacob Armínio, um dos maiores opositores do calvinismo, ensinava seus alunos a dependerem dos comentários de Calvino<sup>90</sup> em auxílio ao estudo da Bíblia. Recentemente, a revista *TIME* elegeu uma doutrina chamada de “neocalvinismo” – a adaptação do pensamento do reformador para os dias de hoje – uma das dez ideias que está mudando o mundo<sup>91</sup>. Podemos questionar essa afirmação, mas não é difícil notar que o pensamento de João Calvino foi muito além do âmbito religioso, indo além da sociedade de Genebra e moldando as estruturas de países como a Inglaterra, a Holanda e os Estados Unidos.

### 6.3 Poderás tirar com um anzol o Leviatã?

O nome de Thomas Hobbes está ligado especialmente a ideias políticas, uma vez que é reconhecido por muitos como o criador do conceito moderno de Estado. Da mesma forma que Calvino não criou e pregou apenas a doutrina da predestinação, o filósofo inglês mostra em seus escritos muito mais que noções políticas. Para falar do Estado, um animal imaginário, em suas própria palavras<sup>92</sup>, é preciso falar primeiro daquele para quem o Estado é criado e se dirige, a saber, o ser humano e suas singularidades.

---

<sup>88</sup> PARSONS, Burk (org.). *João Calvino - Amor à Devoção, Doutrina e Glória de Deus*. Editora Fiel, São José dos Campos, São Paulo, 2010, p.40

<sup>89</sup> SILVESTRE, Armando. *Calvino: o potencial revolucionário de um pensamento*. Editora Vida, São Paulo, 2009, p.144.

<sup>90</sup> apud. CALVINO, João. *Romanos*. São Paulo, Paracletos, 2001, p. 15.

<sup>91</sup> BIEMA, David van. 10 Ideas Changing the World Right Now. Disponível em < [http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1884779\\_1884782\\_1884760,00.html](http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1884779_1884782_1884760,00.html) >. Acesso em 10.out.2010.

<sup>92</sup> HOBBS, Thomas. *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*, São Paulo, Martins Fontes, 2008, p.11.

Além disso, muitos dos conceitos que vemos em seus escritos não são originais, mas um desenvolvimento e sistematização de idéias propostas por precursores<sup>93</sup>. Isso não diminui a importância de Hobbes como filósofo e cientista político, mas o coloca em um contexto correto, como homem de seu tempo e habilidoso escritor.

Nascido em 1588, na cidade inglesa de Malmesbury, Hobbes diz que ao nascer sua mãe teria, na verdade, dado à luz gêmeos: “Hobbes e o medo”. O motivo para essa afirmação é que sua mãe entrou em trabalho de parto prematuro, devido à ameaça de um ataque da Armada Espanhola (conhecida como “Armada Invencível”) contra a Inglaterra. Quando Hobbes tinha sete anos de idade, seu pai teve de se mudar para Londres, e o garoto ficou sob os cuidados de seu tio Francis, que investiu em seus estudos.

No Magdalen Hall College, destaca-se, mas rejeita o estudo da escolástica e do aristotelismo, predominantes naquele local. Após conquistar o bacharelado em Artes, é indicado a tutorar William Cavendish, com quem empreende uma viagem pela Europa em meados da década de 1610. Retornando à Inglaterra em 1615, Hobbes resolve devotar-se ao estudo dos clássicos e entra em contato com Francis Bacon, de quem foi amanuense e criou fortes relações. Seu relacionamento com os nobres ingleses da família Cavendish também continua pelas décadas seguintes.

Na década de 1630, Thomas Hobbes realiza outra viagem para a Europa, onde conhece o Padre Mersenne, mentor de Descartes, e Galileu. Nessa época, o filósofo inglês aproxima-se mais das teorias mecanicistas do universo<sup>94</sup>, o que moldaria sua explicação dos desejos e movimentos do ser humano.

O que singulariza a mecânica hobbesiana é a radicalidade com que Hobbes defendeu a idéia de que o movimento é a única causa de tudo o que existe e que não há nada, a não ser o próprio movimento, que possa explicar as determinações do movimento, responsáveis por todas as mudanças ocorridas nos corpos. (...) O apetite é para Hobbes um *conatus*, ou seja, um

---

<sup>93</sup> LIMONGI, Maria Isabel. *op. cit.*, p.7.

<sup>94</sup> Teoria da física que tenta explicar todos os fenômenos naturais em termos de relações entre corpos em movimento.

movimento imperceptível de nosso corpo (cuja causa é o movimento dos outros corpos sobre o nosso corpo) que está na raiz de nossos movimentos perceptíveis, nossos movimentos voluntários, tais como andar, falar, etc.<sup>95</sup>

Com a possibilidade de uma guerra civil em seu país, Hobbes foge para Paris. Nessa época, sua primeira versão da obra de teoria política, *Elementos da Lei*, já circulava na Inglaterra. Na França, tornou-se professor de matemática daquele que se tornaria o Rei inglês Carlos II. Ali, o filósofo dedicou-se a escrever, publicando vários trabalhos, como *Do cidadão*, sua segunda obra de teoria política, tratados sobre ótica, e críticas a obras de outros autores, como Descartes.

Seu livro mais conhecido, *Leviatã*, só é publicado e distribuído em 1651. Apesar do status atual de clássico, esse trabalho de Hobbes não foi bem recebido por seus colegas refugiados, nem por parte do clero, o que lhe rendeu polêmicas e a acusação de ser ateuista. Sem apoio de seus compatriotas em Paris, Hobbes retorna para Londres um ano depois.

Em sua terra natal, foram publicados vários livros, como *Do Corpo*, *Do homem* e *Do cidadão*, uma trilogia que, segundo Hobbes, compõe seu sistema. O primeiro desse três livros, juntamente com outros escritos em que se defende ou debate com seus acusadores, provocaram a exclusão de Hobbes da Royal Society em 1665, além da queima de seus livros em Oxford, no ano seguinte.

Por que Hobbes encontrou tamanha oposição? Em primeiro lugar, sua filosofia mecanicista e racionalista desafiava aqueles que abraçavam uma tradição escolástica e católica, um problema que Galileu também teve<sup>96</sup>. Outras idéias do filósofo também incomodaram os pensadores de seu tempo, como o *estado de natureza do homem*.

Para Hobbes, o estado natural do ser humano é de “guerra de todos contra todos”. Isso não significa que vive-se em conflito, mas que existe uma disposição para isso, uma vez que todos os homens, nascidos iguais em

---

<sup>95</sup> Ibid., p.15-16.

<sup>96</sup> PEARCEY, Nancy. THAXTON, Charles. *A Alma da Ciência*. São Paulo. Cultura Cristã, 2005, p.40-43,100-102.

corpo e espírito desejam as mesmas coisas. Em seu estado de natureza, não há noção de bem ou mal, pois o que cada um deseja é, para si, o “bom” e “justo”. As motivações que levam os homens a entrarem em guerra são três:

1. Competição: uma busca pelo controle dos outros, seja por meio de riquezas ou apenas por domínio sobre eles;

2. Desconfiança: isto é, a tentativa de estar seguro quanto a possíveis ataques e roubos de suas posses;

3. Glória: o desejo de reputação, de ter seu valor e seu poder reconhecido pelos outros. Nas palavras de Hobbes, “por ninharias, como uma palavra, um sorriso, uma opinião diferente”<sup>97</sup>.

Esse último item é algo importante para Hobbes, uma vez que, no fim das contas, dali surgiria uma guerra não pela sobrevivência, pela proteção, mas por algo abstrato como posição social ou fama. Vemos uma poderosa crítica à sociedade de sua época, e mesmo à nossa.

Uma crítica da sociedade cortesã, estruturada em torno dos valores de honra e da reputação, os quais definem a hierarquia social desde o seu topo, o príncipe ou o rei, que detêm o valor máximo de nobreza e supostamente de virtude (...) passando por todos os níveis intermediários de nobreza. O que Hobbes quer indicar é que uma sociedade cuja ordem é montada em torno dos valores de honra e da reputação é uma sociedade em estado de guerra iminente, isto é, uma sociedade sem estabilidade política.<sup>98</sup>

O ser humano, entretanto, não deseja viver nesse estado de guerra. O maior medo de todos é o medo da morte. O homem deseja a paz, pois somente assim pode desfrutar daquilo que conquistou e possui. Na condição natural do ser humano, sem a paz, vive-se em um estado de insegurança, sem garantia de que o que considero como meu direito será respeitado. Para alcançar essa situação desejável, deve-se realizar contratos, em que concordamos em cumprir certas obrigações, renunciamos a alguns direitos e

---

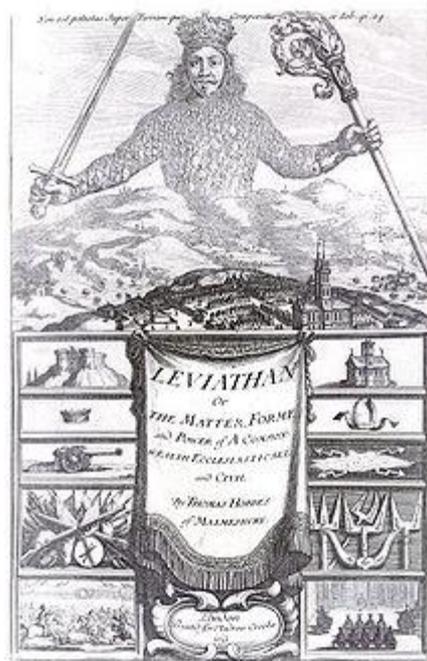
<sup>97</sup> HOBBS, Thomas. *op. cit.* p. 108.

<sup>98</sup> LIMONGI, Maria Isabel. *op. cit.*, p.24.

esperamos que os outros também cumpram. É razoável que esperemos que pessoas semelhantes a nós desejem a paz também.

A fim de que os contratos não se tornem inválidos pelo descumprimento, o indivíduo aceita submeter-se à autoridade de um homem ou de uma assembleia de homens, que servirão de árbitro e garantirão a punição daqueles que descumprirem os demais contratos e leis. O homem abre mão de seus direitos, transferindo-os a outro ou outros, instituindo assim o Estado.

É como se cada homem dissesse a cada homem: *Autorizo e transfiro meu direito de me governar a mim mesmo a este homem, ou a esta assembleia de homens, com a condição de transferires para ele o teu direito, autorizando de uma maneira semelhante todas as suas ações.* Feito isso, a multidão assim unida numa só pessoa chama-se REPUBLICA. (...) É esta a geração daquele grande LEVIATÃ, ou antes (para falarmos em termos mais reverentes) daquele *Deus mortal*, ao qual devemos, abaixo do *Deus imortal*, a nossa paz e defesa.<sup>99</sup>



A famosa capa da edição original de Leviatã (1651)

<sup>99</sup> HOBBS, Thomas. *op. cit.*, 147.

Vemos aqui um resumo das contribuições de Hobbes à ciência política e também motivos que o levaram a ser perseguido. Ele apresenta em sua explicação da gênese do Leviatã<sup>100</sup> alguns conceitos já conhecidos, como a Soberania do Estado (um poder a qual todos devem estar submissos) e seu controle sobre a vida econômica. Uma inovação trazida por sua teoria política é o conceito de representação política. A soberania jurídica do Estado só existe a partir do momento em que expressa-se a autorização para que certo homem ou assembléia represente meus interesses.

Por que tais ideias trouxeram tantos problemas ao filósofo inglês? Em primeiro lugar, Hobbes negou o otimismo quanto à natureza do homem, ao apresentar o estado de natureza humano como algo mau. Por outro lado, a ideia de que o Estado seria o responsável por refrear a condição caótica da humanidade afrontou a doutrina cristã da redenção. Diferente da tradição eclesiástica, Hobbes não via a fonte do mal no pecado, mas em causas naturais como o desejo e o movimento. Da mesma forma, o bem-estar da humanidade não viria de explicações sobrenaturais, mas da instituição desse contrato social. A soma dessas ideias lhe rendeu a acusação de ateísmo. Enquanto muitos protestantes concordariam com a ideia do Estado ser um dos responsáveis por refrear a impiedade no mundo, eles discordariam da ideia de que este Leviatã nasce dos homens e não de Deus.

Para defender-se de tantas acusações, em sua velhice Hobbes publica ainda uma autobiografia, chamada *Mr. Hobbes considerado em sua lealdade, religião, reputação e costumes*, e um relato da guerra civil inglesa, o *Behemoth*, além de traduções de clássicos gregos. Em 1679, falece na Inglaterra.

O pensamento de Thomas Hobbes não está restrito à sua época e merece ser revisitado. Mary G. Dietz, em um prefácio sobre Hobbes fala do perigo de restringir o filósofo ao seu próprio tempo.

---

<sup>100</sup> Esse nome foi escolhido como referência a criatura citada no livro de Jó, capítulo 41, que é símbolo de poder e autoridade irresistível, se comparado ao protagonista da história.

Hobbes é um dos poucos teóricos políticos da tradição ocidental que provocou debates em sua própria época e continuou a fazer assim desde então. (...) os escritos de Hobbes não são meros artefatos estáticos de um ambiente histórico, abertos a uma simples explanação, pelo contrário, são fontes ricas de uma variedade de interpretações e críticas, que incitam discussão e debate ao seu redor<sup>101</sup>.

Sua obra é considerada uma das mais importantes contribuições para a ciência política moderna, e muitos filósofos que se seguiram acabaram apropriando-se ou dialogando com as idéias de Hobbes. John Locke, Spinoza, Montesquieu, Rousseau, entre outros, citam o filósofo inglês em seus trabalhos. A filosofia política de Hobbes, a respeito da natureza humana, do contrato social, seu entendimento da lei natural e das leis civis, o papel do soberano, entre outros assuntos, ainda servem de base hoje para a sociedade ocidental.

---

<sup>101</sup> DIETZ, Mary G. (org.). *Thomas Hobbes and Political Theory*. Lawrence, Kansas. University Press of Kansas, 1990, p.1-3. Tradução do autor.

## 7 Um menino e um tigre contra o mundo

### 7.1 “A realidade continua a arruinar minha vida”

No centro do mundo mágico e do mundo real de Calvin & Hobbes encontramos um menino aparentemente comum de uma cidadezinha dos Estados Unidos. Entretanto, o uso do termo “centro” aqui não é apenas uma informação sobre quem é o protagonista da série. Ao acompanharmos o desenvolvimento das tiras, Calvin realmente encontra-se em uma posição única entre a vida cotidiana e *real* do subúrbio e um mundo de aventuras e imaginação que só ele vê e cria. Não raro, esses dois mundos acabam se chocando ou se sobrepondo, algo que serve de mecanismo para as histórias caminharem e para o fim humorístico que os leitores esperam de uma tira.

Antes de voltarmos a isso, porém, é importante sabermos quem é Calvin, tanto a partir de suas tiras, quanto a partir do que Waterson diz sobre o garoto.

Com apenas seis anos, Calvin se destaca entre as outras crianças de sua idade – embora nem sempre de forma positiva. Talvez, a primeira característica que se associe a ele seja a de garoto-problema, do menino rebelde, do “pestinha”, semelhante a alguns precursores, como Dennis, o pimentinha, e contemporâneos, como Bart Simpson. E não há como negar essa faceta do nosso anti-herói. Sua fama entre as babás causa dificuldades para seus pais saírem de casa. Sua casa é reconhecida na vizinhança, seja por bonecos de neve medonhos, pelos gritos de seus pais, ou por buracos feitos no jardim em busca de algum tesouro.

Porém, definir o garoto apenas como um arruaceiro mirim seria colocá-lo ao lado de personagens unilaterais, sem algum tipo de desenvolvimento. Seria diminuir quem Calvin é e o que representa. Se observamos com mais atenção as histórias (tanto as narradas por Waterson, como as narradas pelo próprio garoto), veremos um menino que têm mais que hiperatividade ou

prazer na destruição e na desordem. Há uma sensibilidade por trás de muitas tiras que nos mostra uma faceta mais infantil e quase poética no garoto.

Em primeiro lugar, estamos diante de um menino que, em alguns momentos, pensa e fala como um adulto. Mas, não vemos ali um adulto em tamanho miniatura, em forma de criança, mas com um discurso de ser humano maduro, algo que em *Peanuts* funciona bem, mas não é o caso em Waterson.

Em Calvin & Hobbes, temos uma criança, usando suas palavras infantis para expressar o que pensa sobre temas que associamos apenas à maturidade. Uma das fontes de humor e introspecção da série está aqui. Trata-se do deslocamento de certo atributo ou assunto que associamos ao adulto para a vida infantil. Mas que, se pensarmos profundamente, não é algo pelo qual apenas adultos passam.

Uma sequência de tiras que nos ajuda a ver isso de maneira mais clara foi produzida no início da série, quando Calvin encontra um guaxinim quase morto e deve lidar com a perda desse animalzinho que acabara de conhecer.



Bill Waterson, 1987

Todos temos de lidar com a morte, mas geralmente não gastamos muito tempo pensando em como uma criança agiria diante de tal evento. Ao mesmo tempo, muitos de nós, em determinado momento da infância, tivemos de superar a morte de algum animal de estimação, ou mesmo de alguém querido. Ouvimos palavras de consolo e mal entendíamos o que estava acontecendo na época. E o que Waterson conseguiu captar nesse arco de

histórias foi esse sentimento de uma dor que sentimos pela primeira vez quando crianças, mas continuamos sem entender quando adultos.

Não é por acaso que essa sequência recebeu grande resposta do público e até Kathryn Waterson, mãe de Bill, lembra dessa tira como uma de suas favoritas. Em entrevista, ela diz que “era a primeira vez que [Calvin] via a morte. Acho que o retrato de como uma criança vê a morte e sua reação foi bem feita. Não é o tipo de coisa que vemos na seção de quadrinhos”<sup>102</sup>. Assim como esse arco de histórias nos trouxe Calvin crescendo como pessoa e personagem, ele fez a conversa de Waterson com os leitores, proposta pela tira, se tornar mais profunda e interessante.

A maioria das minhas tiras anteriores tinham piadas simples, portanto esta foi uma grande mudança de tom. Morte, é claro, não é um assunto comum para uma tira de 'crianças'. Essa história não apenas revelou novas facetas da personalidade de Calvin, mas também me sugeriu que a tira era ampla o bastante para lidar com uma gama ampla de assuntos, ideias e emoções. O mundo da tira subitamente se abriu.<sup>103</sup>

Um dos segredos do fascínio que o garoto exerce sobre nós está nessa habilidade de dialogar sem que ele carregue algum tipo de noção pré-concebida. Em contraposição a nós mesmos, detentores das supostas certezas do mundo adulto, Calvin não sabe o que é a morte, ainda não entende porque a vida funciona da maneira que funciona, não tem respostas prontas. Assim, quando ele fala com o leitor, seja qual for nossa convicção (ou falta de convicção) sobre a morte, por exemplo, encontramos alguém que nos coloca para pensar, mas de uma maneira infantil. A surpresa da tira se encontra no paradoxo que o garoto vive – e que todos aqueles que perderam alguém viveram – alguém morreu, mas ainda está vivo “dentro de mim”.

Waterson, através do garoto, expõe e questiona nossas certezas, pois percebemos que, como ele, não temos resposta para tudo. Ele desafia o leitor, mas sem uma invasão que derrubaria suas barreiras pessoais a ponto

---

<sup>102</sup> MARTELL, Nevin. *op.cit.*, p.222.

<sup>103</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p. 31.

de lhes ofender. Vemos mais alguém tão curioso quanto somos, mas – daí o charme da tira – mais honesto sobre sua ingenuidade e seus impulsos.

Por outro lado, também não estamos diante de um gênio mirim (embora ele desejasse muito que pensássemos assim). Se observarmos as notas de Calvin e seu relacionamento com a escola, perceberemos que algumas respostas o garoto não tem interesse em encontrar. Ao mesmo tempo em que pode se tornar um especialista em dinossauros, Waterson registra em várias tiras a dificuldade de Calvin em fazer qualquer trabalho escolar. A resposta para isso é trazida pelo próprio personagem, quando se convence de que uma pesquisa pode ser divertida quando ninguém te manda fazê-la. É nesse relacionamento conturbado com a educação que encontramos algumas das chaves para compreendermos o personagem: sua dificuldade em obedecer e/ou prestar contas para alguém.

Muitas vezes, ao confrontar pais, professores ou a babá, Calvin não está sendo rebelde simplesmente por algum tipo de gênio ruim. Em geral, o que ele deseja é simplesmente fazer as coisas de seu próprio jeito, sem informar ou satisfazer alguém que não a si mesmo. É claro que viver uma vida sem levar em consideração os outros pode ser algo tão nobre quanto perigoso. Ao tentar pular do teto da casa com um barbante preso na cintura, Calvin não está procurando ofender ou chatear alguém. Ele simplesmente deseja fazer aquilo e não espera que alguém o impeça.

Em outros casos, porém, é por ser comandado, por saber que seu pai recomendou, que ele desobedece ou faz exatamente o contrário. Como pessoas que passam a vida seguindo ordens que não gostamos, procurando padrões que não são nossos e pagando contas dos outros, quem de nós poderia culpá-lo? Em certas ocasiões, sentimos que não são apenas nossos impulsos que estão sendo podados, mas nós mesmos. E isso tem muito em comum também com o que Waterson passou.



Bill Waterson, 1993

É comum que o protagonista de certa história sirva como alter-ego de seu criador. Através de um personagem principal, o discurso do autor é revelado e suas experiências passadas registradas em forma de conto, desenho, ou *sitcom*, por exemplo. É evidente que nem sempre o personagem e seu narrador serão idênticos em tudo, mas existe certa semelhança que os aproxima. Entre Calvin e Bill Waterson, entretanto, parecem existir mais diferenças que semelhanças. Vimos que o próprio pai do cartunista nos diz que eles pouco têm em comum. Sua mãe também não vê tanto do filho em Calvin<sup>104</sup>. Mas isso pode ser apenas a primeira impressão.

Waterson diz que alguns perguntam se o garoto é baseado em um filho dele ou nele mesmo. Como vimos, ele era uma criança muito quieta e, a respeito de Calvin, nos lembra de que “muitas vezes eu não concordo com ele”<sup>105</sup>. Porém, isso não é tudo. Waterson diz que existe um lado autobiográfico naquele menino de seis anos. Em diversas ocasiões, essa semelhança surge com mais clareza nos momentos em que Waterson enfrentou suas maiores lutas. Vimos que, por quase seis anos, a tira correu o risco de terminar por conta das dificuldades que Bill tinha com a questão do licenciamento. Em determinados momentos, uma postura intolerante de Calvin refletia a postura de Waterson, considerada intolerante pelo sindicato e por colegas diante tantos argumentos “plausíveis” a favor do licenciamento.

Em pelo menos duas ocasiões, manipulando signos reconhecíveis pelos seus leitores como forma de expressar algum tipo de discussão entre

<sup>104</sup> MARTELL, Nevin. *op.cit.*, p.221.

<sup>105</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.16.

Calvin e seu pai, Waterson representa ali as dificuldades que enfrentou antes de ganhar o controle total da tira. Em uma delas, o garoto acorda em um mundo preto e branco, questionando-se sobre o que aconteceu com a natureza da luz. No último quadro, vemos seu pai o acusando de enxergar tudo em preto e branco. Gritando, ele responde: “às vezes, é assim que as coisas são!”. Aqui, Calvin serve de porta-voz de Waterson, respondendo de forma bem humorada as críticas feitas a ele. O leitor que não acompanha os “bastidores” da tira verá apenas outra piada sobre a imaginação do menino. Mas, a verdade é que a resposta de Calvin é a resposta de seu criador<sup>106</sup>.

A outra, mais tolerante, mostra Calvin caminhando por um mundo em que não há mais uma única perspectiva – segundo dele, um universo neocubista. Quase admitindo que seu ponto de vista não é único, o garoto se esforça para eliminar todas, voltando à sua própria visão dos fatos. A associação é interessante: talvez ver todos os lados de um assunto não nos leve a uma ordem razoável, mas a um mundo confuso e surreal. “Vocês continuam errados”, diz Waterson.



Eu com frequência fico paralisado por ser capaz de ver todos os lados de uma questão. Eu trabalhei nisso no meu interesse por arte para esta tira, que foi muito divertida de desenhar.

*Você ainda está errado, papai.*

<sup>106</sup> Ibid., p. 52.

Calvin tem problema com autoridades e uma dificuldade com ordens, mas, em outras tiras, suas maldades surgem sem qualquer provocação externa também. Embora muitas de suas travessuras sejam feitas sem intenção de prejudicar alguém, enquanto outras são provocadas por alguma ordem recebida, em outros momentos Calvin deliberadamente age de maneira contrária a seu padrão de bem.

Geralmente, nas tiras que se passam no Natal, vemos o dilema do garoto: jogar bolas de neve e provocar Susie ou evitar ser mau para ganhar um presente do Papai Noel? Questões morais surgem daí, e a própria essência do bem e do mal é discutida. Mesmo a amada figura do Papai Noel, o “bom velhinho”, tem seus padrões questionados. “Quem é ele para decidir o que é bom ou mau?”, pergunta Calvin. Em certo arco de história, Calvin consegue que sua caixa de papelão produza a “materialização física” de seu lado bom. Após ser explorada pelo garoto, o “Calvin bom” resolve confrontá-lo. A história termina com o “lado bom” sumindo após pensar algo ruim. Hobbes comenta: “Você é a única pessoa que eu conheço cujo lado bom é dado à maldade”.

O problema de Calvin com a autoridade e com a maldade nos leva a uma questão bem mais profunda, discutida por filósofos e teólogos por séculos, um problema especialmente confrontado por João Calvino em seus escritos. Será que a “maldade” e as travessuras de Calvin surgem de um mundo que o limita e o oprime, ou o mundo que o poda e não o compreende provocou no menino um tipo de comportamento questionador e quase anárquico em relação a todos?

Waterson, evidentemente, não dará a resposta. Ele nunca teve a pretensão, nem parece saber. Mas é verdade que sua visão da humanidade não é das mais otimistas. Ao mesmo tempo em que critica as instituições que provocam a rebelião e o inconformismo de Calvin, o quadrinhista acredita que o garoto, como o ser humano em geral, tende mais à destruição que a uma harmonia com o outro. Aqui, Waterson concorda com o tigre Hobbes (como veremos), embora sua reação a isso se pareça com a de Calvin.

No cotidiano de Calvin, em meio a um mundo que não o entende, que não enxerga seu ponto de vista, tenta moldá-lo e conformá-lo a determinados padrões, existe certa solidão. Ele vive com seus pais, mas dificilmente se harmoniza à vida deles. Estuda em uma classe que desdenha e desaprova seus trabalhos. Além disso, outra criança da vizinhança é uma menina, algo detestável para ele. Que outra opção teria a não ser esconder-se em seu mundo, com seu melhor amigo apenas, e fingir que a humanidade não está lá fora? A tentativa de fuga dessa situação é parte do nosso crescimento, um estágio do processo de individualização, e como Calvin, todos passamos por isso. Como bem expressou Von Franz:

“Ao chegar à idade escolar a criança começa a fase de estruturação do seu ego e de adaptação ao mundo exterior. Esta fase em geral traz um número de choques e embates dolorosos. Ao mesmo tempo, algumas crianças nesta época começam a sentir-se muito diferentes das outras, e este sentimento de singularidade acarreta uma certa tristeza, que faz parte da solidão de muitos jovens. As imperfeições do mundo, e o mal que existe dentro e fora de nós, tornam-se problemas conscientes; a criança precisa enfrentar impulsos interiores prementes (e ainda não compreendidos), além das exigências do mundo exterior.

A criança, para escapar às suas dificuldades externas e internas, isola-se em uma ‘fortaleza’ íntima.”<sup>107</sup>

“Cavin & Hobbes é estranhamente solitário”, diz o escritor Jonathan Lethem, “Calvin tem essa imensa liberdade que vem de uma vida imaginativa, mas também tem o desajuste ou as inconveniências que vêm de preferir sua vida imaginativa”<sup>108</sup>. Uma tira interessante se passa no Zoológico. Calvin se perde dos pais e de Hobbes; para localizá-los ele se dirige ao fosso dos tigres. Depois de encontrado, sua mãe pergunta: “na próxima, você pode perguntar para alguém”, ao que o menino responde: “nunca me ocorreu perguntar para uma pessoa”. Afinal, então, por que prestar contas a um mundo tão confuso e sem aventura? Waterson concordaria dizendo: “sim, por quê?”.

---

<sup>107</sup> JUNG, Carl Gustav et al. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p.165s

<sup>108</sup> MARTELL, Nevin. *op.cit.*, p. 186s

O mundo mágico de Calvin não é apenas dele. É um mundo onde Waterson se escondeu, onde pôde escapar das regras e horários da escola, do esperado “emprego de verdade” para todo aquele que se forma na faculdade, das tentativas de tornar as tiras mais comerciais e menos pessoais, da curiosidade do público e da imprensa, da necessidade financeira de continuar sendo uma máquina de desenhar tiras por décadas e décadas. “Ele lutou contra o sindicato não apenas para proteger a mágica da tira na mente dos leitores, mas para mantê-la dentro de si também”<sup>109</sup>. Com Calvin, Waterson pôde responder a seus perseguidores e acusadores de maneira elegante e sensata, usando – ironicamente – uma criança travessa.

Calvin reflete a minha vida adulta mais do que a minha infância. Muitas das lutas de Calvin são metáforas das minhas. Eu suspeito que a maioria de nós envelhece sem crescer, e que dentro de cada adulto (às vezes não muito para dentro) há um garoto mimado que quer tudo do seu jeito. Eu uso Calvin como uma válvula de escape para a minha imaturidade... e como uma maneira de comentar a natureza humana. Eu não iria querer Calvin na minha casa, mas no papel, ele me ajuda a pôr ordem na minha vida e entendê-la.<sup>110</sup>

No ano final de Calvin & Hobbes, há um momento em que o garoto finalmente consegue se divertir genuinamente com alguém que não seja Hobbes. Rosalyn, a babá, aceita brincar de Calvinbol, o jogo sem regras e sem juízes criado pelo menino e seu tigre. Por breves momentos, alguém conversou e entendeu um pouco de quem ele era.

Não é que seja impossível conversar com Calvin. Ou Waterson. É possível. Mas não vai ser pelas regras que conhecemos.

---

<sup>109</sup> MARTENS, Nick. *Waterson`s World: The Authoritative “Calvin and Hobbes”*. Disponível em <

<http://bygonebureau.com/2009/02/25/wattersons-world-the-authoritative-calvin-and-hobbes/>

>. Acesso em 04. out. 2010. Tradução do autor.

<sup>110</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.16.

## 7.2 “Tigre, tigre!”

Antes de tratarmos de Hobbes, o tigre de Calvin, é importante relatar que a curiosidade e a imaginação que a figura do tigre sempre despertou no homem. Nas sociedades orientais, ele é associado à realeza<sup>111</sup>. Enquanto o Ocidente considera o Leão o “rei dos animais”, no Oriente esse papel é do tigre. Na China, isso se deve ao fato de que o ideograma para “rei” (王) é semelhante às marcas que o tigre tem acima dos olhos.



*Como os reis com suas coroas, o tigre leva a realeza em sua frente.*

Em outros países e povos, a ligação deste felino com a nobreza e com o poder também se repete. É sabido que guerreiros utilizavam em seus brasões a figura do tigre, como forma de demonstrar poder e coragem. O Tigre Branco é considerado um dos deuses dos quatro quadrantes, ao lado do Dragão (leste), do Pássaro Vermelho (sul) e da Tartaruga (norte). A ele estão relacionados o Ocidente, o outono, os ventos, o metal, os pulmões e o intestino<sup>112</sup>.

Como um dos signos do horóscopo chinês, o tigre está associado ao destino de homens e mulheres. Em algumas histórias do folclore chinês, eles assumem o papel de guardiões da justiça, matando homens maus e protegendo homens bons. É comum nos países orientais vender chapéus e

<sup>111</sup> *Tiger in Chinese Culture*. Disponível em < <http://chineseculture.myfairland.net/tiger-in-chinese-culture> >. Acesso em 03. nov. 2010. Tradução do autor.

<sup>112</sup> MACKENZIE, Donald A. *Myths of China and Japan*. Kessinger Publishing, Whitefish: Montana, 2005, p.230.

sapatos para crianças com a imagem de um tigre colorido, a fim de que ele proteja o bebê. É um símbolo de boa sorte.

Curiosamente, a maioria dos animais que trazem boa sorte para as sociedades orientais são seres mitológicos, como o dragão, a fênix ou o Kirin (criatura quadrúpede que mistura propriedades de diversos animais, como a raposa, o boi e o peixe). Assim, vemos que a figura do felino rajado despertou um tipo de fascínio quase místico, que o levou a ser visto na mesma categoria de seres que hoje consideramos irrealis ou mágicos.

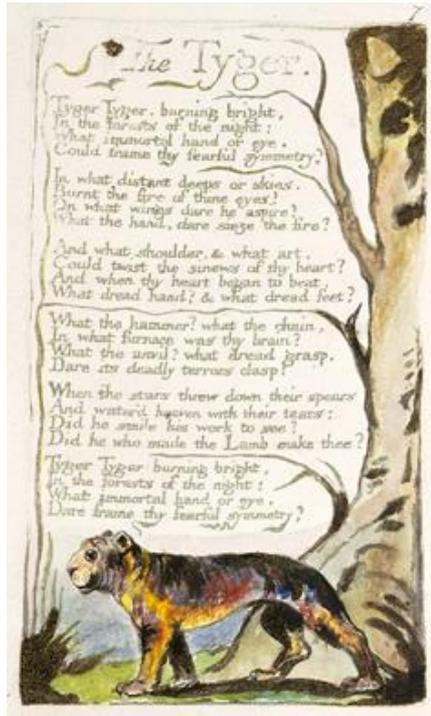
Na literatura ocidental, a imagem dessa criatura também inspirou obras e personagens notáveis. Uma das mais conhecidas é o poema de William Blake, *The Tyger*, em que um tigre é descrito de maneira poderosa e assustadora. Essa obra, considerada um clássico da língua inglesa, já abriu margem para diversas interpretações, porém a mais aceitável é aquele que entende o majestoso ser ali desenhado como uma demonstração de força e terror. Os primeiros versos do poema chegam a ser citados em uma das tiras de Calvin & Hobbes: “Tygre, Tygre, viva chama / Que as florestas de noite inflama”<sup>113</sup>, que são interpretados pelo garoto de maneira quase literal: “Aparentemente, o tigre estava em chamas. Talvez sua cauda foi atingida por um raio ou algo assim”.

“Não é tanto sobre o tigre como ele realmente é, ou como um zoólogo apresentaria para nós”, comenta o professor Andrew Robert Moore. “É o Tigre como visto pelo observador. Blake imagina o tigre como a encarnação do poder de Deus na criação: um animal que é aterrador em sua beleza, força, complexidade e vitalidade”<sup>114</sup>.

---

<sup>113</sup> Tradução de José Paulo Paes. Disponível em < <http://www.algumapoesia.com.br/poesia/poesianet071.htm> >. Acesso em 17. nov. 2010.

<sup>114</sup> MOORE, Andrew Robert. *Poems by William Blake - study guide*. Disponível em < <http://www.eriding.net/amoore/poetry/blake.htm#tiger> >. Acesso em 17. nov. 2010. Tradução do autor.



Edição original de *The Tyger*, 1795

Outro personagem marcante da literatura é Shere-Khan, o tigre manco (subvertendo da “terrível simetria” da poesia de Blake) inimigo de Mogli em *O Livro da Selva*. Nas adaptações da Disney, o personagem perde essa característica, ganhando a agilidade e tornando-se o tipo de ameaça que um filme de Hollywood às vezes exige. Nos livros, o personagem também tem o papel de antagonista, mas não é apresentado de maneira tão idealizada quanto nas clássicas animações. Nas histórias de Rudyard Kipling, o tigre é aquele que luta com o filhote de homem, aclamado e querido na selva, mas visto como uma presa perdida por Shere Khan. Embora pareça corajoso, esse felino utiliza-se de ardis e de ataques covardes para alcançar seus objetivos.

A figura do bicho de pelúcia companheiro não é novidade na literatura, nos quadrinhos e em animações. Amigos como o popular ursinho de pelúcia ou a boneca que ganha vida são comuns na literatura infantil, por satisfazerem a necessidade que meninas e meninos têm de alguém que os entenda, que os leve a sério, mas ao mesmo tempo estejam sempre à disposição para brincar. “Presente quando os pais estão ocupados, sempre

disponível... Empresto-lhe meus pensamentos e minha linguagem, linguagem modelada segundo meus desejos”<sup>115</sup>.

Mesmo tigres, não tão populares quanto os ursos de pelúcia, se mostram presentes nas histórias infantis de nossa época. Já na década de 40, o *Capitão Marvel* de C.C. Beck, alter-ego da criança Billy Batson, tinha como amigo um personagem chamado *Mister Tawky Tawny* (traduzido como “Sr. Malhado” no Brasil). O personagem, de natureza mágica, e aliado do Mago Shazam, só era visto em sua forma animada por Batson, sua irmã Mary e o amigo Freddy Freeman (todos os três, crianças que se transformam em heróis com superpoderes) – algo parecido com o que acontece com Calvin e sua capacidade única de ver a “outra natureza” do boneco de pelúcia Hobbes. Ainda que um personagem pouco popular, esse tigre com poderes mágicos continua a aparecer nas histórias em quadrinhos da DC Comics.



Da esquerda para direita: Tigrão, Shere-Khan e Sr. Malhado

Antes dele, porém, temos a magistral obra de A.A. Milne, *Winnie-the-Pooh*, que teve o primeiro volume da série lançado em 1926. Inspirado pelos personagens de pelúcia de seu filho, Milne criou vários animais falantes, com quem o jovem Christopher Robin (a versão literária de seu próprio filho) interagia. Entre o elenco do livro, está o personagem *Tigger* (traduzido no

<sup>115</sup> HELD, Jacqueline. *op.cit*, p.106.

Brasil como “Tigrão”), um tigre bastante animado e cheio de energia, que é um dos melhores amigos de Christopher e do próprio Ursinho Pooh.

Observa-se, portanto, que a imagem do tigre provoca fascínio e excita a imaginação de povos, escritores e desenhistas. O felino rajado está presente na vida de crianças, personagens de histórias em quadrinhos, literatura e desenhos animados. Na publicidade, empresas como a Kellogg’s e a Esso têm como mascote esse querido animal. Vimos também que o tigre era a mascote da faculdade de Bill Waterson, e ele foi responsável por desenhá-la.

Em uma recente pesquisa, o tigre foi votado o animal mais querido do mundo. Embora seja uma simples votação da internet, não se pode ignorar esse dado curioso. Superando animais de estimação queridos como o cachorro e o gato e seres que foram domados pela humanidade desde cedo, como o cavalo, este imponente gato chama a atenção das pessoas. Dr Candy D’as, psicólogo behaviorista comentou sobre o assunto: “podemos nos relacionar com o tigre, pois ele é forte e imponente exteriormente, mas nobre e perspicaz por dentro”<sup>116</sup>.

Concluindo, encontramos na figura do tigre diversas facetas do imaginário humano. Ele aparece como rei e nobre, quase divino, em certas sociedades. É a besta que nada teme, mas que carrega em si bondade e justiça. Com o cargo de rei ocupado por outro, na literatura ocidental, ele é feroz, terrível e perigoso, mas mostra-se no universo infantil e na publicidade como um amigo, simpático e esperto. Como veremos adiante, o tigre Hobbes se apropria de muitas dessas qualidades, mas traz algo de especial.

---

<sup>116</sup> *Endangered tiger earns its stripes as the world's most popular beast*. Disponível em < [http://web.archive.org/web/20080120222416/http://findarticles.com/p/articles/mi\\_qn4158/is\\_2\\_0041206/ai\\_n12814678](http://web.archive.org/web/20080120222416/http://findarticles.com/p/articles/mi_qn4158/is_2_0041206/ai_n12814678) >. Acesso em 17. nov. 2010. Tradução do autor.

### 7.3 “Sonhamos para não termos que ficar longe por tanto tempo.”

Hobbes provavelmente compartilha características com seus “precursores”, embora também tenha em si qualidades que o tornam um personagem único, graças a seu relacionamento com Calvin. É somente quando vemos o mundo pelos olhos do garoto que o tigre ganha vida e personalidade própria. Isso não o torna menos real para Waterson ou para seus leitores.

A questão da natureza de Hobbes sempre fascinou leitores e deu uma característica própria à tira. É algo inegociável para Waterson e também uma das maiores justificativas para que Bill não tenha permitido o licenciamento de seus personagens. Para ele, a fantasia teria um fim: “a idéia de um boneco de Hobbes é especialmente perigosa, porque o mistério em Hobbes é que ele pode ou não ser um tigre de verdade”<sup>117</sup>. Certo amigo de Waterson relata que uma fabricante enviou algumas amostras de um Hobbes de pelúcia, que foram rapidamente queimados pelo cartunista em seu próprio quintal. Ele se defende:

Produtos como esse retiram o personagem do mundo para que foram criados. Se você pendura trinta Hobbes em uma prateleira de farmácia, não está mais falando do personagem que criei. (...) A tira deliberadamente apresenta duas versões da realidade sem comprometer-se com nenhuma delas. Se não vou responder a questão de quem ou o que Hobbes é, estou certo de que não deixarei Dakin [fabricante de brinquedos] responder. Não faz sentido permitir que alguém faça de Hobbes um brinquedo de pelúcia de verdade e prive a tira de um elemento de sua magia.

Algumas teorias sofisticadas já foram construídas a respeito da natureza do tigre. Para Lois Rostow Kuznets, professora da Universidade de San Diego, especializada em literatura infantil<sup>118</sup>, Hobbes exerce o papel de

---

<sup>117</sup> MARTELL, Nevin. *op.cit.*, p.137.

<sup>118</sup> apud. SANDIFER, Philip. *When Real Things Happen to Imaginary Tigers*. Disponível em < [http://www.english.ufl.edu/imagetext/archives/v3\\_3/sandifer/](http://www.english.ufl.edu/imagetext/archives/v3_3/sandifer/) >. Acesso em: 28.set.2010.  
Tradução do autor

“objeto transicional”<sup>119</sup>, entre um mundo de criança e o mundo de adulto. Para ela, Hobbes existe para fazer com que Calvin entenda seus desejos adultos. O relacionamento de Hobbes com mulheres seria uma projeção de fantasias masculinas do garoto, que não sabe ainda como lidar com isso. Embora existam algumas verdades nesta interpretação, como veremos, ela diminui tanto o garoto quanto o tigre. Em diferentes momentos, tanto Calvin quanto Hobbes agem como adultos (uma das piadas recorrentes, por exemplo, é Calvin apresentando gráficos e pesquisas a seu pai, usando linguagem técnica e material elaborado), assim como brincam como crianças (Hobbes participa do Calvinbol e das guerras de bola de neve, por exemplo). Talvez uma explicação muito sofisticada acabe, na verdade, simplificando demais quem é Hobbes.

Ainda que Waterson negue a possibilidade de Hobbes ser um amigo imaginário, como vimos no capítulo anterior, é fato que apenas Calvin o enxerga com uma criatura animada, enquanto outros personagens o veem como mero boneco. Por outro lado, existem certas características no tigre que parecem independentes do que se espera de um personagem criado por seu melhor amigo. Hobbes é capaz de tomar decisões diferentes e contraditórias às de Calvin, relaciona-se de maneira diferente com Susie Derkins – enquanto Calvin a trata quase como inimiga, Hobbes tem uma visão mais positiva da vizinha – e em muitos casos, possui informações que o garoto não tem.

Em uma sequência de tiras, Calvin começa a receber cartas anônimas. Assustado, o garoto parece realmente não saber quem está enviando. Para sua surpresa, porém, é o próprio Tigre quem recortou revistas para escrevê-las, o que leva o menino a ter problemas com sua mãe. A dificuldade é que ele sabe quem recortou as revistas, mas ninguém acredita que não foi ele, uma vez que nem todos veem a “natureza especial” do tigre de pelúcia. O curioso aqui é perceber que Calvin genuinamente se mostra ignorante da origem das cartas antes da revelação do amigo.

---

<sup>119</sup> Objeto transicional ou objeto de conforto é um item físico que proporciona conforto psicológico a um indivíduo, geralmente, uma criança, em determinadas situações, como a hora de dormir, acontecimentos que exigem uma confiança maior ou algum trauma. Um exemplo clássico nos quadrinhos é o lençol que Linus, em *Peanuts*, sempre carrega consigo.

Existe, além disso, uma diferença entre essa fantasia particular e as outras manifestações da imaginação do garoto. Enquanto todas as outras realidades fantásticas em que Calvin se aventura são aceitas, tanto pelo leitor, quanto por Waterson, como algo imaginário, a questão de Hobbes sempre permaneceu de natureza dúbia. Mesmo Susie deixa transparecer que reconhece a personalidade do tigre de pelúcia de Calvin. E até mesmo a mãe de Calvin troca algumas palavras com o personagem, ainda que entenda tal atitude como falta de bom senso.



*Mesmo pelos outros personagens, o tigre de pelúcia Hobbes é tratado de maneira distinta das outras fantasias de Calvin*

Ainda assim, podemos entender Hobbes como um personagem dependente da mente de Calvin para ser reconhecido como pessoa real. Mesmo que ele tenha existência própria, vista apenas pelo garoto (e como Waterson prefere explicar), o fato é que aqueles que leem a tira só têm acesso à esta natureza animada do tigre quando têm acesso ao que se passa na mente de Calvin – como acontece em todas as outras fantasias do garoto. Em um artigo sobre essa questão do Imaginário em Calvin e Hobbes, certo autor chega à seguinte conclusão:

Certamente, elaboradas explicações poderiam ser construídas para fazer um ou outro lado do argumento plausível. Sem esse pedantismo, no entanto, parece claro que Hobbes é, em algum nível, uma criatura da imaginação de Calvin... Independentemente se Hobbes "existe" no mundo fictício de Calvin e Hobbes, todo o seu ser continuamente é construído como uma realidade por Calvin. Hobbes, existindo inteiramente no mundo de Calvin, está sempre ligado à teia narrativa que Calvin oferece. Assim, Hobbes é, como uma personagem, construída - situacionalmente depende da imaginação de Calvin<sup>120</sup>.

Como um garoto inconformado à rotina a que é obrigado a submeter-se às lições de moral e à disciplina de seus pais, às humilhações de Moe, o valentão da escola, à autoridade de Rosalyn, às próprias leis da natureza (por que nem sempre neva? Por que nem sempre é verão?), a presença constante de Hobbes é uma das poucas fontes de alívio do eternamente insatisfeito Calvin.

Como a descrição inicial da tira, ele é “companheiro, conspirador, audiência”. É o parceiro que toda criança deseja, ainda mais em uma vizinhança e escola com (aparentemente) poucas opções<sup>121</sup>. “A questão ‘o que é Hobbes?’, portanto, não pode ser respondida logicamente. Ele existe somente para Calvin, mas ele realmente existe... Algumas vezes só temos que deixar a tira ser divertida”<sup>122</sup>. Não vamos conseguir explicar a metafísica por trás do surgimento do Tigre, mas sabemos que ele tem uma posição especial nas tiras: a de amigo perfeito. “Como Calvin, eu muitas vezes prefiro a companhia de animais a pessoas, e Hobbes é a minha ideia de um amigo ideal”<sup>123</sup>.

Portanto, o tigre assume características que o tornam o personagem mais complexo da trama desenhada por Waterson. Mesmo assim, o autor tomou cuidado para que ele não tomasse a atenção da série, como

---

<sup>120</sup> SANDIFER, Philip. *op. cit.*

<sup>121</sup> É claro que a falta de amigos deve ser fruto do comportamento antissocial de Calvin. Por outro lado, isso não explica porque Susie Derkins, uma garota amigável, também sofre da falta de amigos.

<sup>122</sup> MARTENS, Nick. *What is Hobbes?*. Disponível em <<http://bygonebureau.com/2009/01/30/wattersons-world-what-is-hobbes/>>. Acesso em 04. out. 2010. Tradução do autor.

<sup>123</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.17.

aconteceu com Snoopy, em *Peanuts*. Inspirado parcialmente em uma gata de estimação, Hobbes é um animal antropomorfizado, mas que, dependendo da narrativa da tira, assume características mais felinas, como as sequências em que ele espera Calvin voltar da escola, para então atacá-lo, como um animal predador faria com sua presa.

Diferente de Calvin, Hobbes é alguém mais contemplativo, gosta de música clássica, avesso à televisão, apreciador das mulheres e, em certas ocasiões, serve como uma consciência para o garoto. Waterson diz que o tigre o ajuda a manter a perspectiva sobre as coisas, o que notamos quando, mesmo envolvido nas confusões de Calvin, ainda é ele que mantém a voz da razão ou, pelo menos, está pronto para fazer um comentário espirituoso.



*Um exemplo da pouca fé que Hobbes tem na humanidade*

Hobbes muitas vezes reflete a visão negativa que Waterson tem da humanidade, servindo como uma válvula de escape nos diferentes momentos em que o cartunista observava os rumos que sua tira poderia tomar. De maneira semelhante ao filósofo homônimo, o tigre não espera muito da humanidade além da tendência à guerra. E, em certo sentido, ele pode ver isso nos atos e pensamentos de seu melhor amigo. Diferente de Calvin, Hobbes está contente com a vida que tem, não de uma maneira conformista, mas por saber que não há necessidade de lutar tanto pelas coisas que os humanos tanto desejam e pelas quais lutam entre si. Vivendo seus dias ao lado do melhor amigo, dormindo enquanto Calvin está na escola e divertindo-se com ele à tarde, não há muito mais que ele queira da vida.

Entretanto, em outras tiras, Hobbes abandona seu lado mais quieto, aderindo às brincadeiras de Calvin, compartilhando de suas aventuras e causando tanta destruição quanto o garoto. Mesmo fascinado por garotas, o tigre não tem problema em participar do clube da árvore de Calvin, fazendo parte dos planos contra Susie, embora as histórias sempre sugiram que houve algum tipo de traição do felino, uma vez que ele não tem qualquer problema em, às vezes, usar os esquemas de Calvin para agradar a rival do menino.

O que vemos em um personagem com facetas tão variadas é o desejo, como já dissemos, de encontrar o amigo ideal. Enquanto passamos nossas vidas insatisfeitos com os relacionamentos que temos, somos capazes de nos identificar com Calvin em sua busca pelo parceiro perfeito. Hobbes não é um personagem incoerente, mas percebe-se que a cada momento ele manifesta uma característica que complementa a brincadeira que Calvin está jogando, seja como um comparsa, seja como um antagonista em momentos de dificuldade.

Uma análise da figura dos animais no imaginário humano ajuda a entender melhor como Hobbes funciona em relação a Calvin. Enquanto o garoto é apresentado com uma tendência ao mal, Hobbes é alguém que jamais recebe a culpa pelo que fez, que tem sempre uma palavra certa na hora certa – seja de apoio, seja de reprimenda – que toma as decisões necessárias. Analisando a presença dos animais nos sonhos, Aniela Jaffé nos ajuda a entender o que pode estar por trás disso: “o animal em si não é bom, nem mau; é parte da natureza e não pode desejar nada que a ela não pertença. Em outras palavras, ele obedece seus instintos”<sup>124</sup>. Aqui entendemos tanto a “impunidade” quanto o contentamento de Hobbes. O tigre, diferente do garoto (e dos seres humanos), pode seguir livremente seus instintos. Sua alma primitiva está livre, enquanto a nossa não.

O tigre ajuda o garoto a obter uma visão do mundo que o rodeia, embora nem mesmo Hobbes entenda tudo o que acontece. Ele não apenas estará lá quando o garoto precisar (pois os pais também estão), mas será

---

<sup>124</sup> JUNG, Carl Gustav. *op. cit.*, p.239

aquele que dará a Calvin aquilo que precisa cada momento. Se não temos um amigo como Hobbes, é certo, entretanto, que o desejamos. E por isso a amizade do garoto e seu tigre exerce tanto fascínio.

#### 7.4 “É espantoso o que fazem com papelão hoje em dia.”

Waterson diz que o “metamorfoseador” resume o espírito de sua tira<sup>125</sup>. O leitor não muito antenado ao mundo da tecnologia pode não saber, mas essa é uma maravilha científica criada pelo próprio Calvin. Trata-se de uma caixa de papelão, com palavras escritas de caneta, e uma pequena chave. Quando o usuário entra nessa caixa, ele é transformado automaticamente naquilo que foi escrito, o que garante uma boa diversão para crianças, e uma ótima vingança contra seus inimigos. Sua tecnologia foi aproveitada na criação de um duplicador (com um “eticador”<sup>126</sup> como opcional), uma máquina do tempo e uma nave espacial.

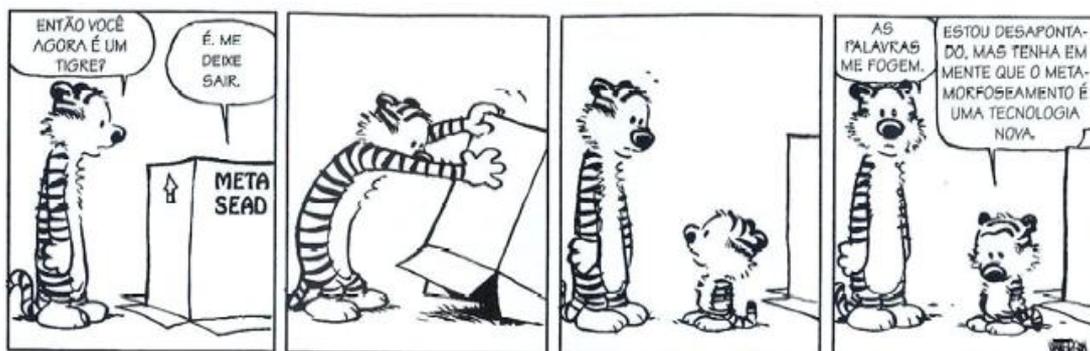
Outra função que essa caixa dos desejos ganhou foi a de aumentar a inteligência de Calvin, a fim de que ele fizesse de maneira mais eficaz o dever de casa. Vemos nesse tema recorrente a presença de um dos gêneros mais populares – a ficção científica. Ainda que não seja apenas nas histórias que envolvem a caixa de papelão que Calvin e Hobbes lidam com isso, é aqui que ele se mostra mais claro. Encontramos o desejo humano de alcançar o impossível por meio da ciência, a fantasia de sondar o desconhecido protegido em suas máquinas ou a procura por uma vida mais fácil através da tecnologia. Tudo isso com uma caixa de papelão e um pouco de imaginação.

Como já vimos, a imaginação é algo que sempre marcou Calvin & Hobbes. Assim, é importante que examinemos um pouco as diferentes fantasias que envolvem as histórias do garoto e de seu tigre.

---

<sup>125</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.48.

<sup>126</sup> O eticador permite que o clone produzido pelo duplicador tenha apenas o lado bom ou o lado mau do indivíduo copiado.



Bill Waterson, 1987

Além do tigre de pelúcia, outros objetos inanimados ganham vida na mente de Calvin. Um dos temas recorrentes da série é a dificuldade de Calvin em aprender a andar de bicicleta. Isso acontece, em sua opinião, não porque ele não seja capaz, mas porque claramente o veículo tem vida e está tentando matá-lo. Em certo arco de histórias, o garoto também precisa enfrentar a fúria de bonecos de neves, que ganharam vida e passam a persegui-lo. O mesmo se repete em certa ocasião em que o lanche de Calvin na escola ganha vida e o ataca.

O curioso é que nesses casos, diferente do que ocorre com Hobbes, o objeto que ganha personalidade e movimentos torna-se hostil ao garoto, servindo como fonte de explicação para a bagunça que ocorreu em casa, a sujeira na mesa, ficar acordado até mais tarde ou a dificuldade para pedalar. Tratam-se de fugas da responsabilidade, tomadas por Calvin, a fim de sair ileso das consequências de seus atos.

No decorrer da série, Calvin vive em diferentes mundos, assume diferentes identidades, e isso garante a Waterson uma variedade de gênero que podem ser parodiados nas tiras. Mais comuns ainda são as identidades heroicas que o garoto assume em diversas tiras – o Cosmonauta Spiff, o Homem-Estupendo e Tracer Bullet são as três mais famosas, e todas são figuras comuns na cultura popular: o explorador espacial, o super-herói e o detetive particular. O tipo de humor que envolve as identidades que Calvin toma para si é recorrente na série. Iniciamos a tira “dentro” da fantasia, para

depois descobrir qual paralelo na realidade Calvin enfrenta. Por exemplo, um monstro espacial enfrentado por Spiff pode ser a representação da professora, enquanto uma cliente do detetive pode ser a própria mãe, tentando descobrir onde estão os biscoitos que desapareceram.

A atração humana por heróis já foi algo relatado por muitos pesquisadores. Joseph Henderson, por exemplo, nos diz que sentimos necessidade desses mito heróicos porque o “ego necessita fortificar-se”. Citando Paul Radin, no livro *O Ciclo Heróico dos Winnebagos*, ele nos diz que o herói “representa os esforços que fazemos todos para cuidarmos dos problemas do nosso crescimento, ajudados pela ilusão de uma ficção eterna”<sup>127</sup>. Jacqueline Held, tratando especificamente de crianças, associa essa figura mítica à criança “na procura de si mesmo, sofrendo com sua inferioridade momentânea, desejando ser adulto e, de maneira mais geral, ser outro, não importa como e por que meio, [a criança] projeta-se com prazer sobre o herói tornado diferente”<sup>128</sup>.

Porém, isso não significa que Calvin se sinta ontologicamente, por natureza, inferior aos adultos. O que transparece na tira é que ele despreza a maturidade, mas sabe que, enquanto for criança, certos poderes não estarão a seu alcance. Ele ainda não pode dirigir, não pode faltar a escola, nem mesmo decidir sobre as férias ou muitas outras coisas. Há sempre algo a aprender na vida de criança. E, para alguém que pensa saber tudo, isso é desesperador.

Curiosamente, não há na imaginação de Calvin espaço para a figura do Mestre, do guia ou guardião, daquele que ajuda o herói a iniciar sua caminhada. Em geral, esse tutor protege e orienta o iniciante até que este alcance a maturidade. Vimos que Hobbes não assume esse papel de sábio ou conselheiro. Na verdade, o tigre raramente interage com o garoto quando ele assume um desses papéis. Por que isso não acontece com Calvin?

Duas razões parecem responder bem essa questão: em primeiro lugar, admitir a ajuda de um adulto ou alguém maduro negaria totalmente a

---

<sup>127</sup> JUNG, Carl Gustav. *op. cit.*, p. 112 e 123.

<sup>128</sup> *Ibid.*, p.43.

natureza rebelde, antiautoritária, de Calvin. Seria admitir que alguém pode lhe dar ordens ou mesmo direcioná-lo a algo. “Se ninguém fizer você fazer isso, conta como diversão”, Hobbes diz em uma tira e Calvin concorda. Em segundo lugar, Calvin não acha que precisa alcançar a maturidade, ou que haja algo inerentemente bom nessa fase da vida. Aceitar um guia significaria que ele não sabe tanto quanto sabe, nem é tão seguro de si quanto é.

É comum também que Calvin assuma a natureza de outros animais, como elefante, tubarão, morcego e formiga. Em cada transformação, ele recebe os “poderes” destes seres. De maneira semelhante, o garoto também toma a identidade de fenômenos naturais, como um relâmpago, uma partícula de luz, um vulcão ou mesmo um planeta. Uma das fantasias mais comuns é a do dinossauro, que exemplifica um outro recurso cômico comum na série de Waterson, quando a tira sobrepõe a fantasia de Calvin ao mundo real, e podemos ver um tiranossauro fazendo coisas ridículas como jogar uma bolinha de neve ou sentar-se à mesa educadamente, torcendo para que ninguém o veja nessa situação.



Já falamos um pouco sobre a presença do animal no imaginário humano, e isso aplica-se aqui. Ao assumir o papel de uma força da natureza, Calvin nada pode fazer, senão seguir seus instintos. A natureza é neutra, a ela não podemos imputar qualquer crime. Ao mesmo tempo, ela é poderosa, mas a ninguém responde. É a negação do moto de Peter Parker e (por que não?) de nossa sociedade, lutando para se tornar menos individualizada e mais igualitária: “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”. O elefante, o vulcão ou o morcego discordariam disso. Eles possuem “poderes”, mas nada podem ou precisam fazer, a não ser seguir suas leis naturais.

Digna de nota é a tira em que Calvin assume o papel de Deus. O que vemos ali é a epítome dessa idéia. Deus é todo-poderoso e a ninguém responde. Como no livro de Jó (capítulo 41, verso 10), no mesmo discurso onde encontramos o Leviatã, ele pode dizer: “ninguém é tão ousado, que se atreva a despertá-lo; quem, pois, é aquele que pode erguer-se diante de mim?”



Bill Waterson, 1986

A ideia por trás do Calvinbol não é muito diferente do que já dissemos. Isso se torna ainda mais claro se a compararmos com a sequência de tiras sobre a conturbada participação de Calvin em um time de beisebol. Waterson havia tentado, nos primeiros anos da série, criar uma história sobre Calvin acampando com outros garotos. Entretanto, ele percebeu que, pela própria natureza da tira, ter o garoto relacionando-se relativamente bem (pelo menos, dentro das regras) com outros meninos não funcionaria. “Calvin não é o tipo de garoto que se juntaria a um grupo de qualquer forma”<sup>129</sup>.

Anos depois, vemos novamente Calvin lidando com pessoas de sua idade, mas de uma forma que faz sentido dentro das histórias. Dessa vez, ele entra no time de beisebol por uma pressão dos colegas, precisa aprender a jogar com o pai (o que se revela um desastre) e é hostilizado pelos colegas e pelo professor por sua inaptidão.

Conversando com Susie, o garoto desabafa: “Detesto todas as regras, organizações, times e níveis nos esportes. Sempre tem alguém gritando com você, dizendo onde ficar, o que fazer e quando fazer”. Para o pai, Calvin novamente mostra sua dificuldade em amoldar-se a padrões dos outros: “O que há de errado em só me divertir sozinho?”. A sequência termina com Hobbes o convidando a jogar um esporte não organizado, onde é proibido jogar do mesmo jeito duas vezes, em que as regras são criadas a qualquer momento e, na falta de mais pessoas participando, pode-se chamar jogadores, juízes e uma torcida fantasmas. Waterson diz que, junto com a caixa de papelão, o Calvinbol expressa o espírito da tira. Brincar com seu melhor amigo, sempre um jogo sempre novo, sem prestar contas a ninguém é o sonho de toda criança. E de todo adulto também.

### *7.5 “Não está arrependido de nós termos o Calvin, está?”*

Se considerarmos que a leitura do ocidental tende a iniciar-se pela esquerda, chegamos a uma curiosa constatação: a primeira tira de Calvin

---

<sup>129</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.25.

inicia não com o garoto ou o tigre, mas com o pai. Seria uma construção proposital ou inconsciente de Waterson? Jamais saberemos e, é claro, não se pode valorizar muito essa informação, como se fosse desvendar um significado obscuro sobre a natureza da paternidade em Calvin & Hobbes. Porém, a verdade é que o pai de Calvin (que não tem nome, é simplesmente “Pai”) exerce um importante papel na tira desde sua primeira aparição, compartilhada com os protagonistas Calvin e Hobbes.

Já nessa primeira história, vemos um certo contraste que gerará muitos episódios dali em diante. Enquanto o Pai encera seu carro, uma tarefa rotineira para um homem de família comum da classe média norte-americana, seu filho, vestido de caçador, relata que provavelmente capturou um tigre usando um sanduíche de atum como isca. Sem levar muito a sério, o homem apenas responde, quase cnicamente: “eles gostam de atum, é?”. Calvin responde que sim e, para nossa surpresa, vemos o tigre preso na última tira. Embora Waterson tenha criado essa tira para relatar como o menino e seu tigre se juntaram (e atualmente ele considere que isso foi desnecessário), o relacionamento básico entre pai e filho na tira também se estabelece aqui: um homem com suas preocupações mundanas que cria um garoto com grande imaginação.



Este é o meu pai. Sem exagero.

*Bill Waterson inspirou-se em seu dia a dia para compor o pai.*

Para falarmos sobre o Pai, é importante perceber que ele carrega em si as lembranças de infância que Waterson tem como filho. Sobre o

personagem, Bill nos diz que “o pai de Calvin também é parcialmente uma sátira do meu próprio pai”<sup>130</sup>. A mãe do quadrinhista confirma a informação: “Vejo muito o meu marido. Lembro de referências à corrida, comer aveia e à salada. Somos cuidadosos com nossa dieta e corremos muito no dia-a-dia. Estamos sempre tentando fazer os meninos comerem bem”<sup>131</sup>. De fato, mesmo a profissão dos dois pais (real e fictício) era a mesma: advogado de patentes. Sobre isso, Bill relata que seu pai várias vezes lhe deu conselhos legais – que ele, como Calvin, ignorou.

As tiras recorrentes sobre a construção do caráter de Calvin são praticamente a repetição das palavras de seu pai, segundo Waterson. Basicamente, elas envolvem algum tipo de sofrimento pelo qual o garoto tem de passar, como acampar debaixo de chuva ou jogar beisebol, com a nada confortante resposta do Pai de que isso ajuda a construir o caráter do filho.



A construção do caráter de Calvin por seu pai é uma piada recorrente na tira.

Calvin procura seguir a lei do menor (ou nenhum) esforço, não apenas porque deseja ter tudo o que quer, mas porque é justo que ele receba. Em certa tira, ele diz uma de suas mais célebres frases – “Por que eu devo ter que trabalhar pra tudo? É como dizer que não mereço!”. Seu pai, por outro lado, acredita que só se ganha com muito trabalho – ou, como dizem alguns, *no pain, no gain*<sup>132</sup>. Talvez encontremos aqui um eco o sonho americano em

<sup>130</sup> Ibid., p.18.

<sup>131</sup> MARTELL, Nevin. *op.cit.*, p.221.

<sup>132</sup> Traduzindo literalmente: “Sem dor, sem ganho”. Ou seja, o sofrimento produz benefícios.

ação, o ideal burguês expresso em conselhos paternos, contra o desejo que todos temos de simplesmente descansar e sermos deixados em paz de vez em quando (ou, vindo de outra forma, contra a indulgência da nobreza, que supostamente nasceu com plenos direitos de ter tudo o que quer).

Porém, é preciso ser justo com o pai de Calvin: nem tudo para ele é sofrimento. Depois de acordar às seis da manhã, correr 16 quilômetros e deliciar-se com um prato de mingau, não nos deparamos com a face sem vida de um asceta mal humorado ou de um monge puritano. Waterson retrata o pai com um sorriso no rosto, como se estivesse vivendo a maior das aventuras. Ele não parece fingir alegria ou correr atrás do sofrimento, mas é desenhado como se genuinamente desfrutasse daquele momento. Também, em outras situações, observa-se o Pai usando a própria diversão de Calvin como algo que lhe ensine uma lição. O problema é que, como garoto, podemos questionar: se a diversão está nos ensinando algo, nos ajudando a ter o caráter construído, ela ainda é divertida?

Como Calvin e Hobbes, há um traço autobiográfico de Waterson no Pai. É talvez por isso que a faceta mais comprometida e responsável do pai de Calvin é vista como algo positivo. Nem sempre Bill concorda com o garoto e, em alguns momentos, é na figura do pai que ele se expressa. Apesar do leitor médio dar atenção apenas às travessuras e histórias criadas pelo garoto, o Pai mostra muitas vezes ter um senso de humor bastante afiado, e uma capacidade de inventar histórias que explicaria geneticamente a imaginação formidável de Calvin.

Uma tira de domingo que particularmente chama atenção inicia com o garoto e seu pai observando o pôr do sol. A cada pergunta que o menino faz, o Pai responde de uma maneira mais absurda: “os céus ficam vermelhos porque o oxigênio pega fogo, e o sol, que tem o tamanho de uma moeda, se esconde no Arizona, por isso lá as pedras são vermelhas”. A tira termina com Calvin indo dormir orgulhoso por seu pai, desejando ser tão inteligente quanto ele.

Como Calvin, o Pai não gosta do mundo em que vive, mas, diferente do garoto, escolheu conformar-se à situação ou, ao menos, escapar de

maneiras mais naturais. Para esse homem, não existe tanta diferença entre ser um adulto ou uma criança – “exceto que você [adulto] é mais ligado a seus brinquedos”, ele diz em outra tira. Ao se render aos padrões a que foi confinado, o Pai não pode deixar de aproveitar o pouco tempo que tem para suas excêntricas diversões – que, como as de Calvin, fogem do padrão esperado. Se poucos têm ânimo para acordar cedo e andar de bicicleta (o brinquedo favorito do Pai) ou passar uma semana acampando debaixo de chuva, isso não é problema para alguém que deseja, pelo menos nos fins de semana, fugir do que lhe foi ordenado.

Em relação à Mãe, Calvin não tem um relacionamento tão turbulento quanto com o Pai. Porém, ainda assim, muitas das histórias envolvem a reação dessa dona de casa às travessuras do garoto. Diferente de seu marido, ela não foi inspirada na mãe de Waterson. Ela é “um tipo de mãe genérica”<sup>133</sup>, diz a Sra. Waterson. Bill diz que tentou dar alguma profundidade à personagem, uma vez que normalmente seu lado impaciente é retratado na tira. “Tento sugerir outros aspectos da sua personalidade e interesses pelo que ela está fazendo quando Calvin aparece”<sup>134</sup>. De fato, se comparado ao Pai, a mãe parece ser uma personagem um pouco menos elaborada. Ela faz sua primeira aparição na tira mesmo depois da professora da escola, diferente do pai, presente desde a primeira história da série. Entretanto, ainda assim, a Mãe tem momentos importantes com o garoto.



*Em geral, Calvin tem uma visão mais positiva de sua mãe*

<sup>133</sup> Ibid.

<sup>134</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.18.

Ao contrário do pai, a reação da mãe de Calvin à versão “animada” de Hobbes é um pouco menos cínica. Já apresentamos a tira em que ela conversa com o tigre, esquecendo-se de que ele é apenas um brinquedo. Em outra sequência, o boneco de pelúcia está perdido e os pais de Calvin saem à procura de Hobbes. Como acontece com os leitores, a Mãe acaba se esquecendo novamente de que o tigre não tem vida (pelo menos, para os dois) e grita por ele. A história termina com o Pai olhando de maneira descrente para a tolice de sua esposa, que, numa postura envergonhada, ri do próprio erro.

Assim, a mãe de Calvin parece ter uma sensibilidade e uma empatia maior em relação ao filho. Como o garoto, ela não se anima com as terríveis viagens propostas pelo marido, nem vê em toda dificuldade uma oportunidade para a construção de caráter. Embora conviva mais horas por dia com Calvin, ela demonstra ter um pouco mais de paciência que o Pai. Na verdade, essa paciência explica de maneira bem humorada porque ela, e não o pai, não tem um emprego e cuida da casa. A explicação “oficial” da tira não abraça algum padrão machista ou conservador da família. Aparentemente, ela trabalhava em um lugar mais estressante que o marido, e isso a tornou mais preparada para cuidar do filho.

Entretanto, não se pode negar que encontramos na Mãe uma representação dos papéis associados tradicionalmente à mulher: a maternidade quase perfeita, associada a trabalhos domésticos, enquanto o homem assume o papel de provedor, daquele que sai para trabalhar. Por mais que tenha procurado fugir dos estereótipos comuns de pai e mãe na cultura popular, Waterson termina aceitando alguns desses padrões:

A maternidade, então, pode ser encarada de várias formas: ao mesmo tempo em que, muitas vezes, foi vangloriada e considerada uma dádiva dos deuses, também pode ser utilizada como um instrumento de dominação, na medida em que a mulher-mãe fica aprisionada tanto ao papel biológico, quanto ao social da criação. (...) No domínio do lar, os atributos e funções que lhe cabem [ao homem] são o sustento, o poder, a autonomia e o respeito<sup>135</sup>.

---

<sup>135</sup> WAGNER, Adriana (org.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005, p. 113-115.

O relacionamento entre Calvin e seus pais reflete, em parte, a maneira como as crianças de sua idade podem enxergar seus genitores. Conforme formulado por Freud, em uma família tradicional, é comum a animosidade entre o filho e seu pai, provocada, segundo o psicanalista, pelo desejo de possuir a mãe e por um complexo de inferioridade em relação ao pai, pois ainda não é como ele. É evidente que não encontraremos em Calvin & Hobbes uma comparação extensiva com o Complexo de Édipo conforme proposto por Freud, mas é curioso notar a associação nos relacionamentos da tira. “Este desejo do sujeito de ser seu próprio pai satisfaz todos os seus impulsos: os carinhosos, os de gratidão, os sensuais e os rebeldes”<sup>136</sup>. Se observarmos, o alvo das “pesquisas de opinião” que Calvin faz sempre são sobre seu pai. Enquanto a Mãe parece ser competente em sua função, o Pai precisa estar sempre conquistando o direito de ser pai.

Algumas reações dos pais de Calvin incomodaram os leitores. Waterson diz que, no início da tira, foi criticado pela atitude sarcástica dos pais do garoto. Existe uma tira em que a mãe pergunta ao pai se ele está arrependido de ter um filho, ao que ele responde: “eu queria um dachshund”. No entanto, aquele que ler com mais atenção as histórias do menino e do tigre, verá que isso faz parte do equilíbrio humor/sensibilidade que Calvin & Hobbes procura alcançar. Waterson tentou expressar o sentimento de ambivalência que ter uma criança produz na vida dos pais, sem recorrer a insultos violentos ou a mero emocionalismo<sup>137</sup>. Ele sempre fugiu da ideia de fazer uma tira comportada, ao mesmo tempo em que tentou não escrever apenas estereótipos e piadas vazias.

Eu não quero que os pais simplesmente funcionem como pais. Quero que sejam indivíduos únicos também. Eles são pais, é claro, e, como pessoas sãs, devem reagir à personalidade de Calvin. O que tento fazer, ao escrever algum personagem, é colocar-me em sua posição, na medida do possível, e saber que se eu fosse o pai ou a mãe de Calvin, eu não reagiria a ele com o sentimentalismo cafona que algumas vezes aparece em outras tiras. Dado o comportamento normal de Calvin, acho que seus parentes mostram admirável autocontrole<sup>138</sup>.

---

<sup>136</sup> FREUD, Sigmund. apud. MEZAN, Renato. *Freud: A Trama dos Conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 192.

<sup>137</sup> *Ibid.*, p.34.

<sup>138</sup> MARTELL, Nevin. *op.cit.*, p.221.

Na verdade, se observarmos hoje relacionamentos famosos em programas humorísticos, como o de Homer e Bart Simpson ou de Al Bundy e seus filhos em *Married... with Children*, consideraremos a reação dos pais de Calvin bem mais leve e sutil, enquanto, ao mesmo tempo, foi inovadora em seu contexto – os quadrinhos de jornal. “Acho que era incomum uma tira se concentrar nos aspectos exasperantes de crianças sem uma porção de abraços e sentimentalismos para suavizar”<sup>139</sup>, diz Waterson. Enquanto os pais de Calvin muitas vezes não entendem o mundo do filho, em alguns raros momentos, eles admitem, ou mesmo, o aceitam. Como a mãe diz após o reencontro com Hobbes, em outra sequência de tiras em que o tigre desaparece: somos uma família novamente. O Pai concorda.

Ao contrário de Calvin, Waterson não teve grandes problemas com seus pais. Como garoto quieto e nada rebelde que era, poucas vezes criou problema. Da mesma forma, os pais de Bill, embora reflitam os mesmos valores dos pais de Calvin – como a Sra. Waterson admite – em nenhum momento eles negaram ao filho a busca por seus sonhos, ou como Waterson diz em um de seus prefácios, “nunca insistiram para que eu tivesse um emprego ‘de verdade’”<sup>140</sup>. Se o pai de Bill acredita que as dificuldades e sofrimento constroem o caráter, devemos fazer justiça e lembrar que ele reconheceu a força de um trabalho feito com prazer e alegria.

É possível que o que encontremos, então, nos pais do Calvin seja a ambiguidade comum que os adultos encontram ao relacionar-se com crianças: ao mesmo tempo em que tememos a falta de preocupação e responsabilidade delas, a desejamos e invejamos, lembrando de uma época em que nosso amigo imaginário ocupava mais nosso tempo que nosso chefe. O relacionamento de pais e filho na tira pode se resumida, enfim, por uma outra frase, nada sutil, do pai de Calvin: “ser pai é querer abraçar e estrangular seu filho ao mesmo tempo”. É talvez o que muitos sentem, mas não saberiam como exprimir.

---

<sup>139</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.18.

<sup>140</sup> WATTERSON, Bill. *The Complete Calvin and Hobbes*, p.9.

## 7.6 *Abaixo as meninas sebosas!*

De cima da árvore, escondidos em sua fortaleza, Calvin e seu tigre preparam um plano de ataque contra o inimigo. Embora seu clube “Abaixo as meninas sebosas”, como foi chamado aqui no Brasil, levante-se contra todas as garotas (com exceção da mãe do menino), é em Susie Derkins que se concentram todos os esforços da agremiação<sup>141</sup>.

A vizinha e colega de turma de Calvin fazia parte já dos primeiros esboços da tira, e foi baseada em parte na esposa de Waterson. O cartunista diz que ela é “sincera, séria e inteligente”, mas esses atributos não parecem ser vistos ou pelo menos admirados por Calvin.

Conforme a descrição de Waterson, Susie apresenta qualidades mais notáveis que Calvin, sendo praticamente seu reverso, quando se trata de seguir noções como responsabilidade, educação e bom senso. Apesar de ser uma criança, ela já carrega consigo aspirações e sonhos de pessoas mais velhas, e se mostra muitas vezes preocupada com sua aceitação futura em universidades, com o emprego que terá e com os padrões que a sociedade impõe às mulheres. Em certa tira, ela lembra Calvin de que será forçada a ter sempre “dez quilos abaixo do peso ideal” para agradar homens como o garoto no futuro. Em outra sequência, ela vence o garoto em um concurso artístico de melhor cartaz publicitário. Nas tiras da escola, Susie é apresentada como uma boa estudante, o que a torna mais detestada por Calvin, que não entende o que se passa na cabeça da rival.

Se observarmos as primeiras participações da garota na tira, veremos que existe entre ela e Calvin certa tensão romântica não resolvida. Waterson, no entanto, considera que não acertou muito bem o tipo de relacionamento entre os dois no início das histórias<sup>142</sup>. Apesar do garoto nunca admitir qualquer tipo de sentimento positivo pela garota, existem algumas indicações de tal possibilidade, como as insinuações de Hobbes, os bilhetes do

---

<sup>141</sup> No original, o clube chama-se G.R.O.S.S. (nojento, indecente), acróstico para *Get Rid Of Slimy Girls*. (algo como “Acabem com as meninas nojentas”)

<sup>142</sup> WATTERSON, Bill. *Os Dez Anos de Calvin e Haroldo*, p.64.

*Valentine's Day* e a própria obsessão de Calvin em sempre chamar a atenção da menina. Uma situação que se repete nas histórias e que pode mostrar que a relação entre Susie e Calvin não se trata apenas de uma inimizade entre dois rivais é que algumas vezes o garoto se ressentido do fato de Susie preferir Hobbes a ele (e vice-versa).



O "lado bom" de Calvin revela sentimentos românticos por Susie, enquanto Hobbes acusa seu amigo de sentir ciúmes.

É evidente que para alguém tão centrado em si quanto o garoto, ser preterido já é um problema por si só, mas no caso de Susie isso parece irritar bem mais o garoto. Para alguém que despreza tanto a menina, não seria incômodo não ser convidado para o aniversário dela, ao invés de Hobbes – como acontece em outra tira. Além disso, outras histórias apontam para algum tipo de atração ou, ao menos, respeito entre os dois. Uma termina com Calvin, após uma briga com a vizinha, alegremente pensando "ela gosta de mim" (e Waterson registra que o sentimento é recíproco, pois Susie pensa o mesmo). Em outra ocasião, quando o lado bom de Calvin aparece, este mostra-se interessado em agradar e ser gentil com Susie.

O que se pode observar, enfim, é um claro relacionamento que está além da hostilidade pelo gênero diferente. Trata-se de um relacionamento amor/ódio comum em crianças da idade do Calvin, em fase de descoberta de suas semelhanças e diferenças com o outro. É também uma apropriação de Waterson de uma dinâmica comum em muitas obras: a guerra dos sexos, aqueles que se odeiam, que são diferentes, mas se atraem e gostam de atrair.

Em geral, crianças da idade de Calvin e Susie já aprenderam as regras e padrões culturais sobre o que um menino e uma menina devem fazer, e como serão quando crescer. A psicóloga Helen Bee acredita que, nessa época “é que as crianças de 5 ou 6 anos, tendo percebido que serão permanentemente uma menina ou um menino, estão buscando uma *regra* sobre o comportamento dos meninos e das meninas”<sup>143</sup>. Seguindo essas regras, Calvin sabe que relacionar-se com Susie o levará a brincar de coisas que *são de meninas*. O problema é que, com a falta de opção na vizinhança (Susie é tão ou mais solitária que Calvin), só resta aos dois tentar brincar de vez em quando.

Em certas ocasiões, Susie carrega consigo Mr. Bun, um coelho de pelúcia, de maneira semelhante a Calvin com seu tigre. Entretanto a reação do garoto quando convidado a brincar com o boneco é rejeitar Susie e Mr. Bun de maneira rude, como se a natureza de seu relacionamento com Hobbes fosse diferente. Curiosamente, o próprio tigre, observando o brinquedo de Susie, comenta que o coelhinho parece estar em coma, como se não entendesse porque não há vida naquele boneco.

Normalmente, as brincadeiras propostas por Susie envolvem atividades consideradas femininas em nossa sociedade que valoriza os atributos e papéis considerados “masculinos”. Os dois personagens chegam a brincar juntos em algumas ocasiões, mas o que se vê são histórias de casinha, festa do chá ou romance<sup>144</sup>. Novamente, Waterson repete os papéis

---

<sup>143</sup> BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996, p. 301.

<sup>144</sup> A exceção são as brincadeiras que envolvem uma “guerra dos sexos”: ou de pistolas de água ou de bola de neve.

tradicionalmente associados a cada gênero, dessa vez com as escolhas de Susie e Calvin.

Já na infância, observamos as diferenças de atitudes nas brincadeiras de meninos e meninas. Na maioria das vezes, as meninas envolvem-se em atividades mais calmas, passivas e restritas ao ambiente do lar, enquanto os meninos brincam de forma mais agitada, expansiva e agressiva, principalmente na rua. Esses aspectos refletem como o homem, culturalmente, ficou mais envolvido com o que se refere à esfera pública, enquanto as mulheres se restringiram muito mais ao mundo privado<sup>145</sup>.

Como é esperado em qualquer interação social que envolva Calvin, as brincadeiras entre o garoto e Susie acabam em briga por ele não se adaptar aos padrões da garota. Pode-se dizer que, pelo menos por alguns momentos, a imaginação de Calvin é que mostra-se falha, se levamos em consideração que existem certos parâmetros aos quais ela não se adapta – ir além dos papéis tradicionais de gênero em sua sociedade.

Ironicamente, o garoto que não segue os padrões acaba se conformando, sem perceber, a um maior: o que ser homem supostamente significa. Mesmo fugindo de algumas brincadeiras de menino (como acontece nas tiras de beisebol), querendo ou não, no caso de Susie, é o poder feminino que desbanca o subversivo Calvin.

## 7.7 Aprendiz de demônio

Se dentro de casa e no relacionamento com Susie, Calvin encontra alguns (raros) momentos de alegria ou conciliação, na escola não há descanso. Não há qualquer tira, em toda produção de Waterson, que não represente a escola como um lugar de privação, tristeza ou fracasso. Existem, como veremos, uma ou outra história em que Calvin consegue algum êxito em sua educação, mas elas são obtidas sem essa intenção.

---

<sup>145</sup> WAGNER, Adriana. *op.cit.*, p. 116.

Simbolizando especialmente a batalha de Calvin com a escola, há a Srta. Wormwood, a professora da turma de Calvin.



Numa das seqüências preferidas de Waterson, a professora “enfrenta” o homem-estupendo.

O nome dessa senhora, cuja aparência maltratada transparece uma vida de trabalho cansativo e estressante, é inspirado em um personagem de C.S. Lewis, do livro *Cartaz de um Demônio a seu Aprendiz*. A obra registra a correspondência enviada por Screwtape, um diabo velho e experiente, a seu aluno Wormwood<sup>146</sup>, relatando truques e ardis para enganar os cristãos. Entretanto, apesar da escolha do nome, comparando-se a professora a Calvin no decorrer das tiras, o papel de tentar e provocar serve muito mais ao garoto. O próprio Waterson diz que tem muita simpatia pela professora<sup>147</sup>, mesmo dando pouca folga para essa calejada senhora no decorrer da tira.

Nota-se que a visão da infância apresentada por Bill Watterson em Calvin & Hobbes não é uniformemente negativa ou positiva. Apesar de muitas vezes a maturidade ser apresentada como uma fase da vida em que abandona-se as brincadeiras e a imaginação, para assumir responsabilidades mundanas e corriqueiras, nem sempre a infância é apresentada como uma fase da vida idealizada, onde as preocupações e o sofrimento inexistem. A tira assume uma postura ambígua em relação a essas duas fases da vida e, no caso da infância, a escola apresenta-se como

<sup>146</sup> Traduzido no Brasil como “Vermebile”. O nome *wormwood* também é referência ao texto bíblico de Apocalipse 8.10,11 que fala de um anjo ou estrela que caiu na Terra. Em português, a expressão equivalente nesse texto específico é Absinto ou Amargura.

<sup>147</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.20.

um dos maiores problemas que Calvin deve enfrentar. “Nunca entendi as pessoas que se lembram da infância como uma época idílica”, diz Waterson, após desenhar o cotidiano do garoto, em que metade do dia é tomado pelas aulas<sup>148</sup>.

Nessas aulas, cabe em especial à senhorita Wormwood, ao reprimir Calvin de seu comportamento fora do padrão, representar o que acontece em muitas escolas. Detentora da autoridade e do poder na sala de aula, a professora deve ensinar e reproduzir o discurso pedagógico da Escola, que autoriza a si mesmo como detentora do conhecimento e da convenção “correta”. Orlandi resume bem o que se passa muitas vezes em escolas, um padrão algo de que Calvin não consegue escapar em seu cotidiano:

A escola atua através da convenção: o costume que, dentro de um grupo, se considera como válido e está garantido pela reprovação da conduta discordante. Atua através de regulamentos, do sentimento de dever que preside ao Discurso Pedagógico e este veicula. Se define como ordem legítima porque se orienta por máximas e essas máximas aparecem como válidas para a ação, isto é, como modelos de conduta, logo, como obrigatórias. Aparece, pois, como algo que deve ser. Na medida em que a convenção, pela qual a escola atua, aparece como modelo, como obrigatoria, tem o prestígio da legitimidade<sup>149</sup>.

Calvin dificilmente se adapta àquilo que a escola ensina, e questiona o que é ensinado como importante ou mesmo útil. Ducrot<sup>150</sup> afirma que existem três leis que garantem a motivação pedagógica e legitimam um conhecimento educacional como tal: a informatividade (o ouvinte deve desconhecer o que está sendo ensinado), o interesse (o assunto deve interessar o ouvinte) e a utilidade (deve haver uma utilidade àquilo que se diz). A escola reprovaria nas três leis, na opinião de Calvin.

Em uma palestra<sup>151</sup>, Sir Ken Robinson, acadêmico e escritor inglês na área de educação, alerta para o fato de que o sistema educacional das

---

<sup>148</sup> Ibid., p.78.

<sup>149</sup> ORLANDI, E. P. A linguagem e seu funcionamento. Campinas: Pontes, 1996, p.23.

<sup>150</sup> Ibid, p.17.

<sup>151</sup> *Changing Education Paradigms*. Disponível em vídeo em <<http://www.youtube.com/watch?v=zDZFcDGpL4U>>. Acesso em 25.nov.2010.

escolas está, em geral, baseado em modelos industriais, criados no século XIX, a fim de satisfazer necessidades de produção, reproduzir uma ideologia dominante (burguesa) e certa situação econômica e social. Sir Robinson acredita que, com esses objetivos em vista, não raramente a escola acaba matando a criatividade de seus alunos, ao tratá-los como funcionários de uma fábrica, com horários, turnos e departamentos. Não é por acaso que Waterson escolheu imagens fortes como uma boiada entrando num pasto, um papagaio aprendendo a falar ou um robô programado para representar um dia típico de aula. Comentando essa tira em especial, ele compara o sofrimento de Calvin a uma experiência que todos acabam por passar: o primeiro emprego<sup>152</sup>. A escola é uma extensão da fábrica ou o contrário?



A escola segundo Calvin: castigo, lavagem cerebral, zumbificação e sufocação.

Embora Waterson não aprove a falta de esforço de Calvin, vemos que suas tiras também não parecem aprovar o que se passa na escola. Usando o humor como uma ferramenta de crítica, Waterson, mesmo sendo um bom aluno na infância, parece não admirar o modelo educacional vigente. O que é

<sup>152</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.90.

ensinado na escola geralmente traz pouco interesse para o menino, além de ter sua utilidade questionada. Calvin certamente preferiria aprender sobre dinossauros, bombas e televisão, algo com que muitos alunos e ex-alunos se identificariam. Em uma tira em que fica doente e passa o dia em casa assistindo televisão ao invés de ir à aula, Calvin expressa bem o sentimento que muitos ainda guardam a respeito de sua própria educação: “eu aprendo muito mais vendo televisão que na escola”.

Curiosamente, existe uma sequência de histórias em que Calvin recebe uma boa nota na escola, não por sorte ou por se apoiar em Susie, mas por sua imaginação. A tarefa para casa é escrever uma redação e, como sempre, o garoto procura uma maneira de escapar da responsabilidade. Dessa vez, ele resolve viajar para algumas horas no futuro, onde supostamente encontrará a versão de si mesmo que já escreveu a redação antes de ir dormir. Quando encontra seu “eu futuro”, o “Calvin do presente” descobre que este não fez o trabalho porque um “eu intermediário” entre o primeiro Calvin e o Calvin futuro, deveria ter feito o trabalho. Assim, essas duas versões do garoto viajam para encontrar o terceiro Calvin que não fez a redação. Enquanto isso, os dois Hobbes (do presente e do futuro) percebem que, se não agirem, Calvin ficará sem redação nenhuma. Os dois tigres escrevem a redação para o menino, relatando os eventos dessa confusa viagem no tempo. No dia seguinte, uma boa notícia: a história escrita pelos Hobbes recebeu nota máxima pela criatividade.

Entretanto, essa é uma ocasião rara. Nunca antes um plano de Calvin para livrar-se de uma tarefa escolar deu certo, mesmo com a ajuda de Hobbes. A sequência resumida acima se passa nos últimos anos da tira, quando Waterson não teria tantos problemas em lidar com a consequência de uma boa nota de Calvin no decorrer das próximas histórias.

Por fim, uma tira que resume bem o relacionamento entre Calvin e a escola se passa em uma das apresentações de “*Show and Tell*”<sup>153</sup>, atividade comum nas escolas norte-americanas e repetida várias vezes nas tiras. O

---

<sup>153</sup> Atividade que consiste em o aluno trazer algo para escola, baseado em determinado tema, para mostrá-lo (*show*) e falar (*tell*) sobre ele ao resto da turma.

garoto traz de casa um floco de neve, que são reconhecidos pela singularidade que cada um apresenta. Entretanto, ao ser levado para a sala de aula, esse floco tornou-se, naturalmente, água. Para Calvin, ali está uma metáfora do que acontece em sala de aula: crianças diferentes, com qualidades únicas, são transformadas em seres iguais, padronizados e repetitivos – provavelmente uma visão do mundo adulto. Pelo que vimos, Sir Ken Robinson concordaria com a analogia do garoto. Waterson, e sua dificuldade em adaptar-se aos padrões dos outros, também.



Bill Waterson, 1993

### 7.8 A vingança da babá

Rosalyn, a *babysitter* de Calvin, se destaca entre os personagens de Calvin & Hobbes por duas razões: é a única personagem adolescente em toda a série e, segundo Waterson, ela é a única pessoa de quem o garoto realmente tem medo. O autor criou a personagem com poucas ambições, “sem nunca pensar nela como uma personagem regular” e considera seu relacionamento com Calvin apenas unidimensional<sup>154</sup>. Entretanto, a personagem ganhou várias sequências de tiras nos dez anos da série e mesmo uma das coletâneas de Calvin foi batizado fazendo referência a ela: *A Vingança da Babá*. Rosalyn teve algumas características desenvolvidas, como viver o que é padrão para muitos adolescentes norte-americanos: namorar, fazer lições de casa e trabalhar para conseguir dinheiro para

<sup>154</sup> Ibid., p. 21.

faculdade. Em algumas tiras, a moça surge como professora de natação das crianças, como complemento para suas economias.



Não se sabe ao certo porque Calvin teme Rosalyn. Pode ser por ela não se encaixar em sua divisão do mundo entre adultos e crianças, por não conhecer seus pontos fracos tanto quanto conhece os dos pais, ou por ela ser uma versão grande de seu maior inimigo, as garotas. Waterson não explica bem o medo do menino, mas observa-se que, nas tiras, as ameaças de Rosalyn sempre o assustam mais que as ameaças do pai, da mãe ou dos professores. Se compararmos isso com o relacionamento de Calvin com Moe, o valentão da escola, sempre pronto a agredir fisicamente seus colegas menores, veremos que, apesar do medo de apanhar, várias vezes o garoto tem coragem de confrontá-lo. Com Rosalyn, a situação é diferente. Calvin a desafia, mas sabe que dificilmente vencerá, e a princípio prefere não lidar com a babá.

Mesmo o relacionamento dos pais com Rosalyn é curioso. Waterson acredita que ela é um certo tipo de ameaça até para os dois, uma vez que tem o poder de dá-los algo que eles tanto desejam: uma folga de Calvin<sup>155</sup>. Cada sequência com a babá inicia com a moça exigindo algum tipo de adiantamento ou termina com a moça exigindo um pagamento extra por seus serviços.

<sup>155</sup> Ibid.

É interessante também notar que ela é um dos poucos personagens recorrentes a relacionar-se com o pai e a mãe de Calvin. Desde cedo, Waterson percebeu que seria difícil que outros adultos lidassem com os dois personagens, uma vez que não gostaria de ver alguém chamando-lhes de “pai” e “mãe”. Comentando sobre o “Tio Max”, personagem introduzido nos primeiros anos, mas desaparecido depois de poucas tiras, Bill diz: “Era muito incômodo que Max não podia se dirigir aos pais de Calvin pelo nome, e isso deveria ter me indicado que a tira não era projetada para os pais terem relacionamentos adultos externos”<sup>156</sup>. Rosalyn, pelo contrário, conseguiu manter suas aparições frequentes, mesmo sem chamá-los pelos nomes.

Talvez o temor de Calvin em relação a Rosalyn deva-se ao fato de que ela encontra-se nessa estranha fase de transição, que apenas recentemente recebeu o nome de adolescência. Em um livro escrito sobre essa fase, os autores Brett e Alex Harris afirmam que “a expressão ‘adolescente’ existe há menos de setenta anos. Antes do século XX e, de fato, ao longo da história as pessoas eram classificadas como ‘crianças’ ou ‘adultos’”<sup>157</sup>. Isso é confirmado por historiadores, como Friedrich Heer: “Por volta do século XIX, jovens de ambos os sexos já poderiam ser considerados adultos a partir do momento em que fossem identificados os sinais externos da puberdade”<sup>158</sup>. Segundo um dicionário de neologismos, a palavra *teen-ager* (adolescente) surge apenas em 1941, em um artigo da revista *Reader’s Digest*<sup>159</sup>. Se compararmos à fase infantil e à adulta, a construção social “adolescente” é muito recente, o que se reflete na tira.

Rosalyn, aos olhos de Calvin (e provavelmente de seus pais) não é uma criança, nem é uma adulta. Ela segue as regras dos adultos, ao negociar com eles por dinheiro, ao denunciar o garoto, e impor regras como dormir cedo. Porém, ao mesmo tempo, ela deve fazer sua lição de casa, precisa de carona por não dirigir e não tem uma rotina de serviço diário como

---

<sup>156</sup> Ibid, p.70.

<sup>157</sup> HARRIS, Alex. HARRIS, Brett. *Radicalize: um desafio para fazer diferença na adolescência*, São Paulo: Mundo Cristão, 2010, p.40.

<sup>158</sup> HEER, Friedrich. *Challenge of Youth*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1974, p.128.

<sup>159</sup> ALGEO, John (org.). *Fifty years among the new words: a dictionary of neologisms*. New York: Cambridge University Press, 1991, p.111.

o Pai, a Mãe ou a professora Wormwood. O garoto está diante de alguém que recebeu a autoridade de seus pais, mas que usa técnicas sujas como fazê-lo escrever uma confissão e não precisa conviver com ele todos os dias. Pior: talvez esteja diante de si, no futuro, quando os brinquedos devem ser deixados em nome de uma suposta maturidade. Sendo Rosalyn tanto criança quanto adulta, não é surpresa que Calvin não saiba bem com quem lidar, talvez uma sensação comum a muitos diante de um adolescente.



*A maneira como Calvin reage à Rosalyn não tem paralelos em sua relação com outros personagens*

Porém, é usando essa fase de transição que Waterson traz uma das histórias mais marcantes de seu trabalho. Rosalyn novamente está responsável por cuidar do garoto, mas dessa vez, ela resolve negociar com Calvin. Ela promete que jogaria o que ele desejasse se o menino fosse dormir cedo sem criar problemas. O garoto até tenta jogar algo normal, mas, evidentemente, muda sua opção para o Calvinbol. Rosalyn aceita e, ainda que se mostre descrente no início (vestindo o uniforme oficial desse esporte – máscaras), passa a divertir-se com o menino e seu tigre. Mesmo sem enxergar o “Hobbess animado” que Calvin vê, a babá entra na fantasia do garoto, cria regras, trata o tigre de pelúcia como um jogador e admite que o esporte de Calvin é divertido. “É a única vez em toda série que alguém além de Hobbess realmente entende Calvin e junta-se a ele em seus próprios

termos. Naquele momento único, Rosalyn é uma personagem verdadeiramente rica, capaz de verdadeira empatia”<sup>160</sup>.



*Pela primeira vez, alguém entra no jogo de Calvin*

Como aconteceu na escola, essa situação única marca a última aparição de Rosalyn. Aberta a possibilidade de Calvin ter um amigo não-imaginário, que aceita as regras (ou a falta de regras) do Calvinbol, o relacionamento entre Calvin e Rosalyn foi modificado de uma maneira radical. Porém, sabendo que não precisaria mais remeter a essa situação, Waterson nos deixa apenas com esse “fim” para o relacionamento entre Calvin e Rosalyn. Ela aceita jogar pelas regras do garoto, e ele cumpre o trato de dormir mais cedo. Um conflito na vida de Calvin encerrou-se? Não podemos dizer, mas Waterson parece sugerir que, em algum momento, Calvin poderá relacionar-se com as pessoas que o rodeiam, como alguém que, felizmente ou não, crescerá.

<sup>160</sup> MARTELL, Nevin. *op.cit.*, p.114.

## 8 Calvino e Hobbes

Por meio dessa breve descrição dos relacionamentos entre Calvin, Hobbes e os outros personagens da tira de Waterson, pudemos entender como os discursos divergentes dos protagonistas da tira são apresentados e como eles se relacionam com algumas situações que rodeavam o cartunista. A partir de agora, usaremos esse conhecimento adquirido para compará-los com as ideias e o pensamento dos dois personagens históricos que deram nomes aos protagonistas da tira. Como foi dito no início, uma das razões desse projeto foi a curiosidade inicial provocada pela relação entre os personagens fictícios e os pensadores históricos. Sabemos que não encontraremos uma relação exata entre Calvin e Calvino, por exemplo, mas procuraremos examinar possíveis sentidos dados aos discursos dos dois personagens históricos nas tiras de Waterson.

Para isso, a análise dos personagens coadjuvantes mostrou-se importante, pois às vezes eles assumirão o discurso de Waterson, o autor, que, em certos momentos é moldado por João Calvino ou Thomas Hobbes. Às vezes, entretanto, Bill Waterson mencionará um tema discutido pelos filósofos, embora nem sempre concorde com o que esses dois homens do passado disseram. O importante aqui é perceber como, muitas vezes de maneira velada, a tira acaba dialogando com o pensamento de seus precursores, mesmo que não traga uma resposta para o tema, mas apenas uma referência ou mais questionamentos – algo recorrente nos dez anos da série. Diferente de Calvino e Hobbes, o garoto e o tigre não têm grandes planos além de divertir-se o máximo possível.

Para esse capítulo, escolhemos alguns dos temas mais recorrentes na série, além de assuntos que interessaram os dois filósofos em seus escritos. Iniciaremos falando sobre a natureza do ser humano, o ponto de partida para os dois estudiosos e um motivo comum das conversas entre Calvin e Hobbes. A partir daí falaremos de outros temas como os gêneros, a família, Deus, religião, moral, Estado e autoridade, levando-se em consideração o

quanto cada autor – Waterson, Calvino e Hobbes – tratou sobre cada assunto. A partir daí, pretende-se alcançar um dos objetivos desse estudo: apresentar o pensamento de Calvino e Thomas Hobbes em situações apresentadas na tira, e observar um possível diálogo entre Waterson e os personagens históricos.

### *8.1 A condição humana*

João Calvino diz no início de sua grande obra sobre a religião cristã que toda a ciência da humanidade abrange duas grandes áreas: o conhecimento de Deus e o conhecimento de si mesmo. Entretanto ele nos diz que “como, porém, se entrelaçam com muitos elos, não é fácil, entretanto, discernir qual deles precede ao outro, e ao outro origina”<sup>161</sup>. Se existem pontos em comum entre os personagens históricos e os personagens da tira de Waterson, encontramos o mais marcante na visão que Calvino, Hobbes e Waterson têm do homem. A partir desse entendimento de quem somos, todo o discurso de Calvino, Hobbes e Waterson se desenvolverá. Assim, iniciamos esse estudo entendendo resumidamente quem é o ser humano para os autores estudados nessa pesquisa.

Da leitura das obras de Calvino, percebe-se que o reformador de Genebra depende em vários momentos da teologia de outro homem do passado – Santo Agostinho. Uma das características tanto da vida, quanto do pensamento desse bispo católico é um forte conflito entre o que a tradição cristã chama de “Carne” (a tendência do homem para o mal e suas paixões, em especial, o desejo sexual) e o “Espírito” (que pode ser tanto a pessoa da Trindade, quanto um lado bom ou convertido do ser humano). Agostinho viveu essa batalha interna durante sua vida, até uma dramática conversão que moldou seus escritos doutrinários<sup>162</sup>. Tais escritos deram forma tanto à moral católica, quanto à protestante, e Calvino não esteve alheio a isso. O

---

<sup>161</sup> CALVINO, João. *op. cit.*, livro 1, p.41.

<sup>162</sup> Os embates de Agostinho estão registrados em suas *Confissões*, em especial no capítulo VIII, que relata sua conversão ao catolicismo.

reformador tomou a doutrina agostiniana e a desenvolveu naquilo que seus seguidores chamariam mais tarde de “Depravação Total”. Para o teólogo francês, devido à queda de Adão, cada área da vida humana foi atingida pelo mal, tornando-se o ser humano desde o ventre materno culpado diante de Deus.

O pecado original representa, portanto, a depravação e corrupção hereditárias de nossa natureza, difundidas por todas as partes da alma, que, em primeiro lugar, nos fazem condenáveis à ira de Deus; em segundo lugar, também produzem em nós aquelas obras que a Escritura chama de ‘obras da carne’ [Gl 5.19]. E é propriamente isto o que por Paulo, com bastante frequência, designa apenas de pecado.<sup>163</sup>

João Calvino acreditava que a corrupção humana era suficiente para tornar a humanidade incapaz de realizar qualquer coisa sem a contaminação do pecado. Nem era o ser humano capaz de mudar sua natureza, senão por um ato divino, uma intervenção espiritual que o levaria a outra direção além do mal. Nesse sentido, o reformador não acreditava na doutrina do livre-arbítrio, embora em outros escritos não negasse que o ser humano tem a capacidade de decidir seus rumos – porém, é importante dizer que todas as decisões humanas seriam baseadas em sua natureza corrompida. “Dir-se-á que o homem é dotado de livre-arbítrio: não porque tenha livre escolha do bem e do mal, igualmente; ao contrário, porque age mal por vontade, não por efeito de coação”<sup>164</sup>. Assim, para Calvino, o ser humano faz aquilo que deseja, porém é incapaz por si só de desejar algo além do mal.

A visão do reformador, porém não é apenas pessimismo. Calvino foi influenciado pelo pensamento humanista, e não enxergava a humanidade como portadora apenas de maldade e corrupção. Em geral, suas exposições negativas do ser humano levavam em consideração o relacionamento da humanidade com Deus. O homem estava corrompido, mas traços da *imago Dei* ainda permaneciam nele e o capacitavam a realizar obras boas, se vistas em relação apenas à humanidade e à vida terrena. Ele diz, por exemplo, que

---

<sup>163</sup> Ibid., p.23.

<sup>164</sup> Ibid., p.34.

“não se acha quase ninguém em quem não se evidencie proficiência em alguma arte. Nem se encontra à mão somente a energia e capacidade para aprender, mas também para inventar algo novo em cada arte, ou para aperfeiçoar e burilar o que hajas aprendido de outrem que veio antes de ti”<sup>165</sup>. Em outras passagens, o reformador elogia a ciência, a razão, a política e as leis humanas como dons naturais entregues por Deus à humanidade.

Thomas Hobbes compartilha parte da visão antropológica pessimista do reformador francês. A expressão célebre *homo lupus hominis*, “o homem é o lobo do homem”, é associada ao filósofo inglês por ele tê-la incluído no prefácio da obra *Do Cidadão*. Ela significa que o ser humano é o predador de si mesmo, representando a luta de todos contra todos na humanidade. Porém, poucos percebem que antes de proclamar essa máxima, Hobbes também diz que “o homem é um deus para o homem”<sup>166</sup>. Com isso, ele quer dizer que o governo dos homens pode tender tanto para o bem quanto para o mal, tanto como um instrumento de justiça, quando um instrumento de tirania – certamente, uma visão mais positiva que Calvino. Apesar disso, não podemos esquecer que um dos motivos para que haja o Estado, em Hobbes, é justamente a contenção do estado natural de guerra entre todos os homens. Para o filósofo, “a natureza humana seria invariável; nenhum progresso moral, nenhum processo pedagógico seriam capazes de superar o desregramento das paixões humanas”<sup>167</sup>.

De maneira semelhante, Thomas Hobbes tinha problema com a ideia de livre-arbítrio. Entretanto, para ele, a inabilidade de alguém em fazer autonomamente tudo aquilo que deseja não surge de alguma corrupção inata, mas da necessidade imposta pelas leis mecânicas do universo. Todas as intenções e ações do ser humano são causadas por processos materiais prévios, os movimentos que geram próximos movimentos, e assim por diante. Ele entende, como Calvino, que o homem pode ser ou realizar o que deseja, porém Hobbes entende que sempre há a possibilidade do ser humano ser

---

<sup>165</sup> Ibid., p.42.

<sup>166</sup> HOBBS, Thomas. *Do cidadão*, São Paulo: Martins Claret, 2004, p.11.

<sup>167</sup> LIMONGI, Isabel Maria. *op.cit.*, p.8.

guiado pela retórica ou manipulação política<sup>168</sup>. Sobre a liberdade humana, os dois pensadores também esbarram na figura de Deus, aquele que tem liberdade total, diferente dos seres humanos, cujo destino depende dos desígnios divinos. Em seu capítulo sobre a liberdade dos súditos em *Leviatã*, Hobbes diz algo que Calvino, expositor protestante do determinismo, concordaria:

“Deus, que vê e dispõe todas as coisas vê também que a liberdade que o homem tem de fazer o que quer é acompanhada pela necessidade de fazer aquilo que Deus quer, e nem mais nem menos do que isso. Embora os homens possam fazer muitas coisas que Deus não ordenou, e das quais portanto não é autor, não lhes é possível ter paixão ou apetite por nada de cujo apetite a vontade de Deus não seja a causa. (...) A liberdade dos homens seria uma contradição e um impedimento à onipotência e liberdade de Deus”<sup>169</sup>.

É interessante que um dos temas mais marcantes em Calvino e Hobbes – a falta de liberdade do ser humano – seja repetido com tanta recorrência em Calvin & Hobbes. De fato, como já comentamos, a primeira tira a invadir o terreno da especulação filosófica trata justamente do tema da predestinação. Embora Waterson não proponha dar respostas a algumas das grandes questões da humanidade, certamente ele compartilha essas perguntas conosco.



*A antiga discussão destino x livre-arbítrio, segundo Calvin e Hobbes*

<sup>168</sup> HOBBS, Thomas. *Leviatã*, p.XXIX.

<sup>169</sup> *Ibid.*, p.180-181.

Através de seu desenho singelo, com traçado simples e quase caricatural, Waterson reverbera os discursos (muitas vezes complicados) do reformador e do cientista político de maneira bem humorada. No capítulo anterior, vimos que o tema da liberdade é tratado nos relacionamentos entre Calvin e os personagens adultos. A maioria dos conflitos da tira envolve algum tipo de impedimento externo para que o garoto execute seus intentos. É possível que o tema da predestinação e do determinismo surja tão frequentemente na tira por esse motivo. Se nossos atos são pré-determinados, existe liberdade? Se não existe liberdade, existe responsabilidade? Para Calvin, sempre o culpado pelo que acontece em casa, na escola, ou em seu quintal, a ideia parece maravilhosa. Além disso, não podemos lembrar que, de maneira semelhante a seu homônimo, Calvin também não tem nenhum problema em considerar-se alguém escolhido para algum tipo de missão ou destino especial.

É na visão do bem e do mal no ser humano, entretanto, que encontramos as maiores semelhanças entre cada personagem. De fato, mesmo os coadjuvantes da tira acabam apresentando facetas diferentes do mesmo discurso antropológico pessimista. Na escola, se Calvin deve ter sua liberdade podada, isso também se deve ao seu pouco caso pelos colegas e pela professora. Em casa, muitos conflitos parecem também iniciar-se pela incapacidade do garoto de respeitar os momentos de repouso da Mãe e do Pai. As figuras de autoridade exercem um poder soberano de conter ou deter os impulsos negativos do menino.

Ao considerar-se o centro de tudo, Calvin dificilmente trata o outro (a exceção do tigre Hobbes) como um igual, digno da liberdade que ele tem. Como a visão de Thomas Hobbes sobre o ser humano, o que Calvin deseja é, para ele, o bom. “Pois as palavras ‘bom’, ‘mau’ e ‘desprezível’ são sempre usadas em relação à pessoa que as usa”<sup>170</sup>. Podemos dizer que um dos mecanismos que fazem a história caminhar é justamente o estado natural de guerra, não de todos contra todos, mas de Calvin contra todos. O problema é

---

<sup>170</sup> Ibid., p.48.

que, diferente do que propõe Thomas Hobbes, o garoto dificilmente aceitará algum tipo de contrato social que limite suas liberdades.

Por outro lado, as contradições da humanidade tornam-se também motivos poderosos para que Calvin e seu tigre não consigam se adaptar aos padrões daqueles que os rodeiam. Hobbes, como o único representante dos animais na tira, muitas vezes apresenta-se como porta-voz do discurso negativo de Waterson sobre a humanidade. “Como Calvin”, ele diz, “eu muitas vezes prefiro a companhia de animais a pessoas”<sup>171</sup>. Essa idéia é reelaborada pelo tigre na sequência em que os personagens encontram o guaxinim quase morto. Deitados à noite, torcendo pela sobrevivência, Hobbes diz: “eu acho os animais sempre tão fofinhos”, como se não fosse um deles. O interesse maior de Calvin por criaturas como dinossauros, cobras, elefantes ou tigres que pelos seus iguais humanos também refletem o pensamento de Waterson sobre a humanidade.

É importante lembrar que a obra de Bill Waterson foi publicada entre 1985 e 1995. Calvin & Hobbes começou a ser produzida em um contexto de guerra fria, durante o governo dos republicanos Ronald Reagan e George Bush, uma fase marcada por excessivo patriotismo norte-americano, por conflitos com a União Soviética e o Oriente Médio, e pela glorificação de figuras como Rambo. É também nessa época que o movimento ecológico ganha maior atenção, com a realização da conferência Rio-92. Como homem de seu tempo, Waterson reflete em suas histórias os temas que estavam em debate na época. Certamente, esses eventos o influenciaram a apresentar o ser humano como inclinado à guerra e à destruição do planeta.

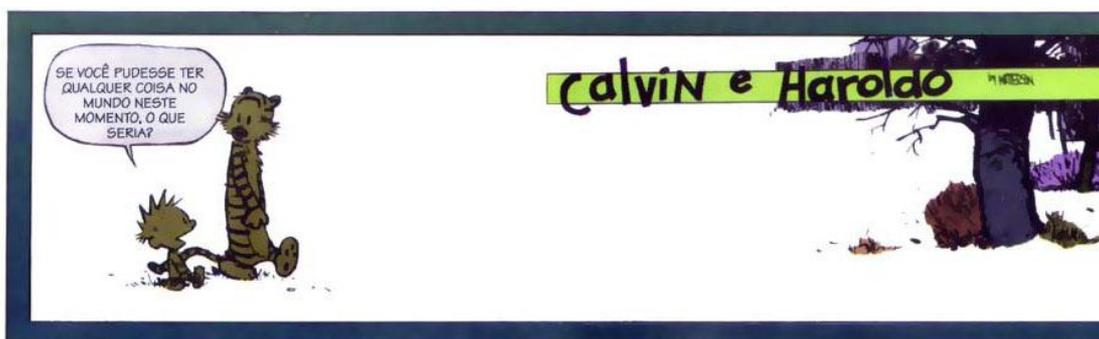
---

<sup>171</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.17.



*Os dois personagens visitam Marte numa tentativa de escapar da Terra*

Nesse ponto, o cartunista parece enxergar o homem como ainda mais imperfeito. Por maiores que fossem as objeções de João Calvino e Thomas Hobbes às ações do ser humano, havia fatores que os colocavam acima dos animais. Para o reformador, era a religião que trazia essa diferença, enquanto para o filósofo era a imaginação e a razão. Em Waterson, entretanto, a humanidade não consegue exibir traços tão notáveis quanto o companheirismo, a lealdade e a coerência dos animais. A prova disso é sua incapacidade de cuidar de seu mundo (o tema ecológico é recorrente na série), sua tendência à guerra, a indústria do entretenimento barato (tanto na televisão, quanto nos quadrinhos) ou o consumismo desenfreado da sociedade americana. Os animais, pelo contrário, não têm muitas pretensões, além de aproveitar o que lhes foi dado.



*Aqui, a ambição da humanidade é contrastada com a simplicidade animal*

Apesar do diagnóstico negativo, não vemos no cartunista o tratamento desse tema com sermões dentro de sua tira ou de um discurso meramente cínico. Waterson sempre tentou escapar desse caminho, usando o humor e a infantilidade de Calvin para tratar desses assuntos, às vezes tão brutais no noticiário. Hobbes, o filósofo, nos diz que o riso pode ser provocado “por um ato repentino de nós mesmos que nos diverte”, mas ele não se esquece de sugerir que procuremos “os mais capazes” para aprender com eles<sup>172</sup>. Se Waterson ou o garoto criticam a humanidade, não podemos esquecer que eles fazem parte dela, ou seja, são tão imperfeitos quanto aqueles a quem a piada se direciona. Ao mesmo tempo, se o tigre Hobbes é um amigo ideal, não se pode esquecer que ele depende, por assim dizer, da humanidade – tanto de Calvin quanto de Bill Waterson. Ele não é meramente um tigre, mas um animal que incorpora características humanas. O cartunista está ciente disso e nos apresenta um boneco de pelúcia como um caminho melhor para Calvin e para nós mesmos. A sugestão do cartunista é que sigamos o

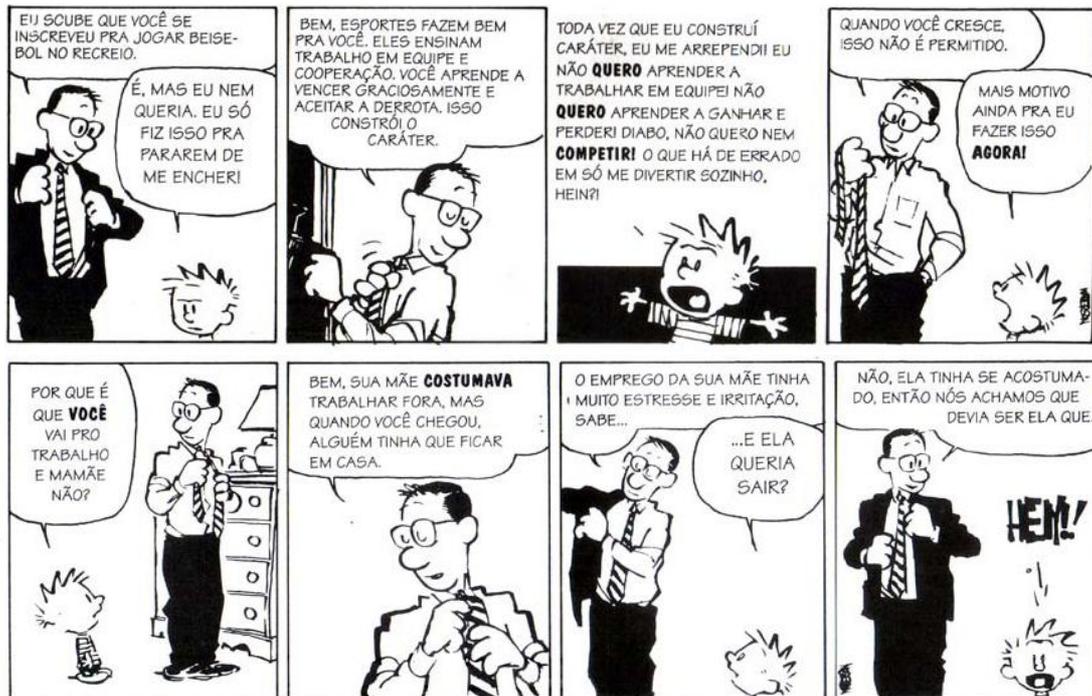
<sup>172</sup> HOBBS, Thomas. *op. cit.*, p.53.

exemplo de Hobbes, o tigre, com seu contentamento, sua lealdade e o bom humor. Como ele, podemos rir da humanidade, mas também aprender com alguém mais capaz.

## 8.2 *Meninos e meninas*

Falamos sobre a humanidade em geral, mas como se dá a representação dos gêneros em Calvin & Hobbes? Vimos que o elenco principal da tira apresenta uma divisão quase igual entre personagens femininos e personagens masculinos. Temos Calvin e o Pai assumindo o papel de menino e homem adulto, respectivamente, e podemos considerar Hobbes também, pois não há indicação de que o personagem seja, na verdade, uma tigresa. Um personagem recorrente, que não tem muita profundidade em suas aparições, mas de importância especial aqui, por exercer o papel do “brutamontes” ou do *bully* é Moe, sempre pronto a impor sua vontade por meio da agressão física. Do lado feminino, as representantes são Susie, a Mãe, Rosalyn e a Srta. Wormwood. Curiosamente, cada uma representa uma das grandes fases da vida: infância, adolescência, maturidade, velhice.

Na família de Calvin, como vimos, os papéis tradicionais da mulher e do homem estão associados a seus genitores. O homem é aquele que passa o dia fora de casa, chegando cansado do trabalho, mas cumprindo o papel de provedor da família, e sendo o representante do clã na esfera pública. É o Pai que ensina a Calvin o valor do trabalho e do esforço, uma ética trabalhista que os seguidores de Calvino aprovariam. A mulher é responsável pelas atividades domésticas, pela educação dos filhos, cumprindo suas obrigações maternais de maneira louvável (mesmo Calvin reconhece isso em algumas situações), auxiliando o marido no controle da casa, mas jamais assumindo o papel do sustento.



*O pai veste ou tira o terno que representa o trabalho: imagem recorrente na tira. Ao mesmo tempo, alguns papéis e estruturas tradicionais são satirizados nos dez anos da série.*

Por outro lado, não podemos nos esquecer que Waterson não abraça simplesmente esses valores, mas também os apresentam como estruturas frágeis. De vez em quando, o cartunista nos mostra que nem sempre a ética do pai de Calvin garante a recompensa esperada. Como uma daquelas pessoas que não têm o “emprego de verdade” da mentalidade industrial, o autor usa o menino e o tigre para criticar nossas construções sociais. Da mesma forma, desde o início da tira, vemos a mãe realizando trabalhos domésticos, mas o motivo de ela ter abandonado uma carreira fora de casa não foi a maternidade, mas sua experiência em um emprego muito estressante – um pré-requisito para criar Calvin.

Em relação aos outros personagens adultos, no entanto, vemos novamente a repetição das associações tradicionais a cada gênero. A senhorita Wormwood e Rosalyn exercem funções que são consideradas extensões da maternidade – a professora do primário e a babá. As duas são responsáveis por cuidar de Calvin em outros ambientes, prestando contas ao diretor da escola, no caso da professora, e aos pais do garoto, no caso de Rosalyn. Note-se que geralmente é o pai de Calvin quem paga a garota

(providenciando seu sustento) e a leva para casa, reproduzindo a relação entre os casal principal da série.

Entre as crianças, a situação se repete. Com Susie, vimos que suas brincadeiras preferidas envolvem a representação de atividades associadas à mulher – casinha e festa do chá. A garota questiona alguns dos valores tradicionais, ao mostrar-se disposta a brincar de guerra com Calvin e desejando uma carreira acadêmica e um emprego de sucesso no futuro. Já Calvin tem problemas em associar-se com garotas e participar dos jogos propostos por ela: render-se a uma menina seria sinal de fraqueza. Nem sempre o garoto agrada-se de participar de atividades consideradas masculinas, como a prática de esporte coletivo ou o escotismo. Entretanto, isso se deve mais a seu comportamento antissocial que a alguma objeção ao papel de homem. Moe representa o garoto maior que todos, cheio de força e pouco cerebral, intimida os outros meninos e pratica esportes na escola – novamente uma posição associada aos homens, não às mulheres.

Tais padrões foram usados e reelaborados por Waterson, mas também por João Calvino e Thomas Hobbes. O filósofo inglês, voltado especialmente para os assuntos relacionados a governo e Estado (a esfera pública), pouco dedica tempo a falar sobre a mulher, uma vez que o papel de governante era algo típico dos homens. Já o reformador de Genebra escreveu bem mais sobre o gênero feminino e o considerava imagem de Deus como o homem. Seus escritos em geral direcionavam-se a homens e mulheres, sem distinção. Ainda assim, Calvino entendia que a mulher deve cumprir o papel de auxiliadora do homem, cumprindo tarefas de casa e cuidando de filhos. Sua mais alta vocação é a maternidade, enquanto cabe ao marido a responsabilidade de trazer sustento para casa e mesmo prover as necessidades religiosas da família. Descrevendo o que esperava de uma esposa, o reformador lista algumas características que refletem seu pensamento: castidade, auxílio, modéstia. “Eis a única beleza que me atrai: que seja casta, que não seja muito exigente nem melindrosa, que saiba

economizar, que seja paciente, e que esteja preocupada com meu estado de saúde”.<sup>173</sup>

O tigre Hobbes, novamente, é aquele que foge a qualquer representação conhecida. Observamos que é possível considerá-lo um representante do gênero masculino, mas a verdade é que dificilmente o enquadraremos a um papel tradicional relacionado à figura masculina. Evidentemente, o fato de ser o representante do reino animal da série (além de ter uma natureza única) lhe dá possibilidades diferentes de papéis. Hobbes participa das brincadeiras “de menino” de Calvin, é membro fundador do “Abaixo as meninas gosmentas”, mas não tem problema em aceitar o convite para participar das festas do chá ou brincar com Susie. Como amigo ideal, o personagem não se deixa prender pelos padrões estranhos dos seres humanos.

### 8.3 A autoridade

Assentado no sofá, o pai de Calvin observa o filho apresentar o resultado das últimas pesquisas: novamente cai a popularidade do candidato à reeleição ao cargo de Pai. Desde o primeiro ano da série, Waterson satiriza o interesse que temos em saber se os governantes eleitos estão interessados em providenciar aquilo que desejamos. Se não estão, esperamos que os outros também percebam isso, o que significaria uma queda de popularidade nas próximas pesquisas. “Calvin não tem uma ideia totalmente clara de como seu pai continua Pai, então ele pesquisa sua própria opinião e tenta influenciar a política com as estatísticas”, diz Bill Waterson<sup>174</sup>. A confusão de Calvin diante da autoridade imposta sobre ele reflete uma outra pergunta que sempre interessou a humanidade: de onde vem o direito daqueles que governam, e até onde vão esses direitos?

---

<sup>173</sup> VAN HANSELMA, Thea B. *João Calvino Era Assim*, São Paulo: Editora Vida Evangélica, 1968, p. 107.

<sup>174</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.46.

A questão da autoridade interessou os dois pensadores que dão nome aos protagonistas da tira de Waterson. João Calvino, em geral, segue o pensamento medieval a respeito do assunto: as autoridades foram ordenadas por Deus, e devemos submissão a elas. “Uma vez que ao Senhor Deus apraz a manutenção do que dispôs, importa que nos sejam invioláveis os graus de eminência por ele ordenados”, diz o reformador. Ele recomenda ainda “que usemos de deferência para com aqueles que o Senhor nos fez superiores e os tenhamos em honra, em obediência e em grato reconhecimento”<sup>175</sup>. No entanto, diferente de seus precursores, o reformador acreditava que o melhor sistema de governo incluía a escolha soberana do povo<sup>176</sup>. O reformador também cria que o poder do Estado não poderia ir além dos preceitos de Deus, o que garantiria ao povo a possibilidade de opor-se e resistir a seus governantes. Em geral, porém, o que se mantém é o discurso que legitima o poder dos governantes com base na ordenação divina.

Thomas Hobbes foi além do pensamento de Calvino, dissociando o poder do Estado da vontade divina e, como vimos, entendendo-a como surgida do contrato entre os cidadãos de determinada sociedade. Existe formas diferentes de esse contrato surgir - uma mais democrática, “quando os homens concordam entre si em se submeterem a um homem ou a uma assembleia de homens, voluntariamente, confiando que serão protegidos por ele contra os outros”. E outra que Calvin entenderia ser o que acontece em sua casa: “quando um homem obriga os seus filhos a submeterem-se e a submeterem os seus próprios filhos à sua autoridade”<sup>177</sup>. O filósofo inglês, porém, também entende que existe direito de resistir ao Estado, quando este vai contra as leis naturais e a Lei de Deus, conforme as escrituras judaico-cristãs. Hobbes chama o Estado de Leviatã, um deus mortal, a quem os homens devem respeito. Entretanto, parece prevalecer a submissão ao Deus imortal em alguns casos.

---

<sup>175</sup> CALVINO, João. *op. cit.*, livro 2, p.159.

<sup>176</sup> KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 67.

<sup>177</sup> HOBBS, Thomas. *op. cit.*, p.148.

Começando pela rebelião, verificamos que ela apresenta uma única e mesma causa legitimadora no *De Corpore Politico* e no *De Cive*, qual seja, a violação das leis de natureza pelo detentor da soberania. Em consequência disto, ambos os livros também apresentam uma hipótese semelhante de rebelião, a rebelião religiosa, que ocorre seja em decorrência do medo das punições divinas, seja em virtude da esperança de recompensas divinas. (...) O homem hobbesiano talvez obedeça por fé. Possivelmente por isso o poder supostamente irresistível do Deus mortal acabe por sucumbir, definitivamente, ao Deus Imortal<sup>178</sup>.

Calvin recusa submeter-se a qualquer tipo de autoridade que o impeça de alcançar aquilo que deseja. Talvez por isso, o personagem com quem melhor se relacione seja Hobbes. O tigre jamais impõe sua vontade ou apresenta discurso que legitime algum tipo de autoridade da sua parte. Por outro lado, os pais, a professora, o valentão e a babá sempre se colocam como detentores do poder, aqueles que têm o direito de impedir que o garoto se divirta ou realize suas travessuras. Para ele, porém, nenhum deles apresenta alguma base aceitável para exercer poder sobre ele. A professora e a escola não parecem ser as detentoras de conhecimento que dizem ser, o valentão só consegue o que quer porque tem força, e a babá deriva sua autoridade do dinheiro que recebe dos pais. Nas tiras sobre a escola, Calvin parece reproduzir o discurso de Waterson sobre o assunto. Como alguém que não vê a infância de maneira nostálgica, o cartunista comemora o fato de não ter de lidar com pessoas como Moe ou os professores.

Sobre a Mãe e o Pai, vemos que o garoto nem sempre está disposto a aceitar a autoridade dos dois, sendo movido mais pelo medo da punição, pelo interesse ou por gratidão (normalmente à mãe), que por algum reconhecimento de que há qualquer autoridade intrínseca nas figuras paterna ou materna. Waterson, entretanto, não parece concordar com a opinião de sua criação. Certamente, ele não oferece uma resposta final para as figuras de autoridade na família, mas parece abraçar os valores tradicionais da família, uma vez que Calvin realmente precisa de algum tipo de freio. Para o

---

<sup>178</sup> POGREBINSCHI, Thany. *Os dois deuses de Hobbes. Limites da obrigação política hobbesiana*. DoisPontos, América do Norte, 6, jun. 2009., p.170-171. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/doispontos/article/view/14674/9854>. Acesso em: 14 Dez. 2010.

cartunista, os pais saíram-se bem nessa árdua tarefa. “Acho que eles fizeram um trabalho melhor que eu faria”<sup>179</sup>.



Quando os pais impõem sua vontade sobre Calvin

Calvin tenta convencer seus genitores do que dizem as pesquisas, mas para Waterson, são justamente esses gráficos, dotados de algum tipo de autoridade sobre nossa imaginação, que se deve questionar. Se não sabemos ao certo porque algumas pessoas exercem poder sobre nós, o cartunista oferece uma opinião pouco ortodoxa e libertária. Nem todos concordariam com ela, mas nos lembra de que podemos ser mais parecidos com Calvin do que gostaríamos: “a política parece ser cada vez mais dirigida pelas pesquisas, embora eu não saiba se há alguma ligação entre o que nós precisamos e o que nós queremos”<sup>180</sup>.

#### 8.4 Uma teologia calvinista

Em uma entrevista composta de perguntas feitas pelos leitores de Calvin & Hobbes, Bill Waterson foi perguntado sobre a presença da simbologia católica em seu trabalho<sup>181</sup>. O cartunista declarou simplesmente

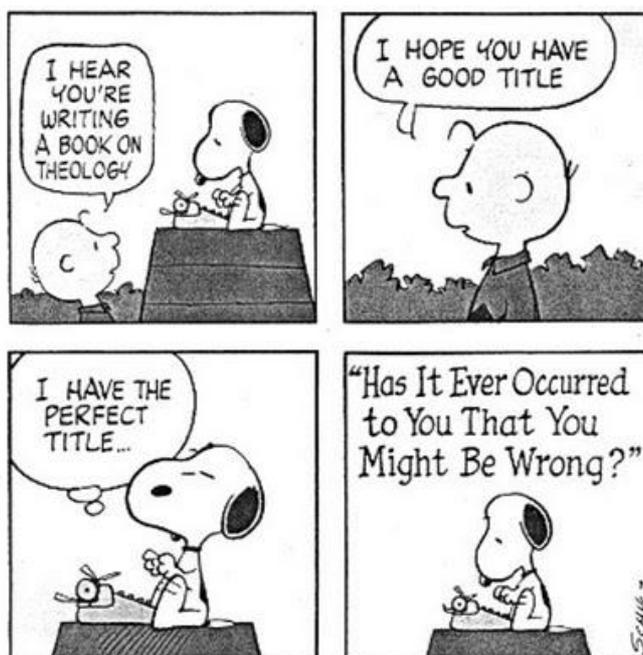
<sup>179</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.18.

<sup>180</sup> *Ibid.*, p.46

<sup>181</sup> Entrevista disponível em <

[http://www.andrewsmcmeel.com/calvinandhobbes/interview\\_text.html](http://www.andrewsmcmeel.com/calvinandhobbes/interview_text.html) >. Acesso em: 12.out.2010.

que não frequenta qualquer igreja. O que motivou a pergunta é a presença de diferentes símbolos e expressões religiosas nos dez anos da tira. É evidente que existe uma interação entre o discurso do autor e os diferentes discursos religiosos. O quadrinhista assume que acompanhou assiduamente os quadrinhos de Charles Schulz, logo está familiarizado com o uso de elementos teológicos em uma tira de quadrinhos.



*Uma das tiras de Schulz com a temática divina.*

*Charlie Brown: "Soube que você está escrevendo um livro sobre teologia. Espero que tenha um bom título."*

*Snoopy: "Eu tenho título perfeito. 'Já lhe ocorreu que você talvez esteja errado?'."*

Diferente de Waterson, o criador de Snoopy frequentou igrejas e permitiu que seus personagens expressassem de maneira mais explícita seu lado religioso. Linus, em especial, assume o papel de porta-voz de Schulz, citando as escrituras judaico-cristãs e levantando questionamentos religiosos. Ainda assim, podemos ver em Calvin & Hobbes a presença de um discurso sobre religião e Deus, como veremos a seguir.

A teologia calvinista pode ter ajudado a dar forma às doutrinas e à práxis protestante nos séculos seguintes, mas em geral, o reformador seguiu a antiga tradição católica quando o assunto era a natureza e os atributos de

Deus. Calvino cria em um Deus onipotente, imutável e santo, que pune o pecado, mas está pronto a fazer o bem aos homens. Segundo o teólogo francês, os homens “tudo devem a Deus, são assistidos por seu paternal cuidado, é ele o autor de todas as coisas boas, daí nada se deve buscar fora dele”<sup>182</sup>. A grande diferença entre o teólogo de Genebra e os doutores católicos, porém, encontra-se na questão da salvação do ser humano.

Para o reformador, o homem, totalmente corrompido, em nada contribui para o processo de salvação. É necessário que Deus tome a iniciativa de salvá-lo, desde o princípio dos tempos (a predestinação), transforme sua natureza (regeneração) e o preserve salvo até o dia do julgamento. Sua ênfase na ação divina sobre o homem dá-se pelo que o reformador entendia como graça – um dom entregue sem qualquer merecimento do homem, sem troca ou pagamento, onde o condenado (ainda que reconhecidamente culpado) era declarado justo porque Deus desejou desde a eternidade que Cristo levasse o castigo de seus eleitos.

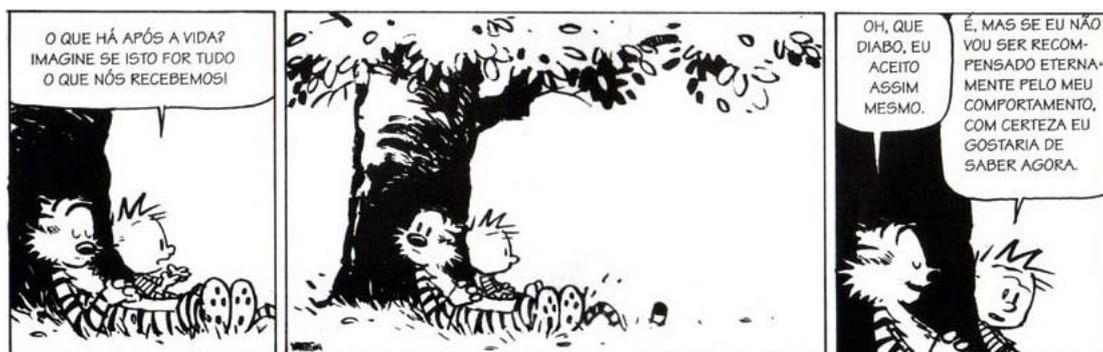
Apesar dessa primazia divina na salvação da humanidade, Calvino entendia que o crente tinha a responsabilidade de buscar uma vida piedosa e afastar-se do pecado, como prova e consequência de sua eleição. Por isso, apesar de entender que Deus era aquele que realizava todo o processo de salvação do ser humano, o teólogo pôde pedir o fim de diversas práticas em Genebra, como o teatro e os jogos de carta, e pregar diligentemente sobre o que um vida de verdadeira piedade.

A religião de Thomas Hobbes é um assunto que levantou polêmica entre os estudiosos de seu pensamento. Em seu tempo, o filósofo inglês foi acusado de ser ateu por um de seus maiores críticos, o bispo anglicano Bramhall. De fato, as posições mecanicistas do cientista político o levaram a ser classificado por alguns como deísta, enquanto outros o entendem como um cristão, pelo fato de suas citações frequentes à Escritura. Embora não possamos encontrar em Hobbes uma demonstração de práticas religiosas de uma maneira tão clara quanto em Calvino, é sabido que o filósofo adotava

---

<sup>182</sup> CALVINO, João. *op. cit.*, livro 1, p.45.

com certas as doutrinas básicas da igreja<sup>183</sup>. Apesar de admitir que interpretava o texto bíblico de maneira diferente da tradição cristã<sup>184</sup>, o cientista político tentava sempre acrescentar alguma parte da Escritura como prova de que suas proposições, baseadas na razão humana, tinham aval divino.



*O debate sobre a vida além da morte é um tema comum na série*

Em Calvin & Hobbes, quando algum personagem cita uma figura divina, ela geralmente assume as características da divindade judaico-cristã. Em geral, as referências a Deus envolvem um pedido por intervenção, da parte de Calvin, pressupondo que essa deidade tenha a habilidade de fazer o que deseja – ou melhor, o que Calvin deseja. Mesmo a tira em que o garoto assume o papel de Deus, enquanto brinca com blocos de construção, ecoa a narrativa da criação do mundo segundo o livro de Gênesis. Outro tema comum diz respeito à vida após a morte e a ideia judaico-cristã de que receberemos recompensas após o dia do julgamento. Em certa tira, o garoto mostra-se interessado pelo assunto pois, caso não haja retribuição futura, ele não terá de preocupar-se com as consequências de seus atos. Em outras, Calvin e Hobbes perguntam-se sobre a presença de tigres em um paraíso futuro.

<sup>183</sup> No capítulo XVIII, seção 10 de *Do Cidadão*, p. 279, por exemplo, Hobbes diz que a fé em Jesus como o Cristo é pré-requisito para a salvação.

<sup>184</sup> HOBBS, Thomas. *Leviatã*, p.6.



Diferente de seus precursores, Waterson assume na tira uma posição quase agnóstica em relação à figura divina. Enquanto Calvino e Thomas Hobbes apresentam em seus escritos um discurso religioso, como intérpretes da Palavra de Deus, o cartunista prefere negar qualquer resposta dogmática. Certamente, ele tem algo a dizer sobre a religião, ao mostrar um protagonista que somente invoca o nome de Deus para alcançar seus fins pessoais ou em situações de desespero. “Nós todos queremos ir para o céu, mas ninguém quer fazer o que é preciso para chegar lá”<sup>185</sup>, diz Waterson. Além disso, as tiras deixam transparecer que Waterson e suas criações notam que se há alguém que criou ou controla tudo, é preciso admitir que as coisas não parecem fazer muito sentido, às vezes.

Por outro lado, nas tiras em que Calvin e Hobbes observam as estrelas, maravilhados com a imensidão do universo, refletem a busca humana por algo que vai além de nós mesmos, sejam símbolos, mitos ou apenas uma expressão de nós mesmo. Uma resposta para essa questão talvez esteja em Calvin, em sua busca por uma realidade maior que sua vida cotidiana. Um mundo de aventura, magia e tecnologia, ao lado de seu melhor amigo – o paraíso na terra.

<sup>185</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.89.

## 8.5 O bom velhinho e o mau menino

Existe, no entanto, um personagem que parece assumir o papel da divindade nas tiras de Calvin & Hobbes. Curiosamente, ele só é mencionado nas tiras de dezembro, na época de Natal – o Papai Noel. Na tira de Waterson, esse personagem tem as características tradicionais associadas a ele: um “bom velhinho”, que mora no Pólo Norte, para quem fazemos nossos pedidos de Natal, que são respondidos apenas se formos bons durante o ano. Não se sabe como o Papai Noel enxerga tudo, mas é simplesmente aceito que ele é um bom juiz de quem foi ruim ou bom. A punição dos maus é ficar sem seus presentes, enquanto os merecedores são recompensados. Existe também o fato comercial por trás da popularização de sua figura: as crianças esperam receber presentes, e quem os compram são os pais. O ideal burguês de ser recompensado pelos seus bons esforços encontra-se na figura do Papai Noel, e Waterson não está alheio a isso.

Com Calvin não é diferente. Ele espera a chegada do Papai Noel e faz seus pedidos todo ano. Porém, desde o primeiro ano da tira, o seu relacionamento com o bom velhinho é dos mais conturbados. Conhecido por suas travessuras e tendência a provocar os outros, o garoto sabe que dificilmente seria presenteado pelo personagem natalino. Assim, as tiras de dezembro geralmente são dedicadas a mostrar o conflito interno de Calvin entre fazer o bem ou continuar sua divertida vida de provocador. Waterson aproveita essa época do ano para entrar nesse assunto: “com frequência uso a temporada do Natal para Calvin lutar com o bem e o mal. Ele quer ser bom, mas pelos motivos errados”<sup>186</sup>.

---

<sup>186</sup> WATTERSON, Bill. *op. cit.*, p.102.



*Uma das tiras de Natal, com a resposta de Calvin ao problema bem x mal*

Para Calvino, a fonte de toda moralidade encontra-se nos decretos de seu Deus, em especial nos dez mandamentos, sendo impossível para a humanidade alcançar esse conhecimento naturalmente, embora tenha dentro de si uma consciência que lhe dá alguns valores a seguir<sup>187</sup>. Hobbes, por outro lado, entendia que cada um chama de bom aquilo a que deseja, e somente por meio do contrato social e das leis provenientes desse acordo, poderíamos chegar a uma conclusão sobre o assunto.

De onde vem nosso padrão moral? Nas tiras de Waterson, cabe ao Papai Noel o papel de juiz. Entretanto, nem ele está isento dos questionamentos de Calvin. “Quem escolheu o Papai Noel? Como sabemos se ele é imparcial? Que critério ele usa para determinar bem e mal?”, reclama o garoto para o tigre. É claro que a intenção de Calvin é bem diferente da procura de Calvino pela piedade ou de Thomas Hobbes pelo estado de paz entre os seres humanos. Hobbes, o tigre, sabe muito bem o que o menino deseja: escapar da culpa de um alguma travessura misteriosa (que Waterson deixa a cargo do leitor imaginar o que aconteceu) chamada de o “incidente da salamandra”. Ainda assim, a pergunta é válida – quem decide o que é certo ou errado?

<sup>187</sup> CALVINO, João. *op. cit.*, livro 1, p.49-50.



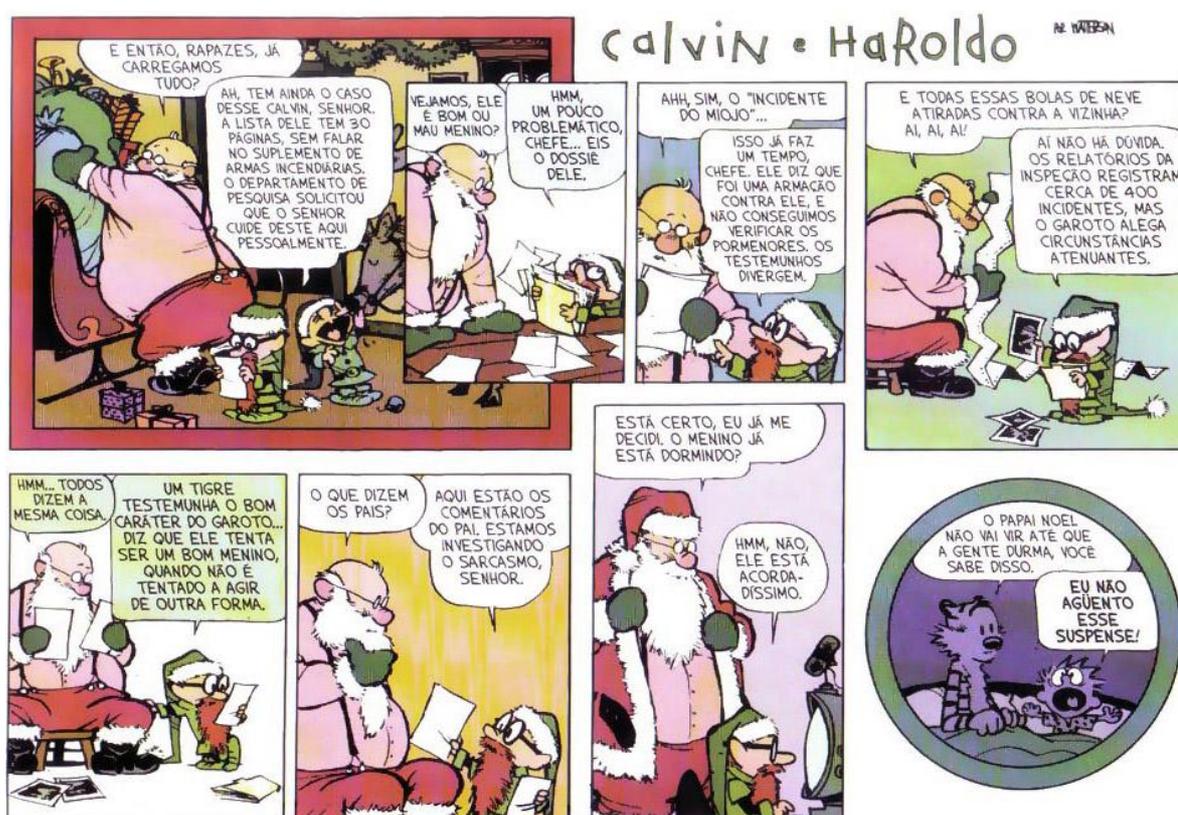
A figura do Papai Noel é questionada por Calvin.

Nos anos seguintes, a questão do bem e do mal ganha novas cores quando Calvin não leva em consideração apenas os atos bons, mas a motivação. Isso é, como garoto mau que é, será que apenas praticar externamente ações boas lhe garantem o presente esperado? Temos de ser realmente bons ou apenas parecer bons? Nesse ponto, o reformador e o filósofo discordam. João Calvino entende que a religião deve vir do coração do ser humano, advindo de um desejo genuíno de fazer o bem. Já Thomas Hobbes entende, por outro lado, que o fato de o homem realizar um ato em favor do outro, mesmo contra sua vontade, já mostra uma disposição para a paz. Novamente, uma resposta irônica vem do tigre: “acho que o Papai Noel

terá de lidar com o que tem”. Como vemos, Hobbes muitas vezes é o portador da opinião de Waterson, e essa resposta é sempre um bem humorado comentário sobre nossa dificuldade em fazer o que acreditamos ser o certo.

Se Calvin é bom ou mau, não podemos dizer. Sabemos que, na mente do garoto, suas ações não serão bem vistas aos olhos do bom velhinho. É nesses momentos, lidando com uma criatura quase onisciente que Calvin demonstra um pouco de culpa. Porém, o que Papai Noel diria? Como Calvin argumenta em outra das tiras natalinas, seu esforço para praticar o bem é muito maior do que o esforço de um bom menino, que tem prazer na virtude e nas boas ações.

Felizmente para o garoto, Waterson nos dá uma resposta sobre essa questão, na última história natalina estrelada pelo garoto e o tigre. Pela primeira vez, adentramos em um ambiente fantástico que não parece surgir da mente de Calvin.



No último momento, Papai Noel manifesta “graça” sobre o malvado Calvin

Embora não saibamos a natureza desse relato, a tira registra o que acontece na fábrica do Papai Noel antes de entregar os presentes. Os duendes têm problemas com o pedido de trinta páginas “desse tal de Calvin”, além de debaterem com seu patrão se o garoto é ruim ou bom. Algumas evidências favoráveis e contrárias à índole do menino são citadas, como o infame “incidente do macarrão” (mais uma história não contada por Waterson), os ataques à Susie, além de declarações atenuantes de Hobbes e do Pai. Graça ou condenação? O veredicto de Calvin será dado aqui, na última tira de Natal. Apesar de todas as travessuras registradas nos dez anos da série, Papai Noel decide presentear o menino. A tira termina com o velhinho e o duende observando Calvin e Hobbes por seu monitor e descobrimos outro lado do universo de Waterson que não conhecíamos: Papai Noel parece ser tão real quanto o tigre de Calvin, e ele declarou o garoto justo. Vemos uma adaptação da ênfase antimeritória da teologia de João Calvino.

Um padrão se repete em diversas sequências do ano final da série: um tipo de “redenção”, ou de “reconciliação” entre Calvin e alguns de seus inimigos. A escola, a babá e a culpa são vencidos, respectivamente, pela imaginação, pela desorganização do Calvinbol e pela bondade de Papai Noel. Há uma resposta para os problemas de Calvin. Bill Waterson, João Calvino e Thomas Hobbes têm em comum sua visão negativa da humanidade. Entretanto, eles também compartilham em seus escritos um desejo de ver o problema ser corrigido. Às vezes, Waterson, Calvino e Hobbes até oferecem algumas respostas – e podemos concordar com elas ou não – mas não podemos considerar apenas pessimistas aqueles que tentaram mostrar alguma esperança à humanidade.

## Conclusão

Há quinze anos, a publicação de Calvin & Hobbes foi encerrada e Bill Waterson finalizou as aventuras de seus dois heróis. Aos leitores cabe apenas voltar àquilo que já foi escrito, à procura de um detalhe que não foi visto anteriormente, da lembrança de algum momento singelo entre os dois amigos ou de uma piada que fica mais engraçada com o tempo. É o caso desse trabalho.

Esta pesquisa surgiu do desejo de refletir e analisar de maneira mais profunda o trabalho de Bill Waterson, além de satisfazer uma curiosidade que muitos leitores carregaram com os anos: o relacionamento entre os nomes dos personagens e de seus homônimos históricos. A ideia inicial era essa, mas este trabalho tornou-se algo mais amplo, desafiador e, ao mesmo tempo, mais divertido. Por meio dessa análise do trabalho de Waterson, pudemos nos aprofundar nos símbolos, no discurso e no imaginário de Calvin & Hobbes, descobrindo que não apenas João Calvino e Thomas Hobbes estão lá, mas uma gama de experiências, lembranças e questionamentos de Bill Waterson.

Vimos que, na busca por liberdade de Calvin, encontramos a busca de seu criador pela liberdade sobre suas criações. Observamos que o amigo ideal Hobbes diz muito sobre o pessimismo que Waterson sentia nos anos em que a tira foi produzida. Embora ele tenha ressalvas com a humanidade em geral, Calvin & Hobbes surge em um momento de tensão: guerra fria, a crise dos países socialistas, conflitos no Oriente Médio, a crise ecológica, insegurança mundial. Na verdade, se considerarmos as situações pelas quais Bill passou, a tira parece otimista diante do momento em que deu vida ao garoto e seu tigre.

Percebemos também que nem tudo é inovador no trabalho de Waterson. Observa-se que em suas tiras muitos valores tradicionais são reforçados, como a representação da mulher e do homem, os papéis destes na família também tradicional e na sociedade, o tipo de comportamento que

uma menino e uma menina deve ter e a ética trabalhista da sociedade industrial. Apesar dos questionamentos que Calvin levanta, nem sempre ele esteve imune a certas construções sociais que moldaram Bill Waterson.

Podemos dizer também que Calvin e Hobbes está profundamente ancorada em diversos elementos do imaginário infantil e popular. Waterson apresenta novidades nessa área, criando narrativas, mundos e personagens diferentes do que já conhecíamos. Mas ele também se apropria de elementos de outras histórias, remodelando-as para a premissa da série. São esses códigos, compreendidos e compartilhados por seus leitores, que deram força à tira em seus dez anos de publicação, e ainda a mantém na memória de seus leitores.

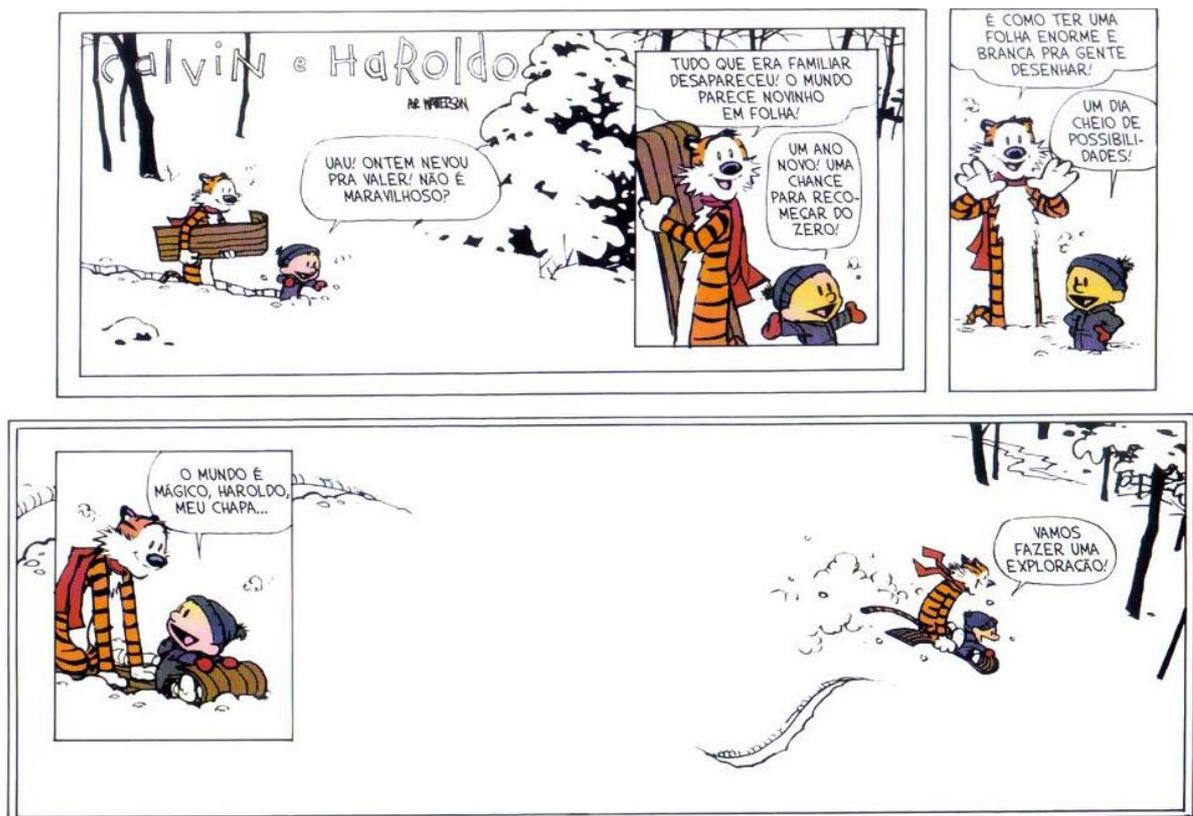
Em relação aos personagens históricos, que deram início a essa empreitada, chegamos à conclusão de que há muito em comum entre o pensamento de João Calvino e Thomas Hobbes e os personagens e situações da tira. Calvin e Hobbes não são cópias exatas de seus homônimos, evidentemente, mas muitas situações da série fazem referência ao pensamento desses autores. Às vezes, é Calvin ou Hobbes que repetem o discurso do filósofo inglês ou do teólogo francês, mas é comum que outras figuras, como o Pai ou a escola sejam os porta-vozes dos dois personagens históricos.

É importante ressaltar que escolhemos apenas alguns temas em que notamos afinidade maior entre Waterson e seus precursores. Poderíamos citar outras questões, como a educação, tão criticada por Calvin e tão valorizada por Calvino, ou a imaginação, algo que Thomas Hobbes entende como o diferencial dos seres humanos em relação aos animais. O tigre Hobbes, ele mesmo um ser imaginário e representante dos animais na tira, talvez discordasse dessa assertiva. Entretanto, apenas os poucos assuntos escolhidos nos mostram que Waterson dialogou com Calvino e Hobbes e mesmo reelaborou os discursos dos autores.

A verdade é que Waterson nos deu um universo com elementos com inúmeras possibilidades de interpretação e rumos a serem tomados em uma reflexão sobre sua tira. Como foi dito no início, só podemos voltar àquilo que

ele produziu nesses dez anos e tentar achar detalhes que não foram vistos anteriormente.

Mesmo a última tira de Calvin e Hobbes abre espaço para nossa imaginação. Os dois protagonistas se veem diante de toda a paisagem da vizinhança coberta por neve. O que era familiar desapareceu. O tigre percebe que essa situação lembra uma folha de papel em branco, pronta para ser coberta por desenhos. O garoto concorda com o companheiro, dizendo: “Um dia cheio de possibilidades. É um mundo mágico, Hobbes, velho amigo. Vamos explorar!”. A tira encerra com os dois partindo em seu trenó rumo à infinidade de possibilidades da folha branca. Cabe ao leitor imaginar como a história continua. Cabe ao pesquisador continuar explorando. Eles sempre estiveram em um mundo mágico, e ali continuarão.



## Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2002.

ALGEO, John (org.). *Fifty years among the new words: a dictionary of neologisms*. New York: Cambridge University Press, 1991.

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret Editora, 2005.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa. Contexto, Imagem e Som*. Petrópolis, Vozes, 2003.

BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

BERNARDES, Júlio. *Hobbes & a liberdade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

BIÉLER, André. *O pensamento Social e Econômico de Calvino*. São Paulo: Casa Editora. Presbiteriana, 1990.

BIEMA, David van. *10 Ideas Changing the World Right Now*. Disponível em < [http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1884779\\_1884782\\_1884760,00.html](http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1884779_1884782_1884760,00.html) >. Acesso em 10.out.2010.

BOBBIO, Norberto. *Thomas Hobbes*. Rio de Janeiro, Campus, 1991.

BORGES, Rodrigo L. P. RIBEIRO JR, Josafias C. SOUTO, Tiago Peixoto. *A AGÊNCIA: Um projeto em quadrinhos*. Monografia apresentada à Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2007.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

CALVINO, João. *As Institutas*. Tradução Waldir Carvalho Luz. 2 ed. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 1985.

\_\_\_\_\_. *Romanos*. São Paulo: Ed. Paracletos, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Livro de Salmos*. São Paulo: Ed. Paracletos, 1999.

CANDIDO, A. e outros. *A personagem de ficção*. São Paulo, Perspectiva, 1971

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 1982.

CIRNE, Moacy. *História e crítica dos quadrinhos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. Europa: FUNARTE, 1990.

COMPARATO, Doc. *Da Criação ao Roteiro*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1995.

CRAMPTON, W. Gary. *What Calvin Says: An Introduction to the Theology of Jonh Calvin*. Maryland: The Trinity Foundation, 1992.

DIETZ, Mary G. (org.). *Thomas Hobbes and Political Theory*. Lawrence, Kansas. University Press of Kansas, 1990.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. Tradução: BORGES, Luís Carlos. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.

FACHIN, Odília. *Fundamentos de metodologia*. São Paulo: Saraiva, 2001.

FEDRIZZI, Alfredo et al. *O Humor Abre Corações e Bolsos*. Rio de Janeiro: Ed. Campus Ltda., 2003.

FIORIN, José Luiz. Teoria e metodologia nos estudos discursivos da tradição francesa. in: SILVA, D.E.G.; VIEIRA, J. A.s (org.). *Análise de Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Universidade de Brasília/Oficina Editorial do Instituto de Letras/Editora Plano, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FREUD, Sigmund (1905). *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.8).

GEORGE, Timothy. *A Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

HARRIS, Alex. HARRIS, Brett. *Radicalize: um desafio para fazer diferença na adolescência*, São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

HEER, Friedrich. *Challenge of Youth*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1974.

HELD, Jacqueline. *O Imaginário no Poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus Editorial, 1980, 2ª edição

HOBBS, Thomas. *Behemoth, ou o Longo Parlamento*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. *Do Cidadão*. São Paulo: Martin Claret. 2004.

\_\_\_\_\_. *O Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil.*, São Paulo, Os Pensadores, 4 ed., Nova Cultura, 1998.

HOFSTADTER, Richard. *The American Political Tradition and the Men who Made It*. Nova York, NY: Vintage Books Editions, 1948.

HULSIZER, Tim. *A Short Biography Of Bill Watterson*. Disponível em < <http://ignatz.brinkster.net/csimple.html> >. Acesso em 12 de novembro de 2010.

JUNG, Carl Gustav et al. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

LARRAIA, Roque de Barros. *Cultura – Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 2001.

LEGROS, Patrick, MONNEYRON, Frédéric, RENARD, Jean-Bruno, TACUSSEL, Patrick. *Sociologia do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Atica, 1985. Série Princípios.

LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2005.

LIMONGI, Isabel Maria. *Hobbes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MACKENZIE, Donald A. *Myths of China and Japan*. Kessinger Publishing, Whitefish: Montana, 2005.

MARTELL, Nevin. *Looking for Calvin and Hobbes: The Unconventional Story of Bill Watterson and His Revolutionary Comic Strip*. Maiden Lane, NY: Continuum International Publishing Group, 2009.

MARTENS, Nick. *Watterson`s World: The Authoritative "Calvin and Hobbes"*.

Disponível em <

<http://bygonebureau.com/2009/02/25/wattersons-world-the-authoritative-calvin-and-hobbes/> >. Acesso em 04. out. 2010.

\_\_\_\_\_. *What is Hobbes?*. Disponível em <

<http://bygonebureau.com/2009/01/30/wattersons-world-what-is-hobbes/> >.

Acesso em 04. out. 2010.

MATOS, Alderi Souza de. *Um Vaso de Barro: A Dimensão Humana de João Calvino*. Fides Reformata, São Paulo, São Paulo, vol. 14, nº 2, julho.2009.

Disponível em <

[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides\\_Reformata/Um\\_Vaso\\_De\\_Barro\\_-\\_A\\_Dimensao\\_Humana\\_De\\_Joao\\_Calvino\\_Alder\\_i\\_.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides_Reformata/Um_Vaso_De_Barro_-_A_Dimensao_Humana_De_Joao_Calvino_Alder_i_.pdf) >.

Acesso em: 01. nov. 2010.

MATOS, Ismar Dias de. *Uma Descrição Do Humano No Leviathan, de Thomas Hobbes*. São Paulo: Annablum, 2007.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: Ed. M. Books, 2004.

\_\_\_\_\_. *Reinventando os quadrinhos – Como a imaginação e a tecnologia vêm revolucionando essa forma de arte*. São Paulo: Ed. M. Books, 2006.

\_\_\_\_\_. *Desenhando Quadrinhos – Os Segredos das Narrativas de Quadrinhos, Mangás e Graphic Novels*. São Paulo: Ed. M. Books, 2008.

MCGRATH, Alister. *A Vida de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MEZAN, Renato. *Freud: A Trama dos Conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MOORE, Andrew Robert. *Poems by William Blake - study guide*. Disponível em < <http://www.eriding.net/amoore/poetry/blake.htm#tiger> >. Acesso em 17. nov. 2010.

MOYA, Álvaro de(org.); CIRNE, Moacy; AIZEN, Naumim; d'ASSUNÇÃO, Otacílio. *Literatura em quadrinhos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias*. Brasília: Ed.UnB, 2007.

\_\_\_\_\_. *Grafic Novel quadro a quadro: uma decupagem da estrutura narrativa das HQs*. Dez-1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento*. Campinas: Pontes, 2003

\_\_\_\_\_. *Análise do Discurso: princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.

PARSONS, Burk (org.). *João Calvino - Amor à Devoção, Doutrina e Glória de Deus*. Editora Fiel, São José dos Campos, São Paulo, 2010.

PEARCEY, Nancy. THAXTON, Charles. *A Alma da Ciência*. São Paulo. Cultura Cristã, 2005.

POGREBINSCHI, Thany. *Os dois deuses de Hobbes. Limites da obrigação política hobbesiana*. DoisPontos, América do Norte, 6, jun. 2009., p.170-171.

Disponível em:

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/doiPontos/article/view/14674/9854>.

Acesso em: 14 Dez. 2010.

REID, W. Stanford (Editor). *Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental*. São Paulo: Casa Editora. Presbiteriana, 1990

RIBEIRO, Renato Janine. *Um filósofo que tinha religião*. Disponível em < <http://www.renatojanine.pro.br/Prefacios/thamy.html> >. Acesso em 12.nov.2010.

ROBBINS, John W. *Quem foi João Calvino?* Disponível em < [http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/quem-foi-calvino\\_robbins.pdf](http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/quem-foi-calvino_robbins.pdf) > . Acesso em: 30.set.2008.

SANDIFER, Philip. *When Real Things Happen to Imaginary Tigers*. Disponível em < [http://www.english.ufl.edu/imagetext/archives/v3\\_3/sandifer/](http://www.english.ufl.edu/imagetext/archives/v3_3/sandifer/) >. Acesso em: 28.set.2008.

SANTAELLA, L. *Comunicação e Pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado*. São Paulo: Hacker, 2001

SELIGMAN, Flávia. *A comédia de costumes e a sexualidade no cinema brasileiro: três ciclos de boa bilheteria*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009, Curitiba. *Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*

SILVA, Nadilson M. da. *Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24, 2001, Campo Grande. Anais online... São Paulo: Intercom. Disponível em: < <http://reposcom.portcom.intercom.org.br> >. Acesso em: 29 jun. 2009.

SILVESTRE, Armando. *Calvino: o potencial revolucionário de um pensamento*. Editora Vida, São Paulo, 2009.

SKINNER, Quentin. *Hobbes e a Teoria Clássica do Riso*. Rio Grande do Sul: Ed. Unisinos, 2002.

\_\_\_\_\_. *As fundações do pensamento moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

THOMAS, Derek. *Blog 1: "To the Reader"*. Disponível em <  
<http://www.reformation21.org/calvin/2009/01/blog-1-to-the-reader.php> >.  
Acesso em 16. nov. 2010.

VAN HANSELMA, Thea B. *João Calvino Era Assim*, São Paulo: Editora Vida Evangélica, 1968.

VERGUEIRO, Waldomiro. SANTOS, Roberto Elísio dos. *A Pesquisa sobre histórias em quadrinhos na Universidade de São Paulo: análise da produção de 1972 a 2005*, UNIrevista, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Vol.1, nº3, jun.2006. Disponível em  
< [http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/UNIrev\\_VergueiroSantos.PDF](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_VergueiroSantos.PDF) >.  
Acesso em: 29.set.2008.

VIANA, Nildo. *A era da aventura no mundo dos quadrinhos*, Revista Espaço Acadêmico, N.35, abr- 2004.

WAGNER, Adriana (org.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.

WATTERSON, Bill. *Bill Watterson, creator of beloved 'Calvin and Hobbes' comic strip looks back with no regrets*, Cleveland: The Plain Dealer. 01. fev .2010. Entrevista concedida a John Campanelli. Disponível em <  
[http://www.cleveland.com/living/index.ssf/2010/02/bill\\_watterson\\_creator\\_of\\_belo.html](http://www.cleveland.com/living/index.ssf/2010/02/bill_watterson_creator_of_belo.html) >

\_\_\_\_\_. *Calvin and Hobbes Creator Draws On the Simple Life*, Los Angeles: Los Angeles Times. 01. abr.1987. Entrevista concedida a Paul Dean. Disponível em < <http://ignatz.brinkster.net/csimple.html> >.

\_\_\_\_\_. *Os Dez Anos de Calvin e Haroldo*. São Paulo: Best Expressão Social e Editora Ltda, 1995.

\_\_\_\_\_. *The Calvin and Hobbes Tenth Anniversary Book*. Kansas City, KS: Andrews McMeel, 1995.

\_\_\_\_\_. *The Complete Calvin and Hobbes*. Andrews McMeel Publishing 2005.

\_\_\_\_\_. *The Short, Tongue-in-cheek Autobiography of Bill Watterson*. Disponível em < <http://ignatz.brinkster.net/cautobio.html> >.

WEST, Richard Samuel; *Interview: Bill Waterson, The Comics Journal*. Ano. 12, N.127, fev.1989. Disponível em < <http://ignatz.brinkster.net/ccomicsjournal.html> >.

WILLIAMS, Gene. *Waterson: Calvin's Other Alter Ego*. Cleveland: The Plain Dealer. 30. ago. 1987. Disponível em < <http://ignatz.brinkster.net/calterego.html> >. Acesso em 12 de novembro de 2010.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação de massa*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.